H.G WELLS

A ILHA DO DR. MOREAU

LiteraMundo

Comandada por um capitão bêbado de nome John Davies, partiu de Arica2 com uma onça e outros animais a bordo em janeiro de 1887; que essa embarcação era bastante conhecida em portos do Pacífico Sul; e que finalmente desapareceu naqueles mares (com uma carga de coco seco a bordo), navegando de Banya para um destino desconhecido, em dezembro de 1887, data que se encaixa à perfeição na história contada por meu tio.

CHARLES EDWARD PRENDICK

I

No escaler do Lady Vain Não tenho o propósito de trazer nenhuma informação nova a tudo quanto já foi escrito com relação ao naufrágio do Lady Vain. Como é de conhecimento geral, ele se chocou com uma embarcação à deriva dez dias após zarpar de Callao. O bote salva-vidas principal, com sete tripulantes, foi encontrado dezoito dias depois pelo H. M. Myrtle, da esquadra britânica, e o relato das suas privações tornou-se quase tão notório quanto o caso, muito mais terrível, dos náufragos do Medusa.3 Tenho, no entanto, de complementar a história do Lady Vain com outra tão horrível quanto ela, e certamente mais estranha. Supunha-se até agora que os quatro homens que escaparam ao naufrágio num escaler teriam perecido, mas isto não é verdade. Tenho a melhor das provas para o que afirmo, porque sou um deles.

Em primeiro lugar, no entanto, devo esclarecer que em momento algum existiram quatro homens no escaler; o número correto é três. Constans, que segundo o Daily News de 17 de março de 1887 "foi visto pelo capitão saltando para o escaler", para sorte nossa, e infortúnio seu, não conseguiu juntar-se a nós. Quando ele atravessou o emaranhado de cabos que rodeavam a verga esmagada pela colisão e saltou, um pedaço de cabo enrolou-se em seu pé; ali ele ficou por um instante, pendurado de cabeça para baixo, e em seguida caiu, chocandose com uma viga ou um mastro que boiava na água. Remamos na sua direção, mas ele jamais voltou à tona.

Digo que, para sorte nossa, ele não conseguiu alcançar nosso pequeno bote, e quase posso dizer para sorte dele próprio; porque dispúnhamos apenas de um pequeno barril de água e alguns biscoitos úmidos, tão súbito havia sido o alarme, e tão despreparado estava o navio para um desastre daquelas proporções. Imaginamos que as pessoas no salva-vidas estariam mais bem abastecidas (embora, ao que parece, não fosse este o caso), e tentamos acenar para chamar sua atenção. Elas não poderiam ter nos escutado, e no dia seguinte, quando a chuva amainou — o que não

ocorreu senão após o meio-dia —, já as perdêramos de vista. Não conseguíamos ficar de pé para olhar em torno, de tanto que o bote era sacudido pelas ondas. Os outros dois homens que tinham escapado comigo eram um passageiro como eu, chamado Helmar, e um marujo cujo nome não cheguei a saber, um homem baixo e musculoso, que gaguejava um pouco.

Ficamos à deriva, esfaimados, e, depois que nossa água acabou, atormentados por uma sede insuportável, ao longo de oito intermináveis dias. Do segundo dia em diante, o mar acalmou-se devagar até ficar parecendo um espelho. O leitor comum não pode conceber o que aqueles dias foram para nós. Ele não tem na sua memória — felizmente para ele! — termos de comparação. Depois do primeiro dia mal falávamos uns com os outros, e nos limitávamos a ficar deitados, olhando o horizonte, ou observando, com olhos cada vez mais arregalados e mais fundos a cada dia, a miséria e a fraqueza que se apossavam dos companheiros. O sol era impiedoso. No quarto dia nossa água se esgotou, e a essa altura já estávamos tendo pensamentos estranhos que transpareciam em nossos olhos; mas não foi senão no sexto dia, creio, que Helmar ousou exprimir em voz alta o que passava pelas nossas mentes. Lembro-me de que nossas vozes eram secas, fracas, a tal ponto que tínhamos de nos inclinar para ouvir, e poupávamos ao máximo as palavras. Reagi àquela ideia quanto pude, e disse que preferia fazer virar o bote e ter uma morte rápida por entre os tubarões que nos acompanhavam; mas quando Helmar disse que se sua proposta fosse aceita teríamos o que beber, o marujo pôs-se do seu lado.

Recusei-me a tirar a sorte, contudo. Durante a noite, o marinheiro e Helmar cochichavam entre si, e eu, sentado na proa do escaler,

empunhava minha navalha, embora não creia que tivesse forças para lutar. Ao amanhecer, acabei cedendo à insistência de Helmar, e jogamos uma moeda para saber quem seria o sorteado. O destino indicou o marinheiro; mas ele era o mais forte dos três e não se conformou. Ele e Helmar se engalfinharam, lutaram ferozmente, ficando quase de pé. Rastejei pelo bote na direção dos dois, com a intenção de ajudar Helmar agarrando as pernas do marujo, mas ele cambaleou com a oscilação do bote, e os dois acabaram caindo na água e afundando como pedras. Lembro que gargalhei, e que não entendia por que estava gargalhando. Foi uma gargalhada que tomou conta de mim, como uma coisa que me viesse de fora.

Fiquei estirado sobre o banco do escaler durante não sei quanto tempo, pensando que se tivesse forças poderia beber água do mar e apressar a chegada da loucura e da morte. E enquanto estava ali largado vi, com a mesma falta de interesse com que veria uma pintura na parede, uma vela que se aproximava no horizonte. Minha mente devia estar divagando, e ainda assim consigo lembrar distintamente tudo o que aconteceu. Lembro que minha cabeça balançava de um lado para outro ao sabor das

ondas, e o horizonte onde se destacava aquela vela parecia subir e descer; mas também lembro com a mesma clareza que eu tinha a impressão de estar morto, e achava graça na ironia de que eles estivessem vindo em meu socorro e que por um atraso tão pequeno não conseguissem encontrar meu corpo com vida.

Por um tempo que não sei precisar fiquei com minha cabeça apoiada no banco vendo a aproximação daquela escuna, que era uma escuna pequena de dois mastros. Ela se aproximava bordejando, vindo numa direção e logo noutra, num giro amplo para acompanhar o vento. Em momento algum passou pela minha cabeça fazer algo para chamar sua atenção, e não lembro nada com clareza após o momento em que vi a parte lateral do seu casco, bem próxima, a não ser que logo me achei numa minúscula cabine. Tenho a vaga recordação de ter sido erguido no ar até o passadiço, e de um rosto redondo, coberto de sardas e rodeado de pelos ruivos, olhando para mim por cima da amurada. Também tive uma impressão, sem ligação com as outras, de um rosto escuro, com olhos extraordinários, bem próximo ao meu; pensei que se tratava de um

pesadelo, até avistá-lo novamente. Julgo lembrar um líquido sendo derramado por entre os meus dentes, e isto foi tudo.

II

O homem que não ia a lugar nenhum A cabine em que me encontrava era pequena e desarrumada. Um homem jovem, de cabelos claros, um bigode eriçado cor de palha e lábio inferior protuberante, estava sentado ao meu lado, tomando-me o pulso. Por um minuto nos encaramos sem dizer uma palavra. Ele tinha olhos úmidos, curiosamente destituídos de expressão.

Então, acima de nossas cabeças, ressoou o barulho de algo esbarrando numa grade de ferro e o grunhido irritado de algum animal de grande porte. Nesse momento o homem falou. Repetiu a pergunta que tinha acabado de fazer:

— Como se sente agora?

Acho que respondi que me sentia bem. Não me lembrava de como tinha chegado ali. Ele deve ter visto essa pergunta no meu olhar, porque eu estava totalmente sem voz.

— Você foi encontrado num bote, faminto. Era um escaler do Lady Vain, e estava com marcas estranhas na amurada.

Naquele instante meus olhos pousaram na minha própria mão, tão magra que tinha a aparência de um saco frouxo, feito de pele suja, cheio de ossos. E tudo o que acontecera no barco me voltou à memória.

— Tome um pouco disto — disse ele, e me deu uma dose de um líquido vermelho e gelado.

Tinha gosto de sangue, e fez com que me sentisse um pouco mais forte.

— Você teve sorte — continuou o homem — de ser recolhido por um navio com um médico a bordo.

Ele falava com a boca mole, úmida, e um leve ceceio.

— Que navio é este? — perguntei, a voz rouca devido ao longo período de silêncio.

— Um pequeno navio mercante da região de Arica e Callao. Não perguntei por onde esteve antes de passar por lá... vem do país dos loucos, eu acho. Sou um passageiro, embarquei em Arica. O capitão é também o proprietário, um idiota chamado Davis. Acho que ele perdeu o seu certificado, ou algo no gênero. Sabe como são esses tipos. Ele chama o navio de Ipecacuanha, mais um desses nomes idiotas, infernais. Mas reconheço que quando estamos em alto-mar e não sopra nenhum vento é um nome adequado.4

Nesse momento o barulho acima de nós recomeçou, um rosnado profundo superposto a uma voz humana. E então outra voz, dizendo a um "miserável idiota" que desistisse.

— Você estava quase morto — disse meu interlocutor. — Chegou perto disso, para falar a verdade. Mas já lhe apliquei algumas injeções. Vê seu braço como está inchado? Você esteve desacordado por cerca de trinta horas.

Fiquei pensativo, e meio distraído pelos latidos de numerosos cães que se ouviam agora.

— Posso comer algo sólido? — perguntei.

— Graças a mim, pode. Há um carneiro sendo cozido.

— Ótimo — respondi cheio de ânimo. — Gostaria de comer um pouco.

— Bem... — disse ele após uma hesitação. — A verdade é que estou ansioso para saber como você foi parar sozinho naquele bote. — Imaginei ter visto uma expressão de suspeita nos seus olhos. — Mas que diabo, esses uivos não param!

De repente ele se ergueu e deixou a cabine, e escutei-o em áspera altercação com alguém, que parecia responder-lhe numa língua ininteligível. A discussão pareceu terminar com alguns sopapos, mas talvez meus ouvidos tivessem me enganado. Ouvi o médico gritar com os cachorros, e em seguida ele retornou.

— Bem?... — disse ele, ainda no umbral. — Você ia me contar, não?

Disse-lhe que meu nome era Edward Prendick e que tinha me dedicado ao estudo de história natural para aliviar o tédio de uma vida sem problemas financeiros. Isso

pareceu interessá-lo.

— Eu também estudei ciências. Fiz o curso de biologia no University College... Extraindo o ovário de minhocas e as rádulas dos caracóis, aquela coisa toda.5 Meu Deus! Já se foram dez anos. Mas vamos, vamos, conte-me mais sobre o barco.

Ele estava visivelmente satisfeito com a franqueza do meu relato, que procurei fazer com frases concisas, pois ainda me sentia terrivelmente fraco, e mal terminei ele voltou ao tema da história natural e de seus próprios estudos de biologia. Passou a fazer-me uma porção de perguntas a respeito de Tottenham Court Road e de Gower Street.

— A Caplatzi ainda está em atividade?6 Ah, que loja fantástica era aquela.

Ele visivelmente havia sido um estudante de medicina comum, e logo passou a falar sobre music-halls, e contou-me várias anedotas.

— Deixei tudo aquilo para trás há dez anos — disse —, e que bons tempos aqueles! Mas eu era muito estúpido, e fui embora dali antes de completar vinte e um anos. Ouso dizer que tudo hoje é muito diferente. Mas deixe-me ir apressar o cozinheiro e ver como o nosso guisado está progredindo.

Escutei os rosnados lá em cima recrudescerem, de modo tão repentino e com tamanha ferocidade que tive um sobressalto.

— O que foi isso? — perguntei, mas ele já tinha fechado a porta atrás de si. Quando voltou, trazia um prato de guisado de carneiro, e aquele aroma apetitoso me excitou tanto que esqueci por completo os ruídos animalescos que tinham me assustado.

Tive um dia em que alternei o sono e a boa alimentação, e comecei a me recuperar a ponto de conseguir deixar meu beliche e olhar pela escotilha, onde fiquei observando as águas verdes e revoltas agitando-se atrás do navio. Achei que a escuna estava navegando de vento em popa. Montgomery — este era o nome do homem de cabelos claros — apareceu novamente num momento em que eu estava ali, e pedi-lhe que me conseguisse algumas roupas. Ele me emprestou umas peças de algodão do tipo usado pelos marinheiros, porque as que eu estivera usando no bote tinham sido jogadas ao mar. As roupas que me deu eram um pouco frouxas para mim, pois ele era um homem alto e de membros longos.

Com um ar casual, disse-me que o capitão da escuna estava meio bêbado em sua cabine. Enquanto eu me vestia, comecei a fazer-lhe perguntas sobre o destino do navio. Ele disse que estavam indo rumo ao Havaí, mas que primeiro iriam desembarcá-lo.

— Onde? — perguntei.

— Na ilha onde moro. Até onde sei, é uma ilha que ainda não tem nome.

Olhou-me com aquele lábio inferior pendente e uma expressão de tal estupidez que não pude deixar de pensar que ele fazia aquilo para evitar outras perguntas.

— Estou pronto — falei, e ele me conduziu para fora da cabine.

III

O rosto estranho Saímos da cabine e na passagem encontramos um homem que obstruía o caminho. Estava parado na escada, de costas para nós, espreitando o tombadilho. Pude ver que era um homem de aspecto deformado, pequeno, troncudo, desajeitado, com as costas corcundas, pescoço peludo e cabeça enterrada nos ombros. Usava uma roupa de jérsei azul e tinha um cabelo duro, cerrado e muito preto. Pude ouvir os cachorros em algum lugar rosnando furiosamente, e nesse instante ele recuou, entrando em contato com a mão que estendi para evitar que esbarrasse em mim. Ele virou-se com uma agilidade animal.

Aquele rosto negro que me encarou me produziu um choque profundo. A parte inferior se projetava para a frente, lembrando um focinho, e sua boca entreaberta mostrava dentes brancos que eram os maiores que eu já vira numa boca humana. Seus olhos eram injetados de sangue nas bordas, e quase não se avistava o branco em volta dos círculos castanhos. Havia um curioso brilho de excitação no seu rosto.

— Que diabos! — exclamou Montgomery. — Saia do meio do caminho!

O negro afastou-se de lado, sem dar uma palavra.

Subi a escada, encarando-o de passagem, quase contra minha própria vontade. Montgomery ficou para trás por alguns instantes, e ouvi-o dizer:

— Você não tem nada que fazer aqui, não sabe disso? — disse com firmeza. — Seu lugar é lá na frente.

O homem abaixou a cabeça.

— Eles não me querem... lá na frente — falou, devagar, e sua voz tinha um timbre estranho, áspero.

— Não o querem lá na frente! — exclamou Montgomery, com voz ameaçadora. — Mas estou lhe dizendo para ir!

Parecia a ponto de dizer mais alguma coisa, mas ao erguer os olhos e me ver parado mudou de ideia e voltou a subir a escada ao meu encontro.

Eu tinha parado a meio caminho, olhando para trás, ainda atônito diante da feiura grotesca daquele indivíduo de rosto negro. Jamais tinha posto os olhos numa cara tão repulsiva e tão fora do comum, e ainda assim — se posso me contradizer a este ponto — tinha ao mesmo tempo a indefinível sensação de que já tinha visto aquelas feições e expressões que agora me deixavam pasmo. Depois me ocorreu que o tinha

avistado quando fora içado para dentro da escuna, mas isso não correspondia àquela sensação de uma familiaridade ainda mais antiga. E no entanto eu não conseguia imaginar como alguém poderia ter avistado um rosto como aquele e depois esquecer as circunstâncias em que o fizera.

O movimento de Montgomery para me seguir desviou minha atenção, e me virei para olhar o convés da pequena escuna. Pelos ruídos que escutara eu já estava mais ou menos preparado para ver aquilo. Decerto eu nunca avistara um tombadilho tão imundo. Estava coberto de lascas de cenoura, pedaços de verdura, numa sujeira indescritível. Amarrados ao mastro principal por correntes havia certo número de cães veadeiros, que começaram a saltar e a latir na minha direção; rente à mezena havia sido instalada uma pequena jaula onde uma enorme onça-parda estava tão apertada que não conseguia dar uma volta sobre si mesma. Mais adiante viam-se gaiolas com numerosos coelhos, e um lhama solitário estava apertado numa jaula igualmente estreita. Os cães estavam usando focinheiras de couro. O único ser humano ali em cima era um marinheiro magro e silencioso, postado ao leme.

As velas remendadas e sujas estavam completamente enfunadas pelo vento; ao que parece o pequeno navio tinha aberto todas as velas de que dispunha. O céu estava claro, o sol a meio caminho em sua descida para o lado ocidental; ondas longas, que a brisa encrespava de espuma, corriam ao nosso lado. Passamos para a parte dianteira do barco e vimos como a água se chocava em turbilhão de encontro à proa, e as bolhas de ar que giravam e se desfaziam no seu rastro. Virei-me para contemplar o aspecto pouco higiênico do barco.

— O que é isto, um zoológico marítimo? — perguntei.

— Assim parece — disse Montgomery.

— Para que tantos bichos? Mercado de animais exóticos? O capitão imagina por acaso que vai conseguir vendê-los em algum lugar dos mares do Sul?

— É o que parece, não é mesmo? — disse Montgomery, e virou-se para contemplar as ondas.

De repente ouvimos um grito seguido por uma saraivada de blasfêmias, vindo da passagem por onde tínhamos subido, e o negro deformado subiu por ali às pressas, seguido de perto por um homem pesadão, ruivo, com um gorro branco. À visão do primeiro os cães, que àquela altura já tinham se cansado de ladrar para mim, voltaram a se excitar e a latir com fúria,

uivando, arremetendo contra as correntes. O negro hesitou diante deles, e isso deu ao homem ruivo tempo bastante para alcançá- lo e desferir-lhe um tremendo soco entre as omoplatas. O coitado desabou como um boi abatido, e rolou na sujeira por entre os cachorros ferozes; para sua sorte estavam todos amordaçados. O ruivo deu um grito de triunfo e cambaleou, correndo sério risco de tombar de volta escada abaixo ou tombar de frente por cima de sua vítima.

Assim que esse segundo homem apareceu, Montgomery deu um passo à frente.

— Pare! — gritou ele, em tom de advertência. Um par de marujos surgiu no castelo da proa.

O negro, uivando numa voz singular, rolava no chão sob as patas dos cachorros. Ninguém tentou acudi-lo. Os cães o acossavam o mais que podiam, esfregando nele as focinheiras, numa dança frenética de corpos cinzentos sobre aquela figura desajeitada, tombada no chão. Os marinheiros gritavam como se aquilo fosse o mais divertido dos esportes. Montgomery soltou uma exclamação irritada e desceu para o convés; fui atrás dele.

O negro engatinhou, ergueu-se cambaleando e se apoiou na amurada, e ali ficou, curvado, arquejante, olhando os cães por sobre o ombro. O homem ruivo gargalhava satisfeito.

— Olhe aqui, capitão — disse Montgomery, com o ceceio da voz um tanto acentuado, agarrando o ruivo pelos braços. — Isto não pode continuar assim!

Parei do lado de Montgomery, e o capitão deu meia-volta, fitando-o com os olhos baços e solenes de um bêbado.

— Por que não pode? — disse ele e, depois de olhar sonolento o rosto de Montgomery, explodiu: — Maldito corta-ossos!

Com um movimento brusco ele libertou os braços, e depois de duas tentativas frustradas conseguiu enfiar os punhos sardentos nos bolsos.

— Este homem é um passageiro — disse Montgomery. — Seria bom que mantivesse as mãos longe dele.

— Ora, vá para o inferno! — exclamou o capitão. Virou-se de repente e cambaleou rumo à amurada. — No meu navio eu faço o que eu bem entender.

Pensei que Montgomery podia ter encerrado o assunto ali mesmo, visto que o homem estava embriagado, mas ele ficou ainda mais pálido e seguiu o capitão.

— Olhe aqui, capitão — disse. — Esse homem está sob minha responsabilidade e não pode ser maltratado. Ele está sendo perseguido desde que subiu a bordo. Durante um minuto os vapores alcoólicos mantiveram o capitão sem palavras. — Maldito serra-ossos! — foi tudo o que ele considerou necessário dizer.

Notei que Montgomery tinha um daqueles temperamentos obstinados; e que a animosidade entre eles dois devia vir se acumulando já haveria algum tempo.

— Este homem está bêbado — intervim, mesmo sabendo que não deveria. — Não vai adiantar de nada.

Montgomery torceu o lábio com desprezo.

— Ele está bêbado o tempo todo. Acha que isso lhe dá o direito de maltratar os passageiros?

— Meu navio — disse o capitão, fazendo um gesto oscilante na direção das jaulas — era um navio limpo. Olhe só para ele agora! — De fato, limpeza era o que

não havia ali. — Tripulação — continuou ele. — Tripulação limpa. De respeito.

— O senhor concordou em trazer os animais.

— Preferiria nunca ter posto os olhos naquela sua ilha infernal. Quem diabo... para que diabo querem esses bichos numa ilha como aquela? E aquele homem de lá... acho que é um homem... É um lunático. Não tem

que estar ali. Pensam que o meu navio inteiro pertence a vocês?

— Seus marinheiros estão perseguindo esse pobre-diabo desde que ele subiu a bordo.

— É isso mesmo que ele é. Um diabo. Um diabo horroroso. Meus homens não o suportam. Eu não o suporto. Ninguém suporta. Nem você!

— De qualquer maneira, deixe-o em paz — disse Montgomery, virando-se, e balançando a cabeça para acentuar as palavras.

Mas o capitão tinha atingido um estado de espírito beligerante e ergueu a voz.

— Se ele vier de novo para este lado do navio, abro-lhe a barriga com uma faca, estou lhe dizendo. Abro-lhe a maldita barriga! Quem é você, para vir me dizer o que posso fazer ou não? Estou lhe dizendo, sou o capitão deste navio. Capitão, proprietário. Sou a lei, aqui. Estou lhe dizendo: a lei e os profetas. Contratei de levar um homem e seu criado até Arica e trazê-los de volta, com alguns animais. Nunca contratei de trazer um demônio como esse e um maldito serra-ossos, um...

Bem, não importa o termo que ele usou contra Montgomery. Quando este avançou, eu me interpus.

— Ele está bêbado — falei, enquanto o capitão lhe atirava um epíteto ainda pior que o anterior. Virei-me para ele e gritei: — Cale-se! — Eu tinha visto perigo no modo como o rosto de Montgomery empalideceu. O resultado foi atrair para mim a saraivada de insultos.

Ainda assim, dei-me por satisfeito em ter podido evitar o que poderia ter degenerado em pancadaria, mesmo ao preço de irritar o capitão. Já andei com todos os tipos de companhia, mas não me recordo de ter ouvido uma tal torrente de linguagem obscena brotar de forma tão fluida e contínua dos lábios de um homem. Algumas ofensas eram difíceis de engolir, mesmo sendo eu um indivíduo de temperamento moderado. Mas, quando gritei para que o capitão se calasse, esqueci que eu não passava de um destroço humano, distante do meu ambiente e viajando sem pagar passagem; alguém que por acaso tivera que depender da generosidade, ou do espírito comercial, daquele navio. O capitão deixou isso bem claro,

com vigor considerável, mas o mais importante é que consegui evitar a briga.

IV

Na amurada da escuna

Naquela noite avistamos terra logo após o anoitecer, e a escuna tomou aquela direção. Montgomery deu a entender que era para ali que se dirigia. Estávamos muito longe para poder vê-la em detalhe; a meus olhos, parecia apenas uma longa faixa azulada de encontro à tonalidade azul-acinzentada do mar. Dali se elevava uma coluna quase vertical de fumaça que se dissipava no céu.

O capitão não estava no convés quando a avistamos. Depois de ter despejado sobre mim sua fúria ele havia descido aos tropeções, e ouvi alguém comentar que estava dormindo no chão da própria cabine. O imediato havia assumido o comando; era aquele indivíduo magro e taciturno que eu já vira à roda do leme. Aparentemente, também ele detestava Montgomery, e não dava o menor sinal de perceber nossa presença ali. Comemos todos juntos em um silêncio pesado, depois de algumas tentativas frustradas de minha parte para entabular conversação. Percebi que os homens daquele navio viam meu companheiro de viagem e seus animais de maneira estranhamente hostil. Percebi também que Montgomery era muito reticente quanto ao seu propósito no transporte das criaturas e sobre seu lugar de destino, e, embora curioso quanto a essas duas questões, abstive-me de fazer mais perguntas.

Depois do jantar, ficamos conversando no tombadilho até que o céu se cobriu de estrelas. Exceto por sons ocasionais vindos do castelo da proa, onde brilhava uma luz amarelada, e um ou outro movimento dos animais nas jaulas, tudo estava quieto. A onça estava encolhida, fitando-nos com olhos faiscantes, e era apenas um vulto escuro num canto da jaula. Os cães pareciam adormecidos.

Montgomery acendeu charutos para nós e pôs-se a falar sobre Londres num tom de reminiscência nostálgica, fazendo todo tipo de perguntas sobre as mudanças que teriam ocorrido lá. Falava como um homem que

um dia amou a vida que teve num lugar mas que se separou dele para sempre. Fiz comentários sobre este ou aquele aspecto, mas durante todo aquele tempo a estranheza do seu comportamento se infiltrava em minha mente, e enquanto falava eu observava seu rosto estranho e pálido à luz da lanterna pendurada às minhas costas. Depois olhei para o oceano escuro, em cujas sombras estava oculta a sua ilha.

Este homem, pensei, tinha surgido da Imensidão apenas para salvar minha vida. Amanhã ele iria desembarcar e desaparecer para sempre da minha existência. Mesmo que tudo aquilo tivesse ocorrido em circunstâncias banais seria o bastante para me deixar pensativo, mas o que me chamava a atenção era o fato de aquele homem educado viver numa ilhota desconhecida, e ainda mais fazendo-se acompanhar de uma carga tão extraordinária. Vi-me repetindo para mim mesmo a pergunta do capitão: para quê ele queria aqueles animais? E por que, também, tinha fingido que não eram seus, quando pela primeira vez lhe perguntei a respeito? E

além do mais havia aquele seu ajudante, cujo aspecto bizarro me impressionara profundamente. Todas essas circunstâncias criavam uma aura de mistério em torno daquele homem, estimulando minha imaginação mas travando-me a língua.

Por volta da meia-noite ficamos sem assunto a respeito de Londres, e permanecemos lado a lado, debruçados na amurada e contemplando o oceano silencioso sob a luz das estrelas, cada qual imerso em seus pensamentos. Era um momento propício para externar emoções, e principiei por falar da minha gratidão.

— Se me permite dizê-lo — falei, depois de algum tempo —, você salvou minha vida.

— Foi um acaso — disse ele. — Um acaso, apenas.

— Bem, prefiro agradecer àquele que foi o agente desse acaso.

— Não me agradeça. Você tinha a necessidade, e eu tinha os conhecimentos. Tratei de você e o alimentei como se estivesse cuidando de um espécime recolhido por mim. Estava entediado e precisava de algo

para me ocupar. Se estivesse de mau humor naquele dia, ou não tivesse gostado de sua aparência, bem... É uma questão interessante, imaginar onde você poderia estar agora.

Aquele modo de falar me esfriou um pouco.

— Em todo caso... — comecei.

— Foi apenas o acaso, repito — interrompeu-me ele. — Como tudo o que acontece na vida de um homem. Só um ignorante não pode ver isso. Por que estou eu aqui, agora, um homem exilado da civilização, em vez de ser um homem feliz, desfrutando de todos os prazeres de Londres? Somente porque onze anos atrás perdi a cabeça por dez minutos numa noite de neblina.

Ele se deteve.

— E então?... — falei.

— Isto é tudo.

Voltamos a ficar em silêncio. Por fim ele soltou uma gargalhada.

— Há alguma coisa nessas noites estreladas que faz soltar a nossa língua. Sou um idiota, e mesmo assim eu gostaria de lhe dizer.

— Seja o que for que me diga, pode confiar que ficará guardado comigo, isto eu lhe garanto.

Ele pareceu a ponto de começar a falar, mas logo abanou a cabeça, cheio de dúvidas.

— Não precisa dizer nada — falei. — Para mim dá no mesmo. Melhor guardar seu segredo. Não há muito a ganhar, apenas um pequeno alívio, se eu respeitar sua confidência. E se não o fizer, bem...

Ele soltou um grunhido de indecisão. Senti que o tinha colocado em desvantagem, surpreendendo-o num momento em que estava inclinado a fazer confidências, mas para falar a verdade eu não estava muito curioso em saber o que tinha levado um

jovem estudante de medicina a se afastar de Londres. Eu tenho imaginação. Dei de ombros e me virei para outro lado. No corrimão da popa estava apoiado um vulto negro, silencioso, olhando as estrelas. Era o estranho assistente de Montgomery. Olhou por cima do ombro ao perceber meu movimento, mas logo virou o rosto.

Pode ser algo insignificante para alguém, talvez, mas para mim foi como um golpe. A única luz perto de nós era a lanterna pendurada junto à roda do leme. O rosto da criatura, ao fazer o movimento, foi iluminado por um brevíssimo instante por esse halo luminoso, e eu vi que seus olhos brilhavam com uma pálida luz verde.

Eu não sabia, naquela época, que não é incomum perceber uma luminosidade avermelhada no fundo dos olhos das pessoas. O que vi naquele momento me pareceu algo essencialmente não humano. Aquele vulto negro com olhos de fogo atravessou como um raio meus conceitos e sensações de adulto, e por um instante os horrores esquecidos de infância ressurgiram na minha mente. O efeito passou tão rápido quanto sobreveio. Era apenas a figura desajeitada de um homem, alguém sem importância especial, recostado no corrimão, e percebi que Montgomery estava me dirigindo a palavra.

— Estou pensando em me recolher — dizia ele. — Vou dar o meu dia por encerrado.

Dei-lhe uma resposta qualquer, descemos, ele me desejou boa noite à porta da minha cabine.

Naquela noite tive sonhos desagradáveis. A lua minguante ergueu-se durante a madrugada, projetando um feixe de luz fantasmagórico através da cabine e criando formas ameaçadoras em volta do meu beliche. Então os cães despertaram, começaram a latir e uivar. Tive um sono cheio de sobressaltos, e mal dormi de verdade até que o dia começou a clarear.

V

O desembarque na ilha Na manhã seguinte — era a segunda manhã depois que recuperei a consciência, e acredito que a quarta depois que fui

salvo — acordei por entre uma avenida de sonhos em tumulto, sonhos em que surgiam armas de fogo e multidões enfurecidas, e percebi uma gritaria áspera na parte de cima do navio. Esfreguei os olhos e fiquei

escutando aquele barulho, ainda sem ter uma noção de onde me encontrava. Então ouvi um som rápido de pés descalços, de objetos pesados sendo arrastados, fortes estalos e o sacudir de correntes de ferro. Ouvi o espadanar da água no momento em que o navio fez uma manobra, e uma onda espumante, verde-amarelada, se chocou contra a escotilha, deixando-a gotejante. Enfiei a roupa às pressas e subi para o convés.

Chegando ao topo da escada vi de encontro ao céu avermelhado — porque o sol estava nascendo — as costas largas e a cabeleira ruiva do capitão, e por cima do seu ombro vi a jaula da onça erguida no ar, girando sobre si mesma na ponta de um cabo preso a uma polia no mastro da mezena. O pobre animal parecia terrivelmente assustado, e se encolhia no fundo da pequena jaula.

— Para fora daqui, eles todos! — berrou o capitão. — Fora daqui, todos! Quero ver meu navio limpo outra vez, sem nenhum deles!

Como ele me impedia a passagem, tive que bater no seu ombro. Ele virou-se assustado, e recuou alguns passos para me encarar. Não era preciso muito olho clínico para notar que continuava bêbado.

— Olá! — disse, com ar estúpido, mas logo um pouco de consciência surgiu nos seus olhos. — Ah... é o mister... mister...

— Mr. Prendick — disse eu.

— Ao diabo com Prendick! — disse ele. — Cale-a-Boca... esse é o seu nome. Mr. Cale-aBoca.

Não me dei o trabalho de responder àquele ignorante, mas certamente eu não esperava seu gesto seguinte. Ele apontou para a plataforma de desembarque, junto à qual Montgomery estava conferenciando com um homem corpulento e de cabelos brancos, usando roupas de flanela de um azul desbotado, que parecia ter acabado de subir a bordo.

— Por ali, seu maldito Mr. Cale-a-Boca! Por ali!

Montgomery e seu companheiro se viraram ao ouvi-lo dizer isso.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Por ali, Mr. maldito Cale-a-Boca, foi isso que quis dizer. Fora do meu navio, Mr. Cale-aBoca, e já! Vamos limpar o navio, vamos dar uma limpa neste navio inteiro, e quero que caia fora daqui!

Fiquei olhando-o, perplexo, e então me ocorreu que aquilo era justamente o que eu desejava. Perder a chance de viajar como único passageiro naquele ambiente hostil não era algo a lamentar. Virei-me para Montgomery.

— Não posso recebê-lo — disse o companheiro de Montgomery, laconicamente.

— Não pode? — exclamei, agastado. O homem tinha o rosto mais quadrado e mais resoluto que eu já tinha visto. Virei-me para o capitão: — Olhe aqui...

— Fora do navio! — berrou ele. — Este navio não serve para bichos e para

coisas piores do que bichos. Acabou! Fora daqui, Mr. Cale-a-Boca. Se não quiserem que fique, pule pela amurada. Mas, por mim, pode descer junto com seus amigos. Não quero saber de mais nada com essa ilha amaldiçoada, nunca mais, amém! Pra mim, chega.

— Mas, Montgomery... — pedi.

Ele torceu o lábio inferior, e fez um gesto desamparado com a cabeça na direção do outro homem, mostrando que nada podia fazer para me ajudar.

— Daqui a pouco cuido de você — disse o capitão.

Começou então uma curiosa discussão triangular. Fiquei apelando alternadamente para um e para outro daqueles três homens — primeiro ao homem grisalho para que me deixasse desembarcar, e em seguida ao capitão bêbado para que me mantivesse a bordo. Cheguei a interpelar os próprios marinheiros. Montgomery não dizia uma palavra, e se limitava a balançar a cabeça.

— Fora do navio, estou lhe dizendo — era o refrão monótono do capitão. — A lei que se dane, aqui o rei sou eu.

Por fim, confesso que minha voz acabou por fraquejar no meio de uma ameaça mais veemente; senti que minha irritação estava me levando à histeria e me afastei, ficando a olhar para o vazio.

Enquanto isso, os marujos se atarefavam no desembarque das caixas e dos animais. Uma grande lancha com dois guindastes estava posta junto à escuna, e era para lá que ia sendo descido aquele estranho conjunto de mercadorias. Naquele instante eu não podia avistar os ilhéus que recebiam a carga lá embaixo, porque o convés da lancha estava oculto pela amurada da escuna.

Montgomery e seu companheiro ignoravam a minha presença, e dedicavam-se a ajudar e orientar os cinco ou seis marujos que desembarcavam os volumes. O capitão ficava em torno, mais interferindo do que ajudando. Eu sentia ondas alternadas de desespero e fúria. Uma ou outra vez, enquanto me quedava ali, esperando que o problema se resolvesse por si próprio, não pude resistir a um impulso de rir diante da minha absurda situação. O fato de estar ainda em jejum em nada me auxiliava. A fome e a falta de glóbulos vermelhos retiram todo o vigor de um homem. Percebi claramente que eu não tinha energia suficiente para resistir, caso o capitão decidisse mesmo me expulsar, ou para forçar Montgomery e seu companheiro a aceitar minha presença entre eles. Assim, aguardei passivamente meu destino, e a faina de transferir a carga de Montgomery para a lancha prosseguiu como se eu não existisse.

Por fim o trabalho deles se encerrou, e começou a luta. Fui agarrado, resisti com as poucas forças que tinha, mas conduzido para a passarela. Mesmo naquele instante tive tempo de reparar no aspecto estranho dos rostos morenos que cercavam o de Montgomery lá embaixo na lancha, mas agora estava toda carregada, e começou a se

afastar com rapidez. Uma faixa cada vez mais larga de águas verdes apareceu, e tentei retroceder para não ser jogado de cabeça para baixo.

Os ilhéus da lancha soltaram risos de chacota, e ouvi Montgomery praguejando contra eles; e então o capitão, com a ajuda do imediato e de

outro marujo, me arrastou para a popa. O escaler do Lady Vain vinha sendo rebocado atrás da escuna, durante todo aquele tempo. Estava meio cheio de água, não tinha remos nem provisões. Recusei-me a descer para lá, e deitei-me no chão do convés. Eles acabaram por me amarrar a uma corda e assim fui descido até o escaler (pois a escuna não tinha escada de popa); cortaram as cordas e me deixaram à deriva.

Devagar meu bote foi se afastando da escuna. Numa espécie de estupor, fiquei vendo os marinheiros manobrando o cordame e lentamente a escuna se fez de novo ao mar, enfunando as velas. Seu casco lateral, batido pelo tempo, passou por mim, alto e inacessível, e desapareceu.

Não me voltei para acompanhar seu curso com os olhos. Ainda mal conseguia acreditar no que tinha acontecido. Encolhi-me no fundo do escaler, atordoado, olhando com a mente vazia aquele mar vazio e oleoso. Então percebi que me achava de volta àquele minúsculo inferno de onde escapara, só que agora cheio de lama. Olhando para trás, vi ainda a figura ruiva do capitão, olhando-me com expressão zombeteira; virando-me na direção da ilha, vi a lancha que se tornava cada vez menor à medida que se aproximava da praia.

De repente a crueldade daquele duplo abandono ficou clara para mim. Eu não tinha como chegar à terra firme a não ser que as marés me levassem para lá. Estava ainda fraco, lembrem-se, pelo tempo que passei no bote; faminto e a ponto de desfalecer, e talvez por isto meu ânimo tenha desmoronado então. Comecei a chorar e a soluçar, como não fazia desde a infância. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Num acesso de desespero, esmurrei a água no fundo do bote, e desferi chutes contra suas bordas. Rezei a Deus, em voz alta, para que me deixasse morrer.

VI

Os barqueiros de aspecto maligno Mas os ilhéus, vendo que eu ficara de fato à deriva, tiveram pena de mim. Flutuei devagar rumo ao leste, aproximando-me da ilha numa longa curva; e por fim notei,

com um alívio quase histérico, que a lancha fazia meia-volta e vinha na minha direção. Estava muito pesada, pela enorme carga que trazia, e

quando se aproximou avistei o companheiro grisalho de Montgomery, com seus cabelos brancos e seus ombros largos, agachado por entre os cães e os caixotes junto às velas da popa. Olhava-me com fixidez, sem falar ou fazer qualquer gesto. O aleijado de rosto escuro também me olhava da proa, junto à jaula da onça. Além deles havia três outros homens, três indivíduos de aspecto estranhamente abrutalhado, cuja proximidade fazia os cães rosnarem furiosos. Montgomery, que estava ao leme, trouxe a lancha até perto do meu bote, puxou para cima a minha corda de atracação e a prendeu, para me rebocar, porque não havia espaço para mim a bordo.

Meu acesso de histeria já tinha passado, a essa altura, e respondi corajosamente ao seu aceno. Disse-lhe que o bote tinha água pela metade, e ele me jogou um balde de madeira. Fui jogado para trás quando o cabo entre os dois barcos se esticou, rebocando-me. Durante algum tempo fiquei atarefado em esvaziar o escaler.

Quando terminei de retirar toda a água (que tinha entrado ali pelo alto; o bote estava perfeitamente intacto), tive algum tempo para observar mais de perto os tipos que estavam na lancha.

O homem grisalho continuava a me observar, mas agora achei que sua expressão era, acima de tudo, de perplexidade. Quando o encarei, ele abaixou os olhos para o mastim que estava aos seus pés. Era, como já disse, um indivíduo de compleição poderosa, com uma bela testa e feições carregadas; mas seus olhos tinham em volta a pele flácida que vem com a idade avançada, e o modo como sua boca se contraía nos cantos dava indícios de uma vontade forte e resoluta. Falava a Montgomery num tom de voz baixo, e eu não conseguia distinguir o que dizia. Meus olhos passaram dele para os três ilhéus da lancha, que eram uma tripulação das mais estranhas. Eu podia ver apenas os seus rostos, e era nesses rostos que alguma coisa — não sei dizer o quê — me provocava um espasmo de repulsa. Olhei-os com atenção, e esta impressão perdurava, embora eu não soubesse o motivo.

Pareciam-me homens morenos, escuros, mas seus braços e pernas estavam cobertos por um tecido branco, fino e bastante sujo, que ia até seus dedos e seus pés. Nunca vi homens com o corpo tão coberto, e

mulheres assim, só no Oriente. Também usavam turbantes, por sob os quais surgiam seus rostos como os de duendes — rostos de queixo saliente e olhos faiscantes. Tinham cabelo negro e liso, quase como a crina de um cavalo, e, mesmo sentados ali, davam-me a impressão de exceder em estatura qualquer outra raça humana que eu já vira. O homem de cabelos brancos, que eu vira de perto e teria cerca de um metro e oitenta, ficava uma cabeça mais baixo do que qualquer um deles. Vim a descobrir depois que na verdade nenhum deles era muito mais alto que eu próprio, mas seus corpos eram anormalmente longos, enquanto suas coxas eram mais curtas do que o normal, e

curiosamente deformadas. De qualquer modo formavam em seu conjunto um grupo espantosamente feio, e por sobre suas cabeças, um pouco abaixo do guindaste dianteiro, eu via o rosto negro do homem cujos olhos brilhavam no escuro.

Quando olhei na sua direção eles primeiro me fitaram de frente e depois, um por um, desviaram o olhar do meu, passando a me vigiar de maneira furtiva, dissimulada. Pensei que os estava deixando pouco à vontade e dirigi minha atenção para a ilha da qual nos aproximávamos.

Era uma ilha plana, coberta de espessa vegetação, principalmente de uma espécie de palmeira. De um ponto remoto erguia-se uma coluna de vapor, elevando-se diagonalmente até uma enorme altura, onde se esgarçava como a pena de um pássaro, até se dissipar ao vento. Estávamos agora ao abrigo de uma larga baía, flanqueada de cada lado por um promontório baixo. A praia era de uma areia cinzenta e fosca, e formava uma encosta íngreme até uma comprida elevação que se situava uns vinte ou trinta metros acima do nível do mar, coberta de árvores e arbustos esparsos. Mais ou menos na metade dessa encosta avistava-se uma construção quadrada de algum tipo de pedra cinzenta; vim a saber depois que era feita de coral e de pedra-pomes. Dois tetos de palha e folhas podiam ser avistados por cima desse cercado.

Um homem nos esperava à beira-mar. Tive a impressão, quando ainda estávamos distantes, de ter visto algumas criaturas de aspecto grotesco escondendo-se entre os arbustos no alto do barranco, mas nenhuma estava ainda à vista quando chegamos mais perto. O homem era de estatura

mediana, com rosto negroide. Tinha uma boca enorme e quase sem lábios, extraordinária, braços finos, pés estreitos e compridos, e pernas arqueadas, e estava ali parado, com aquele rosto maciço voltado em nossa direção. Vestia-se do mesmo modo que Montgomery e o outro homem, numa camisa e calças de jérsei azul.

Quando nos aproximamos, ele começou a correr para lá e para cá na praia, com movimentos grotescos. A uma ordem de Montgomery, os quatro homens na lancha ergueramse e, com gestos singularmente desajeitados, começaram a preparar os guindastes. Montgomery guiou a embarcação num trajeto em curva, indo na direção de um pequeno cais escavado na praia, e o homem na areia correu em nossa direção. O que chamo de cais não passava, na verdade, de uma espécie de vala profunda, com extensão suficiente para, naquela fase da maré, deixar entrar a lancha por inteiro.

Escutei o rangido da proa de encontro à areia, protegi meu bote do leme usando o balde como escudo e, liberando a corda que me rebocava, pulei para terra. Os três homens da lancha, com movimentos desajeitados, também desceram, e puseram-se a descarregar os caixotes, ajudados pelo que nos esperava na praia. O que me chamava a atenção eram os curiosos movimentos das pernas desses três homens

vestidos dos pés à cabeça; não eram rígidas, mas deformadas de um modo curioso, quase como se suas juntas estivessem no lugar errado. Os cães ainda rosnaram e retesaram as correntes querendo avançar sobre eles, quando o homem grisalho desceu para a terra puxando-os pelas coleiras.

Os três homens dirigiam-se uns aos outros com vozes guturais, e o homem da praia começou a conversar entusiasmadamente com eles, numa língua estrangeira, assim me pareceu, enquanto eles traziam para baixo algumas caixas volumosas empilhadas perto da proa. Eu já ouvira uma voz como aquela, mas não conseguia lembrar onde. O homem grisalho deteve-se, contendo a custo as coleiras dos seis cachorros, e gritando ordens por sobre a balbúrdia. Montgomery, tendo removido o leme, também desceu, e todos eles se atarefaram no esforço do descarregamento. Eu estava muito debilitado, depois daquele longo tempo sem comer nada e exposto ao sol quente, para poder prestar-lhes

alguma ajuda.

A certa altura o homem grisalho pareceu dar-se conta de minha presença, e veio na minha direção.

— O senhor parece estar praticamente em jejum — disse. Seus olhos eram de um negro brilhante, por baixo de sobrancelhas espessas. — Peço desculpas por isto. Agora é nosso hóspede, e temos que fazer com que se sinta confortável, mesmo não tendo sido convidado, como bem sabe. — Olhou-me com atenção. — Montgomery diz que o senhor é um homem educado, Mr. Prendick, e que tem conhecimentos de ciência. Posso indagar a natureza deles?

Disse-lhe que tinha estudado por alguns anos no Royal College of Science, e que fizera algumas pesquisas de biologia sob a orientação de Huxley.7 Ao ouvir isso ele ergueu as sobrancelhas.

— Isso muda um pouco a situação, Mr. Prendick — disse, num tom um pouquinho mais respeitoso. — Acontece que nós aqui somos biólogos. Trata-se de uma espécie de estação biológica, digamos. — Parou alguns instantes para observar os homens agasalhados enquanto estes puxavam a jaula da onça, por sobre troncos roliços, na direção do cercado de pedra. — Refiro-me a mim e a Montgomery, pelo menos — completou, e prosseguiu: — Não posso lhe prometer que irá embora logo. Estamos longe das rotas marítimas. Daqui vemos um navio por ano, não mais que isto.

Com isso ele se afastou bruscamente e cruzou a praia indo na direção da construção de pedra, onde tive a impressão de que entrou. Os outros dois homens estavam com Montgomery, empilhando caixas e engradados numa carreta baixa. A lhama e as caixas com os coelhos ainda estavam em cima da lancha, e os mastins continuavam forçando as cordas que os prendiam aos postes. Quando empilharam toda a carga, os três homens agarraram a carreta e começaram a puxar aquele peso, que teria cerca de uma tonelada, rumo ao cercado de pedra. Montgomery deu-se por

satisfeito e, deixando-os trabalhar, aproximou-se de mim e estendeu-me a mão.

— Estou contente por ter dado tudo certo — disse. — Aquele capitão é um estúpido. Estava disposto a sacrificá-lo.

— E você me salvou, mais uma vez.

— Isto depende. Você vai achar esta ilha um lugar infernal, posso lhe garantir. Se eu estivesse no seu lugar, andaria por aqui com o máximo cuidado. Ele... — Nesse instante ele hesitou e pareceu mudar de ideia quanto ao que estava a ponto de falar. — Bem, será que pode me ajudar a levar esses coelhos?

O que fez com os coelhos foi algo singular. Entrei na água rasa com ele e o ajudei a descer uma das gaiolas. Assim que o fizemos ele abriu a portinhola e, virando a gaiola de lado, despejou todo o seu conteúdo no chão. Os quinze ou vinte coelhos rolaram uns sobre os outros, espalhando-se pelo chão, enquanto ele batia palmas com força, afugentando-os. Aos pulinhos, eles se espalharam pela praia em todas as direções.

— Crescei e multiplicai-vos, amiguinhos — disse ele. — Encham esta ilha. Temos sofrido um pouco aqui pela falta de carne.

Enquanto eles sumiam no mato, o homem grisalho veio juntar-se a nós. Trazia uma pequena garrafa de conhaque e alguns biscoitos.

— Algo para nos manter em funcionamento, Prendick — disse ele, num tom um pouco mais cordial do que o anterior. Não me fiz de rogado e ataquei os biscoitos imediatamente, enquanto ele e Montgomery punham-se a libertar outra carrada de coelhos. Três das gaiolas, no entanto, foram levadas sem abrir, na mesma direção para onde tinham conduzido a onçaparda. Não toquei no conhaque, pois sempre fui abstêmio.

VII

A porta trancada O leitor certamente entenderá que, a princípio, tudo o que me ocorria era tão extraordinário, e minha situação era resultado de aventuras tão surpreendentes, que eu não estava em condições de dar atenção especial à estranheza deste ou daquele detalhe. Eu estava subindo

a encosta atrás da carreta que transportava a lhama, e fui alcançado por Montgomery, que me pediu para não penetrar naquele cercado de pedra. Notei então que a jaula da onça e o monte de caixas tinham sido deixados do lado de fora da entrada.

Olhando para trás, vi que a lancha, agora vazia, estava sendo conduzida por um ponto de atracação, e que o homem grisalho se aproximava de nós. Ele dirigiu-se a

Montgomery:

— Agora temos que lidar com o problema do nosso hóspede inesperado. O que faremos com ele?

— Ele tem algum conhecimento científico — disse Montgomery.

— Estou ansioso para retomar o trabalho, com este novo material — disse o outro, fazendo um gesto na direção do cercado. Havia um brilho diferente nos seus olhos.

— Posso imaginar — disse Montgomery, num tom que era tudo menos cordial.

— Não podemos mandá-lo para lá, e não temos tempo de construir uma nova cabana. E certamente não podemos pô-lo a par de tudo assim de imediato.

— Estou nas suas mãos — disse eu. Não fazia ideia do que eles queriam dizer com "para lá".

— Tenho pensado nisso — disse Montgomery. — Temos por exemplo o meu quarto, com a porta externa...

— Isso mesmo — disse o homem mais velho, prontamente, e nos encaminhamos os três na direção do muro de pedra. — Sinto muito se estamos parecendo um tanto misteriosos, Mr. Prendick, mas lembre-se de que não pedimos para que viesse até aqui. Nosso pequeno projeto guarda um ou dois segredos, e temos de mantê-lo como uma espécie de quarto do Barba Azul, por assim dizer. Não é nada espantoso, na verdade, aos olhos de um homem de bom-senso, mas há de compreender que ainda não nos

conhecemos bem.

— Na verdade — disse eu — seria muito tolo da minha parte sentir-me ofendido com as suas precauções.

Ele torceu a boca num sorriso discreto — era um desses indivíduos saturninos que sorriem abaixando os cantos da boca — e fez um aceno, agradecendo minha atitude. Passamos diante da entrada principal do cercado, que era um pesado portão de madeira com reforços de ferro, e estava trancado. A carga da lancha estava amontoada diante dele, e quando chegamos à esquina avistei uma pequena porta cuja existência não tinha percebido até então. O homem grisalho tirou do bolso do casaco um molho de chaves, abriu a porta e entrou. Essas chaves, e seu ritual de trancar aquelas portas mesmo quando continuava ali por perto, chamaram minha atenção.

Segui-o e me vi num pequeno quarto, mobiliado com simplicidade mas com conforto, e com outra porta, que estava entreaberta, dando para o pátio interno. Montgomery adiantou-se de imediato e a trancou. No canto mais afastado do quarto havia uma rede armada, e uma pequena janela sem vidraças, protegida por barras de ferro, dava para o lado do mar.

O homem grisalho explicou-me que aquele seria o meu alojamento dali em diante; a porta interna, que ficaria trancada, seria o meu limite com o espaço interno, "para evitar acidentes", disse ele. Mostrou-me uma cadeira bem confortável junto à janela,

e uma porção de livros numa prateleira próxima à rede; livros antigos, a maioria deles tratados de cirurgia e obras clássicas em grego e latim, duas línguas que só consigo ler com certo esforço. Saiu do quarto pela porta externa, como que querendo evitar que a outra fosse aberta.

— Geralmente fazemos aqui as refeições — disse Montgomery, e depois de uma hesitação seguiu o outro até o lado de fora.

Ouvi-o ainda chamando: "Moreau!" — mas naquele instante não dei muita atenção a isto. Só quando comecei a mexer nos livros esse nome me voltou à memória. Onde eu o teria ouvido antes?!

Sentei diante da janela, e comecei a comer alguns biscoitos que me restavam, com excelente apetite. "Moreau"?...

Pela janela, fiquei olhando um daqueles inexplicáveis sujeitos de branco carregando uma caixa praia afora, até que ele saiu do meu campo de visão. Depois, ouvi uma chave sendo introduzida na fechadura da porta interna, às minhas costas, trancando-a. Ouvi em seguida o barulho dos mastins, que estavam sendo trazidos da praia. Não estavam latindo, mas farejando e grunhindo de um modo curioso. Ouvi o ruído de suas patas sobre o piso, e a voz de Montgomery que procurava sossegá-los.

Eu estava intrigado com os complicados processos de segurança dos dois homens com relação ao que existia no interior daquele espaço; durante algum tempo entretive-me pensando naquilo e no ar de familiaridade que o nome "Moreau" me despertava, mas a memória humana é tão fugidia que não pude fazer nenhum tipo de conexão com esse nome. Depois, meus pensamentos se voltaram para a indefinível estranheza do indivíduo deformado que eu vira na praia. Nunca tinha visto um andar tão esquisito e movimentos tão estranhos quanto os dele ao arrastar a caixa. Lembrei que nenhum daqueles homens me dirigira a palavra, embora vez por outra eu os tivesse surpreendido a olhar na minha direção de modo furtivo, muito diferente do olhar franco e desassombrado da maioria dos selvagens. Imaginei qual seria a língua nativa deles. Todos tinham me parecido notavelmente taciturnos, e quando falavam entre si era com vozes de timbre inusitado. O que haveria de errado com eles? Em seguida pus-me a pensar nos olhos do ajudante de Montgomery.

Logo a seguir foi ele mesmo que apareceu. Vestia um traje branco agora, e carregava uma bandeja com um pouco de café e um prato de legumes cozidos. Mal pude reprimir um estremecimento de repulsa quando ele se aproximou e curvou-se para depositar a bandeja à minha frente.

E então fiquei paralisado de espanto. Por baixo dos cachos escuros do seu cabelo avistei sua orelha, bem próxima ao meu rosto. O homem tinha orelhas pontudas, cobertas por um fino pelo castanho!

— Seu lanche, senhor — disse ele.

Olhei seu rosto sem fazer menção de responder. Ele virou-se e caminhou para a

porta, olhando-me de maneira esquisita por sobre o ombro.

Segui-o com os olhos, e nesse instante, por algum truque do pensamento inconsciente, brotou na minha mente uma frase — "Os amores de Moreau"?... — seria isto?... Ah! Logo minha memória deu um salto de dez anos no passado. "Os horrores de Moreau." A frase pairou em minha lembrança até me trazer de volta a imagem de um panfleto impresso em letras vermelhas, um impresso cuja leitura era de arrepiar os cabelos e provocar calafrios. Lembrei-me distintamente daquele texto impresso. Eu era apenas um rapaz, e Moreau devia ser, pelo que me recordo, um homem de seus cinquenta anos, um fisiologista famoso e de enorme talento, muito conhecido nos círculos científicos por sua imaginação extraordinária e o modo radical como defendia suas ideias. Seria o mesmo Moreau? Ele tinha publicado várias obras sobre o tema da transfusão de sangue, e além disso estava realizando um trabalho importante sobre os tumores. E de repente sua carreira foi interrompida. Teve que deixar a Inglaterra. Um repórter havia obtido acesso ao seu laboratório oferecendo-se como assistente de pesquisa, com a intenção deliberada de fazer uma matéria sensacionalista; ajudado por um acidente fortuito (se é que foi mesmo um acidente), o panfleto que publicou tornou-se famoso de imediato. No dia de sua publicação, um cachorro esfolado e mutilado escapou da casa de Moreau.

Era naquela época de recesso de verão, em que os jornais estão sem assunto, e um editor importante, primo do falso assistente, ergueu brados de apelo à consciência da nação. Não era a primeira vez que alguém apelava para essa consciência para criticar métodos de pesquisa científica. O médico foi praticamente expulso do país. Talvez o merecesse; mas eu não pude deixar de considerar vergonhosa a maneira como seus colegas cientistas lhe prestaram um apoio vacilante, e como o mundo científico deu-lhe as costas. Ainda assim, algumas das suas experiências, a julgar pelo relato do jornalista, eram desnecessariamente cruéis. Talvez ele pudesse ter feito as pazes com a sociedade caso abandonasse essa linha de trabalho, mas ele preferiu continuar dedicando-se a ela, como o faz a maioria dos homens que se deixam

enfeitiçar pelo apelo poderoso da pesquisa científica. Era um homem solteiro, e não tinha que levar em conta nenhum outro interesse a não ser o seu próprio.

Tive a certeza de que se tratava do mesmo homem. Tudo levava a crer. Comecei a perceber para que se destinavam a onça e os outros animais (que durante aquele tempo estavam sendo trazidos para dentro do cercado de pedra); e passei a perceber com clareza um curioso odor, vagamente familiar, que até então estivera por assim dizer no vestíbulo da minha consciência. Era o odor antisséptico de uma sala de dissecação. Ouvi os rugidos da onça através da parede, e ouvi um dos cachorros ganindo como se alguém lhe tivesse dado uma pancada.

Mas em todo caso, principalmente diante de outro homem com formação

científica, não havia nada tão horrível na vivissecção que justificasse todo aquele segredo. Por alguma associação de ideias, voltaram-me à mente, com a maior nitidez, as orelhas pontudas e os olhos luminosos do ajudante de Montgomery. Fiquei observando o mar verde, encapelado por uma brisa refrescante, e deixando estas e outras lembranças dos últimos dias se misturarem na minha mente.

O que significava tudo aquilo? Um recinto trancado numa ilha remota, um famoso vivisseccionista, e aqueles homens deformados, cheios de aleijões?

VIII

O rugido da onça-parda Montgomery veio interromper minhas elucubrações cheias de suspeita por volta de uma hora da tarde, e seu grotesco ajudante o acompanhou, trazendo numa bandeja um pouco de pão, vegetais, uma garrafinha de uísque, uma jarra de água, além de três copos e três talheres. Olhei de esguelha para aquela criatura estranha, e percebi que ela também me examinava com olhos esquivos, inquietos. Montgomery disse que almoçaria comigo, mas que Moreau estava ocupado demais para juntar-se a nós.

— Moreau! — exclamei. — Conheço esse nome.

— Ora, diabos! — disse Montgomery. — Como fui idiota em dizer isto na sua frente. Devia ter imaginado. De qualquer modo, isso vai lhe dar uma pista sobre os nossos mistérios. Uísque?...

— Não, obrigado, sou abstêmio.

— Gostaria de ser assim. Mas não adianta trancar a porta depois de roubado. Foi a bebida que acabou me trazendo até aqui, ela e uma noite de neblina. Considerei- me um homem de sorte naquele tempo, quando Moreau me convidou a acompanhá- lo. É estranho...

— Montgomery — falei de repente, mal a porta se fechou —, por que seu ajudante tem orelhas pontudas?

— Maldição! — disse ele, com a boca cheia. Encarou-me por um momento e repetiu: — Orelhas pontudas?

— Sim, orelhas em ponta — disse eu, tão calmo quanto me era possível —, com pelos castanhos nas bordas.

Ele se serviu lentamente de uísque e água, para ganhar tempo, e por fim

comentou:

— Tenho a impressão de que as orelhas dele estão cobertas pelo cabelo, não?

— Eu as vi quando ele se inclinou para pôr na mesa a bandeja de café. E os olhos dele brilham no escuro.

A essa altura Montgomery já tinha se recuperado da surpresa que minha pergunta inicial lhe causara.

— Sempre achei que havia algo de estranho com as orelhas dele — comentou devagar, o que acentuava sua tendência a cecear com a voz —, pelo modo como procurava cobri-las. Pareciam com quê?

Algo na sua atitude me convenceu de que estava fingindo ignorância. Mas eu não podia dizer claramente que o considerava um mentiroso.

— São pontudas — falei —, pequenas, e peludas, cobertas de pelos. Mas o homem inteiro é uma das criaturas mais estranhas que já avistei.

Nisso um uivo áspero, agudo, uivo de dor animal, veio do pátio interno do outro lado da porta. Era sem dúvida produzido pela onça. O rosto de Montgomery se contraiu.

— É mesmo? — disse Montgomery.

— Onde vocês descobriram esse sujeito?

— Em San Francisco. É um sujeito abrutalhado, tenho que reconhecer. Meio retardado, também. Não tem ideia de onde vem. Mas você sabe, acabei me acostumando à presença dele. Todos nós. O que acha dele?

— Ele não é natural. Existe nele alguma coisa de... não pense que estou fantasiando, mas ele me dá uma sensação desagradável, uma tensão nos músculos, quando chega perto de mim. É como se fosse um toque... meio diabólico, para ser sincero. Montgomery tinha parado de comer enquanto me ouvia.

— Hummm... Não sinto nada disso — disse ele, e retomou sua refeição. — Compreendo, mas não fazia ideia de que fosse assim. Acho que a tripulação daquela escuna deve ter sentido o mesmo. Eles não deixaram o pobre-diabo em paz. Viu só o capitão?...

Então a onça uivou novamente, dessa vez um uivo ainda mais doloroso do que o anterior. Montgomery praguejou em voz baixa. Pensei em tocar no assunto dos homens que eu vira na praia. O pobre animal lá fora começou a soltar uma série de gritos agudos e entrecortados.

— Aqueles homens que o receberam na praia — falei —, de que raça eles são?

— São bons sujeitos, não são? — disse ele, distraído, franzindo as sobrancelhas cada vez que a onça voltava a urrar.

Calei-me. Ouviu-se um urro ainda mais aflitivo do que o anterior. Montgomery me fitou com olhos baços e serviu-se de outra dose de uísque. Tentou conduzir a

conversa para o tema da bebida, afirmando que ela ajudara a salvar-me a vida. Parecia ansioso em sublinhar o fato de que eu lhe devia a minha sobrevivência. Respondi sem lhe dar muita atenção. Por fim acabamos nossa refeição; o homem das orelhas pontudas veio limpar a mesa, e Montgomery deixou-me sozinho em meu quarto. Durante todo aquele tempo ele se mantivera num estado de irritação maldisfarçada diante dos ruídos que a onça produzia ao ser vivisseccionada. Já tinha me falado sobre seu nervosismo, e deixara as conclusões a meu cargo.

Aqueles gritos me irritavam mais e mais, e foram aumentando de intensidade com o avanço da tarde. A princípio me incomodavam, mas sua repetição constante acabou por me fazer perder a calma. Atirei para longe o volume de Horácio que estava lendo, e fiquei de punhos cerrados, mordendo os lábios, caminhando sem parar pelo aposento.

Acabei tapando os ouvidos com os dedos.

A pressão emocional daqueles uivos foi se acumulando em mim, e me produziu uma sensação de sofrimento tão intenso que não pude mais suportar aquilo, fechado no quarto. Atravessei a porta, no calor entorpecido do fim da tarde, e saí caminhando. Passei diante do portão principal — ainda trancado — e virei a esquina do muro.

Lá fora os uivos pareciam ainda mais altos. Era como se todo o sofrimento do mundo estivesse concentrado numa única voz. E no entanto eu sabia que, se toda aquela dor estivesse sendo experimentada no aposento ao lado por alguém sem voz, acredito (e tenho pensado nisto desde então) que eu poderia conviver com ela. É somente quando a dor alheia é dotada de voz e põe os nossos nervos à flor da pele que a piedade brota dentro de nós. Mas, apesar do brilho do sol e dos leques verdes das palmeiras ondulando ao sopro da brisa marinha, o mundo me parecia uma confusão, um tumulto de fantasmas negros e vermelhos, pelo menos até que me afastei o bastante para não poder mais ouvir os gritos que vinham daquele retângulo de pedra.

IX

A coisa na floresta Caminhei longamente pela mata no alto do barranco, por trás da construção, sem dar muita atenção ao rumo em que seguia; passei por baixo da sombra de um aglomerado de árvores de tronco muito reto, e acabei me achando do lado oposto, descendo na direção de um córrego visível lá embaixo, num vale estreito. Fiz uma pausa e escutei. A distância percorrida, ou a densa massa da floresta, abafava

qualquer som que pudesse vir do cercado. O ar estava parado. Um coelho emergiu do mato e saiu aos pulos encosta acima. Hesitei, e sentei-me à sombra.

Era um lugar agradável. O riacho estava semioculto pela vegetação abundante da encosta, a não ser em um ponto, onde avistei um trecho triangular de água reluzente. Do lado oposto, vi por entre uma neblina azulada um emaranhado de árvores e de trepadeiras, e por cima delas o azul luminoso do céu. Aqui e acolá uma mancha branca ou púrpura assinalava o florescer de uma epífita.8 Deixei meus olhos vaguearem por algum tempo por aquela paisagem, e então comecei a examinar mentalmente as estranhas peculiaridades do ajudante de Montgomery. Mas fazia calor de mais para que eu pudesse me concentrar, e logo deslizei para um estado a meio caminho entre um cochilo e a vigília.

Fui despertado, não sei quanto tempo depois, por um farfalhar entre as folhas do lado oposto do riacho. Por um momento não pude avistar nada além do topo ondulante dos juncos e samambaias; então, de súbito, na margem do córrego apareceu algo que a princípio não pude identificar. A criatura abaixou sua cabeça redonda até a água e começou a beber. Então percebi que era um homem, andando de quatro como um animal!

Estava vestido numa roupa azulada, tinha uma pele cor de cobre e cabelos negros. Parecia que os traços principais dos habitantes daquela ilha eram a feiura e o aspecto grotesco. Pude ouvir o ruído de sucção produzido pelos seus lábios ao beber.

Inclinei-me para vê-lo melhor, e um pedaço de rocha, deslocado pela minha mão, caiu ricocheteando pela encosta. A criatura ergueu a cabeça, com ar acossado, e seus olhos cruzaram com os meus. Ele ficou de pé, limpou a boca com a mão, num gesto desajeitado, sempre me encarando. Suas pernas não tinham nem a metade do comprimento do seu corpo.

Ficamos nos olhando pelo espaço de um minuto. Então ele se afastou por entre as moitas, parando de vez em quando para olhar para trás, e ouvi o farfalhar do mato afastando-se a distância até sumir. Por um longo tempo, depois que ele se foi, fiquei sentado ali, olhando a direção em que ele partira. Minha preguiçosa tranquilidade desaparecera.

Um ruído às minhas costas me sobressaltou, e virando-me avistei a cauda branca de um coelho, que fugiu barranco acima. Pus-me de pé num salto.

O aparecimento daquela criatura grotesca, semibestial, fizera de repente com que aquela tarde tranquila me parecesse fervilhante de seres. Olhei em volta, inquieto, e lamentei estar desarmado. Depois lembrei que o homem que eu vira usava roupas de pano azul, em vez de estar nu como um selvagem; e tentei me persuadir de que afinal de contas ele devia ser uma pessoa pacífica, apesar da aparência embrutecida.

Ainda assim, aquela aparição me deixara perturbado. Caminhei para o lado esquerdo ao longo da encosta, sempre virando a cabeça e espreitando em todas as

direções por entre os troncos das árvores. Por que motivo um homem andaria de quatro e beberia mergulhando a boca na água? Depois voltei a ouvir o uivo de um animal e, deduzindo que era a onça, virei me e fui na direção diametralmente oposta àquela de onde vinha o som. Isto me levou até o córrego, que atravessei, mergulhando no mato que havia do outro lado.

Minha atenção foi atraída por uma faixa de vermelho vivo que avistei ao longe. Chegando mais perto, vi que era um fungo bem peculiar, de aspecto corrugado e cheio de ramículas como um líquen foliáceo, mas que ao toque dos dedos se desmanchava numa espécie de lodo. E em seguida, à sombra de algumas exuberantes samambaias, fiz uma descoberta desagradável — o corpo de um coelho, coberto por moscas luzidias, mas ainda quente, e com a cabeça arrancada. Parei, cheio de repugnância diante da visão do sangue espalhado em volta. Era este o destino de um visitante recém-chegado à ilha!

Não havia outros indícios de violência. Tudo levava a crer que o animal tinha sido apanhado de surpresa e morto; mas quanto mais eu olhava o

pequenino corpo peludo menos imaginava como aquilo podia ter sido feito. O vago receio que eu sentira desde o instante em que vira aquele rosto inumano à beira da água cresceu dentro de mim. Voltei a pensar na minha difícil situação no meio de gente tão estranha. Minha imaginação começou a produzir alterações no mato à minha volta; cada sombra me parecia mais que uma sobra, tornava-se uma emboscada; cada ruído uma ameaça. Eu me sentia espionado por vultos invisíveis.

Ponderei que era melhor retornar para o abrigo de onde viera. Pus-me em movimento de modo atabalhoado por entre os arbustos, ansioso para sair daquele mato fechado.

Consegui deter-me bem a tempo, antes de sair para o espaço aberto. Era uma espécie de clareira, formada por um desmoronamento; plantas miúdas já começavam a ocupar aquele espaço vazio, e, mais além, via-se de novo a cortina cerrada de troncos e cipós e fungos e flores. Ali, bem à minha frente, de cócoras diante do tronco semiapodrecido de uma árvore tombada, e sem perceber minha aproximação, estavam três vultos humanos de aspecto grotesco.

Um deles era visivelmente uma mulher; os outros dois eram homens. Estavam nus, a não ser por farrapos de pano vermelho em volta dos quadris; e sua pele tinha um tom róseo escuro, tal como eu jamais vira na pele de selvagens. Seus rostos eram gordos, empapuçados, sem queixo, com testa achatada para trás, cabelos eriçados e esparsos cobrindo o crânio. Meus olhos nunca tinham visto seres tão bestiais.

Estavam conversando, ou pelo menos um dos homens dirigia-se aos outros, e os três estavam tão concentrados que não tinham ouvido minha aproximação. Suas cabeças e ombros oscilavam para um lado e para outro. O homem que falava tinha

uma voz pastosa, engrolada, e embora eu o ouvisse distintamente não consegui entender o que dizia. Parecia estar recitando uma algaravia incompreensível. Seu tom foi ficando mais estridente, e ele se pôs de pé, espalmando as mãos.

Os outros começaram a recitar em uníssono e também se levantaram, estendendo as mãos e balançando os corpos ao ritmo do seu recitativo.

Observei então que tinham pernas anormalmente curtas, e pés finos, desajeitados. Os três começaram a dançar em círculo, batendo os pés no chão e agitando os braços; uma espécie de melodia começou a brotar das frases ritmadas que repetiam, e depois um refrão — "Alula", "Balula", algo assim. Seus olhos cintilavam e em seus rostos monstruosos espalhou-se uma expressão de estranho êxtase. A saliva escorria das suas bocas sem lábios.

De repente, enquanto eu observava seus gestos grotescos e inexplicáveis, percebi com clareza pela primeira vez o que me provocara tamanha repulsa, o que me dera as impressões contraditórias e conflitantes que eu sentira — de total estranheza e de perturbadora familiaridade. As três criaturas praticando aquele ritual insólito tinham forma humana, mas com a aparência de animais. Cada uma delas, a despeito de sua aparência humana, dos trapos que vestiam e do perfil antropomórfico de seus corpos, tinha em sua medula — em seus movimentos, na expressão de suas faces, em sua presença como um todo — a irresistível aparência de um porco, um quê de suíno, a inconfundível marca da besta.

Esta revelação súbita me estonteou, e as perguntas mais terríveis começaram a surgir na minha mente. As criaturas passaram a dar pulos, primeiro uma, depois outra, roncando, grunhindo. Uma delas escorregou e por um momento caiu de quatro, mas rapidamente se recuperou. Aquela recaída momentânea de tal monstro no animalismo, contudo, foi o bastante.

Virei-me, o mais silenciosamente que pude, imobilizando-me de vez em quando com medo de ser descoberto, sempre que um ramo se partia ou uma folha farfalhava, e fui me afastando por dentro do mato. Só depois de algum tempo adquiri confiança para me movimentar mais à vontade.

A única coisa na minha cabeça, naquele instante, era me afastar daqueles seres monstruosos, e mal percebi que estava seguindo uma espécie de trilha por entre as árvores. Então, ao cruzar uma pequena clareira, vi com um susto desagradável duas pernas, por entre os troncos, caminhando com passos silenciosos num curso paralelo ao meu, talvez a trinta metros de distância. A cabeça e a parte superior do corpo estavam escondidas pelo mato cerrado. Parei abruptamente, na esperança de que a criatura

não tivesse me avistado, mas ela também se deteve. Eu estava tão nervoso que com enorme dificuldade contive meu impulso de sair correndo às cegas no meio do matagal.

Observando melhor, acabei reconhecendo naquele vulto a criatura abrutalhada que

eu vira bebendo no córrego. Ele mexeu a cabeça e vi um clarão cor de esmeralda nos seus olhos, quando cruzaram com os meus por sob a sombra do arvoredo, uma cor semiluminosa que sumiu quando ele moveu a cabeça novamente. Por um instante ele ficou imóvel, e então, silenciosamente, fugiu por entre a folhagem verde; um instante depois tinha desaparecido. Não pude mais vê-lo, mas fiquei com a sensação de que tinha parado e estava de novo à espreita.

O que poderia ser aquilo? Um homem ou um animal? O que queria de mim? Eu não tinha armas, nem sequer um pedaço de pau. Sair correndo seria loucura. Pelo menos aquela coisa, fosse o que fosse, não tivera a coragem de me atacar. Cerrando os dentes, comecei a andar na sua direção. Tentava não demonstrar o medo que àquela altura me gelava a espinha. Afastei para o lado uma moita coberta de flores brancas, e o vi, a vinte passos de distância, olhando-me por sobre o ombro, hesitante. Avancei um ou dois passos, olhando-o nos olhos com firmeza.

— Quem é você? — perguntei.

Ele tentou sustentar meu olhar e de repente gritou:

— Não!

Virando-se, afastou-se por dentro do mato. Depois virou-se e me olhou novamente, e seus olhos faiscavam na sombra projetada pelas árvores.

Eu estava com o coração na boca, mas sabia que minha única chance era enfrentar o perigo, e caminhei direto para ele. Ele se virou e desapareceu nas sombras. Tive apenas mais um rápido vislumbre dos seus olhos, e isso foi tudo.

Pela primeira vez percebi que o adiantado da hora poderia se tornar um problema para mim. O sol havia se posto alguns minutos antes, e o rápido

anoitecer dos trópicos já se espalhava pelo céu a leste; uma primeira mariposa noturna já esvoaçava perto de minha cabeça. A menos que eu pretendesse passar a noite entre os perigos desconhecidos daquela selva cheia de mistérios, devia me apressar de volta ao abrigo.

A ideia de voltar para aquele refúgio cheio de gritos de dor era extremamente desagradável, mas era ainda preferível a ser surpreendido ao ar livre pela escuridão e por tudo o que essa escuridão poderia trazer consigo. Olhei mais uma vez para as sombras azuladas onde desaparecera a criatura, e então refiz meu trajeto, descendo o barranco rumo ao riacho, na direção de onde julgava ter vindo.

Caminhei com pressa, tendo a mente cheia de pensamentos confusos, e acabei desembocando num terreno plano com árvores esparsas. A claridade tênue que sucede aos últimos clarões do pôr do sol começava a se dissolver em penumbra. O céu adquiria um azul mais profundo, e as miúdas estrelas pareciam perfurar a abóbada celeste; as brechas entre os ramos das árvores e entre a vegetação mais espessa, que à luz do dia eram de um azul brilhante, começavam a se tornar escuras

e misteriosas.

Segui em frente. As cores do mundo pareciam se dissolver à minha volta. Os topos das árvores ainda se destacavam de encontro aos últimos restos do azul luminoso do céu, mas abaixo delas tudo se confundia numa só treva. Aos poucos eu percebia que estava passando por árvores cada vez mais finas, e que o mato rasteiro era mais abundante. Passei então por um trecho desolado de terreno, coberto por areia branca, e depois por um mato de arbustos cerrados.

Comecei a ser incomodado por um farfalhar contínuo que percebia do meu lado direito. A princípio pensei que estava imaginando coisas, pois toda vez que me detinha notava apenas o silêncio e o vento soprando nas frondes das árvores. Mas quando voltei a caminhar percebi uma espécie de eco dos meus passos.

Decidi afastar-me do arvoredo e procurar campo aberto, além de mudar de direção bruscamente para tentar surpreender quem quer que estivesse vindo no meu encalço. Mesmo sem avistar ninguém, a sensação de uma

presença estranha aumentava a cada instante. Apressei o passo, e dali a algum tempo cheguei a uma elevação, que transpus, e depois vireime, olhando sua silhueta que se recortava de encontro ao céu ainda parcialmente claro.

Então avistei um vulto que surgiu rapidamente ali e depois retrocedeu. Tive certeza de que o meu antagonista de rosto acobreado vinha no meu encalço, e esta certeza veio acompanhada por outra, de mau agouro — a de que eu tinha me perdido na floresta.

Caminhei ansioso e perplexo por algum tempo, sempre com aquele perseguidor silencioso no meu encalço. Fosse o que fosse, a coisa não tinha coragem de me atacar, ou então esperava o melhor momento para me apanhar em desvantagem. Mantive-me deliberadamente em campo aberto. Às vezes virava-me para escutar, e a certa altura cheguei mesmo a pensar que meu perseguidor tinha desistido, ou então que não passava de um produto da minha imaginação descontrolada. Foi então que ouvi o barulho das ondas. Apertei o passo até estar quase correndo, e ouvi então um baque às minhas costas.

Virei-me, examinando as árvores. Sombras negras pareciam saltar umas sobre as outras. Fiquei à escuta, imóvel, e tudo o que ouvia era o zunido do meu próprio sangue nos tímpanos. Achei que estava perdendo o controle dos meus nervos e deixando-me levar pela minha imaginação, e acabei partindo novamente rumo ao mar.

As árvores começaram a rarear e por fim emergi no alto de um promontório descoberto que penetrava no oceano. A noite estava clara e tranquila, e a luz das estrelas se refletia sobre as águas que ondeavam suavemente. A certa distância, a arrebentação das vagas de encontro a uns arrecifes destacava-se na escuridão. Na direção do oeste vi a luz das constelações zodiacais misturando-se ao brilho amarelo

da estrela da tarde. A praia distanciava-se de mim a leste, e para oeste estava oculta pelo promontório. Depois lembrei que a praia onde Moreau nos desembarcara ficava do lado oeste.

Um galho estalou às minhas costas, e ouvi um farfalhar; virei-me para o arvoredo sombrio mas não enxerguei nada. Ou melhor, enxerguei coisas

em excesso. Cada forma que eu distinguia naquela penumbra tinha um aspecto ameaçador, cada uma sugeria um vulto que me observava, alerta. Fiquei ali talvez um minuto, e então, ainda mantendo minha vigilância na direção das árvores, passei a caminhar para oeste, para cruzar o promontório. Quando comecei a andar, uma daquelas sombras pôs-se em movimento, acompanhando-me.

Meu coração começou a bater forte. Logo avistei uma enseada que abria sua ampla curva logo adiante, e mais uma vez me detive. A sombra silenciosa estacou, a uma distância de uns doze metros. Na extremidade oposta da baía vi reluzir um pequeno ponto luminoso, separado de mim pela vasta extensão de areia acinzentada, que brilhava fracamente à luz das estrelas. Eram cerca de três quilômetros que eu teria de cruzar para chegar lá, e para alcançar a praia precisaria atravessar as árvores, as sombras, além de descer um barranco coberto de mato.

Agora eu podia avistar melhor a coisa. Não era um animal, porque se mantinha ereto. Abri a boca para dizer algo, mas vi que minha garganta estava obstruída por uma gosma espessa. Tentei de novo, e acabei gritando: Quem está aí?!... Não tive resposta. Avancei um passo. A coisa não se mexeu, apenas aprumou-se mais. Meu pé esbarrou numa pedra.

Isto me deu uma ideia. Sem tirar os olhos daquele vulto, abaixei-me e ergui nas mãos a pesada pedra, mas quando viu meu movimento a coisa fez meia-volta e se afastou obliquamente, como um cachorro teria feito, rumo à parte mais escura. Então me lembrei do meu tempo de estudante e de um recurso usado para enfrentar os cães de grande porte. Enrolei a pedra no meu lenço e dei uma volta com a outra ponta em torno do meu pulso, segurando-a com firmeza. Ouvi um movimento no meio do mato, como se a coisa estivesse batendo em retirada. Então minha tensão cedeu bruscamente; vi-me banhado de suor e com o corpo todo trêmulo, enquanto meu adversário se afastava, deixando-me com aquela arma improvisada na mão.

Demorei algum tempo antes de reunir a coragem necessária para descer através das árvores e do mato até o flanco do promontório e as areias da praia. No fim do trajeto já ia em plena corrida, e quando emergi das moitas para a areia ouvi algo rompendo o mato no meu encalço.

O som me fez perder a cabeça de medo, e continuei em corrida desabalada pela praia. Logo escutei o ruído abafado dos pés que me seguiam. Soltei um grito e forcei-me a correr ainda mais depressa. Vultos escuros, indistintos, três ou quatro vezes maiores que um coelho, fugiam em disparada à minha passagem e se perdiam

no interior do matagal. Enquanto eu viver não esquecerei o terror daquela fuga. Eu corria à beira da água, e a todo instante escutava o espadanar dos pés que me perseguiam, cada vez mais próximos. Lá longe, impossivelmente distante, eu via a luz amarelada. À minha volta, a escuridão da noite onde tudo o mais estava imóvel. Atrás de mim aqueles pés chapinhavam na água, mais perto, mais perto. Eu já estava sem ar nos pulmões, porque meu estado físico não era dos melhores; sentia como um rangido no peito cada vez que aspirava o ar, e uma dor aguda como uma faca que me trespassasse de lado a lado. Vi que a coisa me alcançaria muito antes que eu conseguisse chegar ao cercado de Moreau, e, em desespero, arquejando, girei sobre meu próprio corpo, e acertei a criatura quando ela veio sobre mim — golpeei com toda a minha força. Quando o fiz, a pedra escapou da funda improvisada com o lenço.

No momento em que me virei, a coisa, que vinha correndo de quatro, ergueu-se nas patas traseiras, e o pedaço de rocha a acertou na testa. Ouvi o ruído cavo da pancada, e aquele homem-animal cambaleou sobre mim, empurrou-me para trás com suas mãos, e tropeçou até cair de bruços na areia, com o rosto dentro d'água; e não mais se moveu.

Não consegui me aproximar daquele corpo. Deixei-o ali, sendo rodeado pelas espumas brancas que iam e vinham sob a luz das estrelas. Rodeando-o a distância, retomei minha caminhada rumo à luz amarelada que vinha do cercado, até que, com um suspiro de alívio, comecei a escutar os gemidos lamentosos da onça, o mesmo som que de início me expulsara dali para explorar aquela ilha misteriosa. Ouvindo esse som, reuni as forças que me restavam e trotei na direção da luz. Pareceu-me ouvir uma voz chamando meu nome.

X

O grito do homem Quando me aproximei da casa, vi que a luz que eu avistara vinha da porta do meu quarto, que estava escancarada. Daquele recorte oblongo de luz alaranjada emergiu a voz de Montgomery gritando: Prendick!

Continuei a correr, até que o ouvi gritando novamente, e respondi com um débil Olá!. Um instante depois, cambaleei para dentro do quarto.

— Onde você estava?! — perguntou ele, segurando-me pelos ombros de modo que a luz me caísse sobre o rosto. — Estivemos tão ocupados que me esqueci completamente de você até meia hora atrás. — Conduziu-me para dentro do quarto e me ajudou a sentar. Eu ainda estava ofuscado pela luz. — Não nos passou pela

cabeça que você saísse a andar pela ilha sem nos avisar. Eu estava receoso, mas... epa!

Minhas últimas forças tinham me abandonado, e minha cabeça descaiu sobre o peito. Acho que ele sentiu certa satisfação em me servir um gole de conhaque.

— Pelo amor de Deus — murmurei —, tranque essa porta.

— Andou encontrando alguma das nossas curiosidades, hein? — disse ele.

Mas fechou a porta e voltou para o meu lado. Não me fez perguntas, mas serviu- me um pouco mais de conhaque, depois água, e me forçou a comer alguma coisa. Eu estava num estado quase de colapso. Ele fez um comentário sobre ter se esquecido de me prevenir a respeito de algo, e depois me perguntou quando eu tinha saído dali, e o que vira. Respondilhe brevemente, com frases entrecortadas.

— Diga-me o que significa tudo isto — pedi, num estado de quase histeria.

— Não é nada terrível — disse ele. — Mas acho que você já teve o bastante por hoje. — Nisto, a onça soltou um uivo de dor repentino, e ele praguejou em voz baixa. — Que diabo, se este lugar não é pior do que Gower Street, com seus gatos.

— Montgomery — disse eu —, que coisa era aquela que me perseguiu? Era um animal ou um homem?

— Se você não dormir hoje — respondeu ele — amanhã vai estar fora de si.

Fiquei de pé e o encarei.

— Que coisa era aquela que me perseguiu? — insisti.

Ele sustentou meu olhar e repetiu aquele tique de torcer a boca. Seus olhos, que um minuto antes estavam brilhantes, tornaram-se vagos e opacos.

— Pelo que você me contou, só posso achar que era um bicho-papão.

Senti uma violenta onda de irritação, mas que passou tão depressa quanto veio. Deixeime cair de novo na cadeira, apertando as mãos sobre as têmporas. E a onça recomeçou a uivar.

Montgomery aproximou-se e pôs as mãos sobre os meus ombros.

— Olhe, Prendick — disse —, eu não devia ter permitido que você saísse vagando por esta ilha. Mas não é algo tão grave quanto você imagina. Seus nervos estão destroçados. Deixe-me dar-lhe algo que o ajudará a pegar no sono. Esse barulho ainda vai durar algumas horas. Precisa dormir, ou então não me responsabilizo pelo seu estado.

Não respondi. Inclinei-me e cobri o rosto com as mãos. Ele voltou com um copinho contendo um líquido escuro. Bebi sem discutir, e ele me ajudou a deitar na rede.

Quando acordei, era dia alto. Por bastante tempo continuei deitado, olhando para o teto. Notei que as vigas eram feitas como o madeirame de um navio. Quando me virei de lado, vi que havia uma refeição posta na mesa, e percebi que estava faminto. Soergui o corpo para sair da rede, a qual, antecipando-se, virou e me

despejou de quatro sobre o piso.

Levantei-me e fui para a mesa, sentando-me diante do prato. Minha cabeça estava pesada, e de início eu tinha apenas uma vaga recordação dos acontecimentos da noite anterior. A brisa da manhã soprava agradavelmente pela janela, e o sabor da comida contribuía para me fazer experimentar uma sensação animal de conforto. A certa altura a porta se abriu — a porta que dava para o interior do cercado — e, virando-me, vi Montgomery, que espiava para dentro.

— Oh, então está tudo bem — disse ele. — Estou muito ocupado. — E fechou a porta.

Algum tempo depois, contudo, descobri que ele se esquecera de trancá-la de novo. Lembrei a expressão do seu rosto na noite anterior, e com isto veio-me à memória tudo o que eu experimentara na véspera. Quando fui tomado novamente pelo terror do que me acontecera, ouvi um grito vindo lá de dentro, mas dessa vez não era o grito da onça.

Pousei de novo no prato o garfo que trouxera à boca, e escutei. Agora, nada se ouvia, a não ser o sussurro da brisa. Comecei a pensar que meus ouvidos tinham me enganado.

Depois de uma longa pausa retomei minha refeição, mas sempre com os ouvidos atentos. Por fim ouvi um barulho, muito distante e abafado. Imobilizei-me, à escuta. Embora fosse um ruído muito baixo e distante, ele me tocou muito mais profundamente do que todas as abominações que eu tinha escutado do outro lado daquelas paredes. Dessa vez não havia como não reconhecer aqueles sons baixos, entrecortados; não podia haver dúvida quanto a sua origem. Eram gemidos, cortados por soluços e arquejos de angústia. Dessa vez não era um animal; era um ser humano, submetido a tortura.

Quando tive essa revelação pulei de pé, atravessei o quarto em três passadas, agarrei a maçaneta da porta interna e a escancarei.

— Prendick! Pare! — ouvi a voz de Montgomery gritar.

Um cão, sobressaltado, rosnou e latiu para mim. Avistei uma pia manchada de sangue, sangue escuro e coagulado, bem como sangue fresco e de um vermelho vívido, e senti o cheiro peculiar do ácido

carbólico. Então, através de um pórtico que dava para o outro aposento, vi um vulto fortemente amarrado a uma estrutura de madeira, um corpo ferido, vermelho, coberto de bandagens; mas logo surgiu diante de mim o rosto de Moreau, pálido e terrível.

Num instante ele me agarrou pelos ombros, com mãos manchadas de sangue, arrancoume do chão como se eu fosse uma criança, e me arremessou de volta ao meu quarto. Caí aos trambolhões, e ouvi a porta sendo fechada violentamente, escondendo o seu rosto tomado de fúria. Ouvi a chave girando na fechadura, e a voz de Montgomery como que pedindo desculpas.

— Isto pode estragar o trabalho de uma vida inteira — ouvi a voz de Moreau dizer.

— Ele não compreende — disse Montgomery, e depois outras coisas inaudíveis.

— Não tenho tempo a perder — retorquiu Moreau.

Não pude ouvir o resto. Ergui-me com dificuldade e fiquei ali, trêmulo. Minha mente era um caos repleto dos mais horríveis receios. Será possível, pensei, que esteja acontecendo aqui algo tão horrendo quanto a vivissecção de seres humanos? Essa pergunta cruzou minha mente como um raio num céu tempestuoso; e então o pavor nebuloso que tomava conta de minha mente se cristalizou na percepção do perigo que eu próprio estava correndo.

XI

A caça ao homem Veio-me à mente, como vaga esperança de fuga, a lembrança de que a porta que dava para o lado de fora ainda estava aberta. Àquela altura eu tinha certeza de que Moreau estava vivisseccionando um ser humano. Desde que eu escutara seu nome, tinha tentado estabelecer uma ligação entre a aparência grotescamente animal dos habitantes da ilha e as abominações que o tinham tornado famoso na Inglaterra. Agora, tudo começava a se esclarecer. Lembreime dos seus trabalhos sobre transfusão de sangue. As criaturas que eu tinha visto eram

certamente as vítimas de alguma experiência monstruosa.

Aquela dupla de canalhas pretendia manter-me preso ali, enganar-me com falsas manifestações de confiança, e depois dar-me um destino pior que a morte: a tortura. E, depois da tortura, a pior das degradações: soltar-me na floresta como uma alma perdida, um bicho, para juntar-me ao restante daquela horda de Comus.9 Olhei em torno, à procura de alguma arma. Nada. Tive uma inspiração; virei a cadeira em posição invertida, prendi-a com o pé, e arranquei uma das traves laterais. O prego veio junto com a madeira, projetando-se para fora e dando um toque de ameaça àquela arma improvisada. Ouvi passos do lado de fora, e abri a porta para me deparar com Montgomery a um metro de distância. Ele estava vindo trancar a porta externa!

Ergui minha clava e desferi um golpe visando seu rosto, mas ele saltou para trás. Hesitei um instante e saí a correr, rodeando a esquina de pedra. Ouvi seu grito:

— Prendick! Não seja maluco!

Um minuto mais, pensei, e ele teria me trancado naquele quarto, deixando-me

como um coelho de laboratório, à espera do meu destino. Ele me perseguiu, pois o ouvi rodear a esquina gritando meu nome e praguejando.

Dessa vez, correndo meio às cegas, tomei o rumo noroeste, num ângulo reto em relação à minha expedição anterior. Por uma vez, quando corria rumo à praia, olhei para trás e vi que o tal assistente o acompanhava na perseguição. Corri na direção do barranco, ultrapassei-o e cheguei a um vale pedregoso entre dois trechos de floresta. Corri por mais de dois quilômetros, com o peito opresso de dor, o coração ressoando nos tímpanos de forma ensurdecedora. Depois, não ouvindo mais os meus perseguidores, e estando à beira da exaustão, fiz uma mudança brusca de rumo na direção da praia, onde me escondi numa moita de bambus.

Fiquei ali durante um longo tempo, amedrontado demais para me mexer, e mesmo para decidir o que faria em seguida. O cenário selvagem à

minha frente parecia dormir preguiçosamente sob o sol, e o único som à minha volta era o zumbido de alguns mosquitos que haviam me descoberto. Logo percebi outro som, o barulho murmurante das ondas na areia da praia.

Cerca de uma hora depois ouvi a voz de Montgomery chamando meu nome, na direção do norte. Isso me fez pensar num plano de ação. Do modo como eu a via, aquela ilha era habitada apenas pelos dois vivissectores e suas vítimas animalizadas. Algumas delas sem dúvida podiam se transformar em ajudantes deles se houvesse necessidade. Eu sabia que tanto Moreau quanto Montgomery estavam armados de revólveres; e eu estava desarmado, a não ser por aquele frágil pedaço de pau com um prego na ponta.

Fiquei ali até começar a sentir fome e sede, e nesse momento comecei a ver quanto a minha posição ali era sem esperanças. Eu não sabia como poderia me alimentar. Era ignorante demais sobre botânica para descobrir algum fruto ou raiz comestível à minha volta; não tinha recursos para capturar os coelhos existentes na ilha. Quanto mais eu pensava, menos possibilidades me ocorriam. Por fim, em desespero de causa, pensei nos Homens-Animais que encontrara. Tentei lembrar alguma coisa que me pudesse ser útil, e repassei na memória a imagem de cada um deles, procurando um raio de esperança.

Ouvi então os latidos de um cão de caça, e isto me alertou para um novo perigo. Parti dali sem perda de tempo, e não fosse assim teria sido apanhado; agarrando minha clava rústica, corri na direção de onde vinha o barulho do oceano. Lembro-me de ter atravessado uma moita de espinhos, que se cravaram em mim como canivetes. Emergi, sangrando e com as roupas dilaceradas, na borda de um riacho que se abria na direção do norte. Mergulhei na água sem hesitar, e subi contra a correnteza com água pelos joelhos. Subi o barranco do lado oeste, e, com o coração martelando no peito, enfiei-me num emaranhado de samambaias, onde fiquei à espera do que poderia acontecer. Ouvi o cachorro (era apenas um) cada vez mais perto, ouvi-o

ganir ao atravessar o espinheiro. Depois não o ouvi mais, e achei que o tinha despistado.

Os minutos se passaram e o silêncio foi se prolongando, até que depois de mais de uma hora senti minha coragem voltar aos poucos.

Não me senti mais apavorado nem em desespero; de certo modo, já tinha ultrapassado esse limiar. Achei que minha vida já estava praticamente perdida, e isto me tornava capaz de correr qualquer risco. Tinha mesmo vontade de reencontrar Moreau cara a cara. Ao pensar no modo como vadeara o rio, achei que como último recurso eu tinha uma opção para escaparlhes — eles não poderiam impedir que eu me afogasse. Pensei por um momento se o faria naquela mesma hora, mas perdurava em mim um estranho desejo de ver o final daquela aventura, uma espécie de interesse insólito no espetáculo de minha própria desgraça. Estiquei os membros, doloridos e cortados pelos espinhos, e examinei as árvores ao meu redor. E então, de modo tão súbito que me pareceu ver aquilo saltar do mato na minha direção, percebi um rosto negro que me observava.

Reconheci a criatura simiesca que tinha ido ao encontro da lancha, quando do nosso desembarque. Ele estava trepado no caule oblíquo de uma palmeira. Agarrei minha estaca, e fiquei de pé, encarando-o. Ele começou a balbuciar algo, uma algaravia da qual eu entendi apenas a palavra você, você, você, sendo repetida. Então ele pulou da árvore, e logo estava afastando as frondes com as mãos e me olhando mais de perto.

Não senti nesse instante a mesma repugnância que experimentara quando dos meus outros encontros com os Homens-Animais.

— Você — repetiu ele. — No barco.

Era um homem, então. Pelo menos era tão humano quanto o assistente de Montgomery, visto que conseguia falar.

— Sim — respondi. — Vim no barco. Eu estava no navio.

Ele soltou uma exclamação vaga, enquanto seus olhos inquietos me esquadrinhavam de cima a baixo: minhas mãos, a arma que eu segurava, meus pés, os rasgos na minha vestimenta, os cortes e arranhões na minha pele. Parecia intrigado com alguma coisa. Seus olhos voltaram a se fixar nas minhas mãos. Ele ergueu sua própria mão e contou os dedos devagar:

— Um, dois, três, quatro, cinco... Certo?

Não entendi logo o que queria dizer com aquilo, porém mais tarde eu ficaria sabendo que muitos dos Homens-Animais tinham mãos deformadas, nas quais chegavam a faltar até três dedos. Mas na hora vi aquilo como uma espécie de saudação, e fiz o mesmo à guisa de resposta. Ele sorriu, com imensa satisfação. Então seus olhos ariscos voltaram a examinar o ambiente em volta, ele fez um movimento brusco — e sumiu. Ficaram apenas as frondes do mato balançando, no

lugar onde ele estivera um segundo antes.

Fui naquela direção, e quando atravessei o mato surpreendi-me ao vê-lo balançando-se por um braço longo e fino, pendurado nos cipós que pendiam das copas das árvores. Estava de costas para mim.

— Olá! — gritei.

Ele deu uma cambalhota e caiu de pé à minha frente.

— Olhe aqui — falei —, onde posso conseguir alguma coisa para comer?

— Comer! — disse ele. — Comer comida de homem, agora. — Seus olhos se ergueram para os cipós. — Nas cabanas.

— Mas onde ficam as cabanas?

— Oh!

— Sou novo aqui, você sabe.

Ele me deu as costas e saiu andando. Todos os seus movimentos eram bruscos, rápidos.

— Venha! — disse ele.

Segui-o, cheio de curiosidade. Imaginei que as cabanas seriam algum tipo de abrigo rústico onde viviam ele e outros Homens-Animais. Talvez eles se mostrassem amistosos. Talvez fossem amistosos; talvez eu encontrasse em suas mentes algo que me permitisse estabelecer uma comunicação. Não sabia até que ponto eles teriam esquecido sua origem humana.

Meu companheiro simiesco trotava ao meu lado, com as mãos pendentes e o queixo projetado para a frente. Imaginei que tipo de memória ele tinha sobre si próprio.

— Há quanto tempo está nesta ilha? — perguntei.

— Quanto tempo? — repetiu ele. Depois que fiz a pergunta de novo, ele ergueu três dedos.

Era pouco mais que um retardado. Tentei saber o que queria dizer com aquilo, mas ele mostrou-se entediado. Depois que fiz mais uma ou duas perguntas ele afastou-se e colheu, de um salto, uma fruta que pendia de uma árvore. Arrancou-lhe a casca cheia de asperezas e começou a devorar a parte interna. Notei isto com satisfação, porque me dava uma pista de como se alimentavam. Tentei fazer outras perguntas, mas ele respondia de imediato com uma algaravia que na maioria dos casos não parecia ter nada a ver com o que eu dissera. Algumas de suas respostas eram apropriadas, outras pareciam respostas de papagaio.

Eu estava tão absorvido por essas indagações que mal dei atenção ao nosso trajeto. Passamos por certo número de árvores semicarbonizadas e em seguida um campo a céu aberto, cujo chão era coberto de incrustações branco-amareladas, e fendas por onde se escapava um vapor de cheiro pungente que incomodava os olhos e as narinas. À nossa direita, por cima de uma encosta de enormes lajedos, avistava-

se o mar. A trilha por onde seguíamos descia bruscamente numa ravina estreita, entre duas massas de rochas vulcânicas amontoadas; descemos por ali.

Essa passagem me pareceu muito escura, vindo após aquela clareira onde a luz cegante do sol se refletia no solo sulfuroso. As paredes eram escarpadas e muito próximas uma da outra. Manchas verdes e púrpura passavam diante dos meus olhos. Meu guia parou de repente.

— Em casa — disse ele.

Vi-me no fundo de um precipício que a princípio era de um negror total; ouvi barulhos estranhos, esfreguei os olhos. Percebi um odor desagradável, como o de uma jaula de macacos que não é limpa com

frequência. Ao fundo, a rocha se erguia numa elevação gradual até bordas cobertas de matos e banhadas de luz; de ambos os lados a luz mal conseguia penetrar até atingir as trevas ali no fundo.

XII

Os mestres da lei Nesse momento alguma coisa fria tocou minha mão. Recuei assustado e vi perto de mim a imagem indistinta de uma criatura rósea, que parecia mais uma criança esfolada do que qualquer outra coisa no mundo. Tinha as feições repulsivas de uma preguiça; a mesma testa achatada, os gestos vagarosos. Passado o primeiro choque da transição para aquela penumbra, meus olhos começaram a enxergar melhor à minha volta. A pequena criatura semelhante a uma preguiça estava de pé, olhando para mim. Meu guia tinha desaparecido.

O local era uma passagem estreita entre duas muralhas de lava; uma rachadura na rocha, onde, de ambos os lados, projetavam-se tufos volumosos de plantas marinhas, frondes de palmeiras e juncos, que se entrelaçavam formando abrigos rústicos mergulhados na treva. O caminho que conduzia até ali através da ravina teria no máximo uns três metros de largura, e estava coberto de restos apodrecidos de frutas e outros resíduos, o que dava ao local aquele odor desagradável.

A preguiça rosada estava me fitando e piscando os olhos quando o meu guia simiesco reapareceu na abertura do covil mais próximo, e chamou-me com um gesto. Nisso, emergiu de outra abertura naquela rua insólita uma criatura encurvada que ficou de pé, uma silhueta negra de encontro ao verde brilhante da folhagem, observando-me. Hesitei, quase cedendo ao impulso de fugir correndo pelo caminho por onde chegara; mas veio-me a determinação de ir até o fim daquela aventura, e, segurando com força minha arma improvisada, rastejei atrás do meu guia para dentro daquele ambiente malcheiroso.

O covil era um espaço semicircular, com a forma aproximada de uma colmeia cortada ao meio; sua extremidade oposta à entrada era a parede rochosa da ravina, e ali havia uma pilha de frutos variados, entre os quais muitos cocos. Algumas vasilhas rústicas feitas de pedra e de madeira estavam espalhadas pelo chão, bem como um tamborete desajeitado. Não

havia sinal de fogo. No recanto mais escuro do covil, sentava-se um vulto mergulhado na escuridão, que me saudou com uma exclamação quando entrei. O Homem-Macaco estendeu-me um coco partido ao meio, e agachou-se num canto. Peguei o coco e comecei a mastigar pedaços dele, procurando manter a calma, a despeito da minha ansiedade e da estreiteza claustrofóbica daquele lugar. A pequena preguiça cor-de-rosa continuava parada na abertura, e em certo momento outro ser, com rosto pardo e olhos brilhantes, veio espiar por cima do seu ombro.

— Ei! — disse o vulto que estava no escuro. — É um homem.

— É um homem — engrolou o meu guia. — Um homem, homem, homem com cinco, como eu.

— Cale a boca — disse o outro, e soltou um grunhido.

Continuei a comer meu coco, e todos eles se aquietaram. Eu continuava a não distinguir nada no meio daquela treva.

— É um homem — repetiu a voz. — Ele vem viver aqui?

A voz era pastosa, e havia nela alguma coisa peculiar, uma espécie de silvo, mas o sotaque inglês era inesperadamente correto.

O Homem-Macaco olhou-me como se esperasse alguma coisa, e entendi que a pausa era interrogativa.

— Ele vem viver aqui — respondi.

— É um homem. Precisa aprender a Lei.

Comecei a distinguir algo mais escuro no meio da treva, uma vaga silhueta de uma figura toda corcovada. Então vi que na abertura do covil já havia duas cabeças espiando para dentro. Minha mão apertou a clava. A coisa no escuro repetiu, com voz mais grave:

— Diga as palavras.

Eu não tinha escutado da primeira vez. Ele repetiu, numa espécie de litania:

— Não andar de quatro pés, essa é a Lei.

Fiquei perplexo.

— Diga as palavras — disse o Homem-Macaco, repetindo-as, e as figuras paradas à porta ecoaram sua recitação, e havia algo ameaçador naquele coro de vozes. Percebi que teria de repetir aquela fórmula boba, e então teve início a mais insana das cerimônias. A voz no escuro entoava aquela cantilena, linha por linha, e eu e os outros a repetíamos. Quando eles o faziam, oscilavam de um lado para outro, do modo mais estranho, e batiam com as mãos sobre os joelhos; e eu segui

seu exemplo. Naquela hora não me seria difícil imaginar que tinha morrido e que aquilo era outro mundo. O covil tenebroso, aquelas figuras grotescas que mal se entreviam, iluminadas de raspão por um ou outro raio de luz, todas balançando-se e cantarolando em uníssono.

— Não andar de quatro pés, essa é a Lei. Então não somos homens?

— Não beber com a língua, essa é a Lei. Então não somos homens?

— Não comer peixe nem carne, essa é a Lei. Então não somos homens?

— Não arrancar a casca das árvores, essa é a Lei. Então não somos homens?

— Não caçar outros homens, essa é a Lei. Então não somos homens?

E assim por diante, num ritual que ia da proibição desses atos bobos até a proibição do que aos meus ouvidos eram as coisas mais dementes, impossíveis e obscenas que alguém poderia imaginar. Sobre o nosso grupo ia baixando uma espécie de transe rítmico, e nós recitávamos e oscilávamos cada vez mais depressa, repetindo aquela lei espantosa. Na superfície eu estava me deixando contagiar pelo comportamento daqueles brutos, mas bem no fundo havia uma luta entre a repulsa e a vontade de gargalhar. Percorremos uma lista infindável de proibições, e então o cântico passou para uma nova fórmula.

— É dele, a Casa da Dor.

— É dele, a mão que cria.

— É dele, a mão que fere.

— É dele, a mão que cura.

E assim por diante, em mais um palavreado incompreensível sobre "ele", fosse quem fosse. Eu podia ter pensado que aquilo era um sonho, mas eu nunca sonhara antes com um coro de vozes semelhante àquele.

— É dele o raio que brilha — cantarolamos. — É dele o mar salgado.

Veio-me à mente a ideia terrível de que Moreau, depois de animalizar aqueles homens, tinha infectado seus cérebros defeituosos com uma espécie de hino de endeusamento a si mesmo. No entanto, a proximidade daqueles dentes brancos e daquelas garras era real demais para que eu pensasse em parar.

— São dele as estrelas no céu.

Finalmente terminou o último cântico. Vi o rosto do Homem-Macaco brilhando de suor; e meus olhos, agora mais acostumados à escuridão, distinguiram melhor a figura agachada no canto de onde vinha a voz. Era do tamanho de um homem, mas parecia coberto por um pelo acinzentado, como o de um cachorro terrier. O que seria aquilo? O que eram eles todos? Imaginem-se cercados pelos mais horríveis aleijões e maníacos que se podem conceber, e poderão entender os sentimentos que aquelas caricaturas grotescas de gente produziam sobre mim.

— Ele é um homem com cinco, um homem com cinco, com cinco, como eu — disse o

Homem-Macaco.

Estendi as mãos. A criatura cinza inclinou-se para examiná-las melhor. — Não andar de quatro pés, essa é a Lei. Então não somos homens? — disse ele.

Ele estendeu uma pata curiosamente deformada e agarrou meus dedos. Aquilo era quase como o casco de um veado refeito em forma de garras. Quase gritei de surpresa e dor. O rosto dele aproximou-se para examinar minhas unhas, e com isto ficou mais próximo da luminosidade na entrada

do covil; vi, com um estremecimento de náusea, que não parecia nem um rosto de homem nem um focinho de animal; era uma massa emaranhada de pelos cinza, com três arcadas no lugar dos olhos e da boca.

— Ele tem unhas pequenas — disse esse monstro, de dentro de sua barba hirsuta. — Está certo. Muitos têm problemas por causa das unhas grandes.

Soltou minha mão, e instintivamente eu agarrei de novo a minha clava.

— Comer raízes e ervas; esta é a vontade dele — disse o Homem-Macaco.

— Eu sou o Mestre da Lei — disse a figura peluda. — Aqui é onde vem quem é novo, para aprender a Lei. Eu me sento no escuro e digo a Lei.

— Sim, é assim — disse um dos seres parados à porta.

— É ruim o castigo para quem desobedece à Lei. Ninguém escapa.

— Ninguém escapa — repetiram os seres, entreolhando-se furtivamente.

— Ninguém, ninguém, ninguém escapa — repetiu o Homem-Macaco. — Vejam! Eu fiz uma coisa errada, uma coisinha, uma vez. Eu parei de falar direito, ninguém entendia. Minha mão foi queimada. Ele é poderoso! Ele é bom!

— Ninguém escapa — disse a criatura grisalha.

— Ninguém escapa — disseram os animais, olhando-se de esguelha.

— Todos podem ter desejos que são ruins — disse o grisalho Mestre da Lei. — O que você quer, nós não sabemos. Nós precisamos saber. Alguns querem ir atrás das coisas que andam, querem olhar e seguir atrás e esperar e saltar em cima, e depois matar e morder, morder fundo, morder bom, chupando o sangue... Isto é mau. Não caçar outros homens, essa é a Lei. Então não somos homens? Não comer peixe nem carne, essa é a Lei. Então não somos homens?

— Ninguém escapa — disse uma criatura malhada de aspecto bruto, parada à porta da cabana.

— Todos têm desejos ruins — disse o Mestre da Lei. — Alguns querem rasgar com os dentes e as mãos, querem rasgar e farejar as raízes dentro da terra. Isso é mau.

— Ninguém escapa — disseram os homens na porta.

— Alguns querem subir nas árvores com as unhas; outros querem cavar o lugar onde os mortos estão enterrados; outros querem brigar usando a testa ou os pés ou as garras; alguns querem morder de repente e sem motivo; alguns gostam de sujeira.

— Ninguém escapa — disse o Homem-Macaco, coçando a perna.

— Ninguém escapa — disse a preguiça rósea.

— O castigo machuca e não demora. Por isso é preciso aprender a Lei. Digam as palavras.

E no mesmo instante ele recomeçou a estranha cantilena da Lei, e mais uma vez eu e as criaturas estávamos ali cantando e nos balançando. Minha cabeça já começava a rodar, com toda aquela recitação e com o odor fétido daquele local, mas continuei, confiante de que a certa altura alguma situação nova poderia surgir.

— Não andar de quatro, essa é a Lei. Então não somos homens?

Fazíamos um tal barulho que não percebi nenhum tumulto do lado de fora, até que um dos seres, talvez um dos Homens-Suínos que eu vira antes, enfiou a cabeça por cima da preguiça e gritou algo para dentro, muito nervoso, algo que não compreendi. No mesmo instante desapareceram dali todos os que estavam à porta; o Homem- Macaco correu para fora, e o Mestre da Lei o seguiu (pude perceber apenas que era grande e desajeitado, e que o pelo que o cobria era prateado), e fiquei sozinho.

Antes que eu pudesse chegar também à porta, ouvi o latido de um cão.

Um instante depois eu estava do lado de fora da choupana, empunhando minha arma tosca, e com o corpo todo tremendo. Diante de mim eu via apenas as costas de talvez uma vintena de criaturas do Povo Animal, com

suas cabeças disformes enterradas nos ombros. Todos gesticulavam, cheios de excitação. Mais rostos animalescos surgiram à porta das outras cabanas, com ar interrogativo. Olhando na direção para onde todos se voltavam, vi aproximarse, através da sombra da folhagem, no outro extremo daquela fileira de choupanas, o vulto escuro e o horrível rosto branco de Moreau. Segurava a custo a correia que prendia um cão, e logo atrás dele vinha Montgomery, de revólver em punho.

Por um instante, fiquei paralisado pelo terror.

Ao me virar, vi que a passagem às minhas costas estava bloqueada pela presença de outro monstro enorme, com rosto acinzentado e olhos pequenos, brilhantes, que vinha se aproximando. Olhei em volta. Vi do meu lado direito, a uns seis metros de distância, uma rachadura no paredão de pedra, por onde se filtrava uma faixa oblíqua de luz do sol.

— Pare! — gritou Moreau, quando corri naquela direção. — Agarrem-no!

A essa ordem todos aqueles rostos se viraram para mim, um após outro; mas felizmente aqueles cérebros bestiais tinham raciocínio lento.

Joguei meu ombro de encontro a um monstro desajeitado que tinha se virado para ver a quem Moreau se referia, e o derrubei sobre o que estava ao seu lado. Ele esticou os braços ao cair, mas não conseguiu me agarrar. A criaturinha de rosto rosado saltou sobre mim, mas desferi um golpe em sua cara horrenda com o prego na ponta da minha estaca, e um instante depois eu já estava subindo ao longo de uma

passagem íngreme, uma espécie de chaminé rústica que levava para fora daquela ravina. Ouvi rugidos às minhas costas e gritos de "Peguem! Agarrem!". O monstro de rosto cinza surgiu por trás de mim, tentando enfiar seu corpanzil na passagem. "Vamos, vamos!", gritavam todos. Continuei escalando a rocha, e por fim emergi naquele trecho coberto de enxofre, no lado oeste da aldeia do Povo Animal.

Corri ao longo daquela extensão branquicenta, descendo um barranco muito inclinado, por entre um matagal de arbustos, até chegar a um baixio coberto por caniços bem altos. Meti-me ali por dentro, chegando a um

trecho de chão negro, lamacento, onde os pés se afundavam. Aquela fenda apertada e oblíqua tinha sido a minha sorte, porque meus perseguidores estavam tendo dificuldade em subir por ela; quando mergulhei entre os caniços os primeiros deles estavam começando a surgir do lado de fora. Abri caminho por ali durante alguns minutos. Logo o ar à minha volta, por todos os lados, estava cortado por gritos ameaçadores. Eu podia ouvir o tumulto com que eles emergiam da fenda e depois se espalhavam, entrando aos tropeções no meio dos caniços, esmagando galhos sob os pés. Algumas das criaturas rugiam como animais em plena caça. Ouvi o latido do cão à minha esquerda, e logo os gritos de Moreau e Montgomery, na mesma direção. Dei uma virada brusca para a direita. Mesmo naquela confusão tive a impressão de ouvir Montgomery gritando-me para fugir e salvar minha vida.

Por fim o chão afundou, mole e encharcado, sob os meus pés, mas eu estava tão desesperado que continuei, mesmo afundado nele até os joelhos, e cheguei a uma espécie de vereda sinuosa entre os caniços mais altos. A tropa de perseguidores parecia estar me ultrapassando, pelo lado esquerdo. A certa altura três pequenos animais rosados, saltitantes, do tamanho de gatos, fugiram à minha aproximação. O caminho começou a se elevar, dessa vez num espaço aberto com o solo coberto de incrustações brancas, e logo surgiu outro matagal de caniços à minha frente.

De repente surgiu diante de mim a borda de um barranco quase vertical, como um dos fossos que vemos nos parques ingleses, sem aviso, e antes que eu pudesse evitá-lo vi-me projetado em pleno ar, pelo impulso da corrida.

Caí de cabeça, amortecendo o tombo com os antebraços, no meio de um espinheiro, e ergui-me com uma orelha rasgada e o rosto cheio de sangue. Tinha caído numa ravina inclinada, cheia de espinhos e de pedras, envolta numa neblina que passava por mim em filetes enevoados, e com um córrego de onde essa neblina se elevava. Fiquei atônito ante a presença daquela névoa em pleno dia de sol, mas não tive tempo para ficar pensando. Segui para a direita, acompanhando o curso do córrego, esperando que ele me conduzisse na direção do mar, onde eu poderia tentar me afogar. Só algum tempo depois percebi que na queda tinha

perdido a estaca que me servia de arma.

Quando a ravina se tornou estreita demais tentei caminhar por dentro da corrente

de água, mas logo pulei para fora, porque a água estava quase fervendo. Percebi, então, que na sua superfície boiava uma espuma sulfurosa. Logo em seguida a ravina fez uma quebrada brusca para um lado, e abriu-se à minha frente o horizonte, com o mar que brilhava numa miríade de reflexos. Era o local onde a minha morte me aguardava.

Eu estava suado e ofegante. Sentia quase uma euforia, agora que tinha deixado meus perseguidores para trás. Meu sangue estava aquecido. A ideia de morrer afogado já não me atraía tanto.

Olhei na direção de onde viera. Pus-me à escuta. A não ser pelo zumbido dos mosquitos e pelo trilar de insetos invisíveis que saltitavam por entre os espinheiros, o ar estava absolutamente quieto.

Então ouvi a distância o latido de um cão, e um murmúrio confuso de grunhidos e guinchos, o estalar de um chicote, vozes humanas, aumentando de volume, depois diminuindo. O barulho pareceu deslocar-se no sentido contrário à correnteza, e por fim se dissipou. Meus caçadores tinham sido despistados — por enquanto.

Mas agora eu sabia que tipo de ajuda podia esperar do Povo Animal.

XIII

A negociação Comecei minha descida rumo ao oceano. O córrego de água quente foi se alargando até derramar-se num areal coberto de capim, onde caranguejos e criaturas com muitas pernas fugiam à minha aproximação. Caminhei até chegar às ondas, e só então me considerei seguro. Virei-me, com as mãos na cintura, para examinar o mato que deixara para trás, e que era cortado verticalmente pela ravina das águas fumegantes. Mas, como já falei, eu ainda estava muito agitado, e, como diz o antigo ditado (embora eu duvide que ele seja entendido por quem não passou pelos perigos por que passei), desesperado demais para querer a morte.

Então ocorreu-me que ainda me restava uma chance. Enquanto Moreau, Montgomery e seus ajudantes bestiais estavam à minha procura, eu não poderia seguir bordeando a praia até chegar ao seu quartel-general? Faria uma aproximação pelo flanco, por assim dizer, e quem sabe poderia com uma pedra arrancada ao próprio muro arrebentar o cadeado da porta menor e procurar alguma arma, uma

faca, uma pistola, qualquer coisa que me ajudasse a enfrentálos quando voltassem. Pelo menos era uma chance de vender caro minha vida.

Pensando assim, voltei-me para a direção oeste e comecei a caminhar na areia banhada pelas espumas. O sol poente brilhava mesmo de frente, cegando-me. A maré vagarosa do Pacífico começava a subir mansamente.

A certa altura a orla fazia uma curva para o sul, e o sol passou a brilhar do meu lado direito. Então, de súbito, à minha frente, vi uma figura, e depois outra, e mais outra, emergindo dos arbustos — Moreau com seu cão de caça, Montgomery, e mais dois. Ao ver aquilo, parei.

Eles também me viram, e começaram a gesticular na minha direção, enquanto avançavam. Fiquei à espera. Os dois Homens-Animais correram para cortar minha possibilidade de fuga para o interior da ilha. Montgomery também veio correndo, mas na minha direção. Moreau o acompanhou mais devagar, conduzindo o cão.

Por fim consegui reagir, e, virando-me, caminhei água adentro. A princípio a água era rasa, e tive que caminhar uns trinta metros até que chegasse à minha cintura. Eu conseguia ver criaturas marinhas se espalhando à minha passagem.

— O que está fazendo, homem? — gritou Montgomery.

Parei, com água pela cintura, e os encarei.

Montgomery deteve-se, ofegante, na beira da praia. Seu rosto estava avermelhado pelo esforço, seu longo cabelo claro sendo agitado pelo vento, e o lábio inferior, caído, exibindo os dentes irregulares. Moreau chegou até onde ele estava, com o rosto pálido e firme, e o cachorro que ele conduzia começou a latir para mim. Ambos os homens empunhavam

pesados chicotes. Mais além, na areia da praia, os dois Homens-Animais estavam de guarda.

— O que estou fazendo? — gritei de volta. — Vou me afogar.

Montgomery e Moreau se entreolharam.

— Por quê? — perguntou Moreau.

— Porque é melhor do que ser torturado por vocês.

— Bem que eu lhe disse — falou Montgomery.

Moreau respondeu algo em voz muito baixa, e em seguida me gritou:

— O que o faz acreditar que vou torturá-lo?

— As coisas que eu vi — respondi. — E aqueles dois ali.

— Cale-se! — exclamou Moreau, erguendo a mão.

— Não vou me calar — disse eu. — Esses indivíduos eram seres humanos; e o que são agora? Eu pelo menos não quero me tornar um deles.

Olhei para além dos meus interlocutores. Na praia estavam M'ling, o ajudante de Montgomery, e um dos brutos vestidos de branco que tinham vindo no navio. Mais adiante, à sombra das árvores, vi o pequeno Homem-Macaco, e por trás deles alguns vultos indistintos.

— Quem são essas criaturas? — perguntei, apontando, e erguendo minha voz para poder ser ouvido por eles. — Eram homens, homens iguais a vocês mesmos, que vocês infectaram com alguma nódoa animalesca, homens que vocês escravizaram, e que ainda temem. Vocês, vocês que estão me ouvindo! — gritei, apontando agora para Moreau e dirigindo-me ao grupo dos Homens-Animais. — Vocês que me ouvem! Não percebem que esses homens ainda têm medo de vocês, que estão amedrontados? Por que então vocês os receiam? Vocês são muitos!

— Pelo amor de Deus! — gritou Montgomery. — Cale-se, Prendick!

— Prendick! — gritou Moreau.

Gritavam ao mesmo tempo, como se quisessem abafar minha voz. E por trás deles eu avistava os rostos dos Homens-Animais que me fitavam, perplexos, com as mãos deformadas pendendo ao longo do corpo, os ombros recurvos. Tive a sensação de que procuravam entender o que eu dizia, procuravam recordar alguma coisa do seu passado como seres humanos.

Continuei a gritar, nem lembro mais o quê. Gritei que Moreau e Montgomery podiam ser mortos, que não havia motivo para ter medo deles: foi mais ou menos isso que tentei incutir na mente deles, e que foi minha ruína. Vi o homem andrajoso de olhos verdes, que eu encontrara no dia da minha chegada, surgir dentre as árvores, e por trás dele mais outros, que se aproximaram para me escutar melhor.

Por fim parei, já sem fôlego.

— Escute-me um instante — disse a voz firme de Moreau — e depois pode dizer o que quiser.

— E então? — falei.

Ele tossiu, pensativo, e depois gritou:

— Latim, Prendick! Meu latim não é muito bom, é latim de estudante, mas procure entender. Hi non sunt homines, sunt animalia qui nos habemus... vivisseccionado.10 Um processo de humanização. Posso explicar tudo. Venha para a praia.

Dei uma risada.

— Uma boa história — falei. — Eles falam, constroem casas, cozinham. Eles eram homens! Não tenho a menor intenção de voltar para perto de vocês.

— Você está num local onde a água fica profunda de repente. E há tubarões.

— Prefiro assim. Rápido e direto.

— Espere um minuto. — Ele meteu a mão no bolso, tirou um objeto que refletiu a luz do sol, e o largou no chão aos seus pés. — Isto é um

revólver, carregado. Montgomery vai fazer o mesmo. Vamos recuar pela praia até uma distância segura. Você pode vir e apanhar os revólveres.

— Não. Vocês devem ter um terceiro.

— Quero que você considere bem as coisas, Prendick. Em primeiro lugar, não o

convidei para vir até esta ilha. Em segundo, você estava drogado na noite passada, e poderíamos ter feito qualquer coisa que quiséssemos. Em terceiro, agora que o seu primeiro momento de pânico passou, e você pode pensar melhor... acha que Montgomery seria capaz disso? Perseguimos você para seu próprio bem. Esta ilha é cheia de fenômenos hostis. Por que iríamos atirar, quando você mesmo está disposto a se matar afogado?

— Por que mandou essas... essas pessoas me agarrarem, quando eu estava na cabana?

— Queríamos pegá-lo para trazê-lo conosco, para longe do perigo. Depois nos afastamos de sua pista, para seu próprio bem.

Pus-me a refletir. Parecia possível. Depois me lembrei de algo.

— Mas eu vi, lá no cercado...

— Aquilo era a onça.

— Olhe aqui, Prendick — disse Montgomery. — Você está agindo como um idiota. Venha para a praia, pegue os revólveres, e vamos conversar. Você não estará correndo mais riscos do que corre agora.

Confesso que naquele momento, e aliás o tempo inteiro, Moreau não me inspirava a menor confiança ou simpatia. Mas Montgomery era um indivíduo que eu conseguia compreender.

— Recuem mais — disse eu, depois de pensar algum tempo, e em seguida acrescentei: — Com as mãos para cima.

— Não podemos fazer isso — disse Montgomery, e fez um aceno de cabeça indicando as criaturas atrás de si. — É humilhante.

— Vão até aquelas árvores, então. Por gentileza.

— Que cerimônia imbecil — disse Montgomery.

Os dois se viraram, encarando as seis ou sete criaturas grotescas que estavam paradas ali à luz do sol. Eram sólidas, projetavam sombras, moviam-se, e mesmo assim eram incrivelmente irreais. Montgomery estalou o chicote para elas, que se viraram e fugiram aos tropeções para dentro do arvoredo. Quando Montgomery e Moreau estavam a uma distância que me pareceu suficiente, caminhei de volta para a areia, apanhei os revólveres e os examinei. Para me prevenir contra uma esperteza mais refinada, apontei a arma para uma rocha de lava e disparei. Tive o prazer de ver a bala explodir de encontro à pedra, pulverizando-a e cobrindo a areia de estilhaços.

Ainda assim, hesitei.

— Vou correr esse risco — falei, finalmente, e com um revólver em cada mão caminhei na direção de onde estavam os dois.

— Assim é melhor — disse Moreau, sem afetação. — A verdade é que esse seu maldito ataque de pânico me fez perder praticamente um dia de trabalho.

E, com uma atitude de desdém que me deixou humilhado, ele e Montgomery me deram as costas e partiram em silêncio, na minha frente.

Os Homens-Animais, ainda espantados, permaneceram agrupados no meio das árvores. Passei por eles tão calmamente quanto me foi possível. Um deles fez menção de me seguir, mas recuou quando Montgomery estalou o chicote. Os outros ficaram em silêncio — olhando, apenas. Talvez tivessem sido animais um dia. Mas eu nunca vira antes um animal se esforçando para pensar.

XIV

O dr. Moreau explica — Agora, Prendick, vou explicar tudo — disse o dr. Moreau, quando terminamos de comer e beber. — Devo confessar que você é o hóspede mais ditatorial que já recebi. E aviso que esta é a última

vez que vou satisfazer seus caprichos. Na próxima vez que ameaçar cometer suicídio, não farei nada, mesmo que isso me cause alguns contratempos.

Ele estava sentado na minha cadeira, tendo entre os dedos brancos e habilidosos um charuto consumido pela metade. A luz da lâmpada pendente do teto caía sobre seus cabelos brancos; ele olhava através da janela, contemplando a noite estrelada. Eu estava sentado o mais afastado possível, a mesa entre nós dois, os revólveres ao meu alcance. Montgomery não estava presente. Eu não fazia questão de ficar na companhia dos dois num aposento tão pequeno.

— Você admite que o tal ser humano vivisseccionado, como você o chamou, é afinal de contas apenas a onça? — perguntou Moreau. Ele tinha me levado à parte interna para ver aquela coisa hedionda, para que eu me convencesse de que não era uma pessoa.

— É a onça — disse eu —, ainda viva, mas retalhada e mutilada de uma maneira que espero nunca mais ver numa criatura viva, de carne e osso. De todas as abominações que...

— Não se incomode com isso — disse Moreau. — Pelo menos, poupe-me essas reações imaturas. Montgomery já foi assim, também. Bom, você admite que se trata da onça. Agora, preste atenção enquanto faço minha pequena conferência sobre fisiologia.

E então, de início com o tom de voz de um homem profundamente entediado, mas animando-se pouco a pouco, ele me explicou a natureza do seu trabalho. Foi muito claro e convincente. Aqui e ali pude notar um traço de sarcasmo na sua voz. A partir de certa altura, senti-me envergonhado tanto pela minha posição quanto pela dele

naquela história.

As criaturas que eu vira não eram homens, nunca tinham sido homens. Eram animais, animais humanizados, um triunfo da arte da vivissecção.

— Você esqueceu as coisas que um vivissector experiente pode fazer com um ser vivo — disse Moreau. — Da minha parte, só fico perplexo em imaginar por que motivo as coisas que fiz não foram feitas muito

antes de mim. Claro, foram feitos pequenos avanços: amputações, ablação da língua, excisões. Você sabe, decerto, que o estrabismo tanto pode ser induzido quanto curado por meio de uma cirurgia, não? No caso de uma excisão, há toda a questão das mudanças secundárias, distúrbios de pigmentação, modificação da sensibilidade, mudança nas secreções nos tecidos gordurosos... Sem dúvida terá ouvido algo a respeito disto.

— Claro — disse eu —, mas essas suas criaturas horrendas...

— Cada coisa a seu tempo — disse ele, calando-me com um gesto. — Estou apenas no começo. Bem, tudo isto que falei são alterações banais. Na cirurgia existem também os processos de construir, além dos de reduzir e extirpar. Você talvez tenha ouvido a respeito de um tipo de cirurgia comum nos casos em que o nariz do paciente foi destruído. Uma faixa de pele é retirada da testa, aplicada sobre o osso do nariz, e ali ela cicatriza, na nova posição. É um caso simples de enxertar num animal uma parte do seu próprio corpo. Fazer um enxerto de partes retiradas há pouco de outro animal também é possível, como se dá com os dentes, para citar um exemplo. O enxerto de pele e de osso é feito para favorecer a cicatrização. O cirurgião coloca no meio do ferimento pedaços de pele retirados de outro animal, ou fragmentos de osso de outro que acabou de ser abatido. Hunter fez com sucesso a experiência de enxertar o esporão de um galo no pescoço de um touro.11 E podemos pensar também nos ratos-rinocerontes dos zuavos da Argélia,12 que se divertiam manufaturando monstros, transplantando a cauda de um rato para o seu focinho, onde ela voltava a crescer como se fosse um chifre.

— Monstros manufaturados! — exclamei. — Então você quer dizer...

— Sim. As criaturas que você viu são animais recortados e esculpidos até adquirirem novas formas. Foi a isto, ao estudo da plasticidade das formas vivas, que dediquei minha vida. Venho estudando há anos, e acumulando conhecimento a esse respeito. Vejo que isto o horroriza, mas nada do que estou dizendo é novidade. Tudo isto está presente na superfície da anatomia prática há muitos anos, mas ninguém até agora teve a temeridade de se arriscar. E não é apenas a forma exterior do animal que pode ser modificada. A fisiologia, o ritmo químico da criatura, também pode sofrer uma mudança permanente, por meio de vacinas ou de outros

métodos de inoculação com matéria viva ou inerte, métodos que sem dúvida lhe são familiares. Uma operação semelhante a esta é a transfusão de sangue, que aliás foi o meu ponto de partida. Todos estes casos são bem conhecidos. Menos conhecidas, mas talvez

mais extensas, são as atividades dos cirurgiões medievais, que produziam anões e aleijados para se tornarem mendigos e serem exibidos em circos; alguns vestígios dessa arte ainda persistem nas manipulações a que são submetidos quando jovens alguns saltimbancos e contorcionistas. Victor Hugo relata alguns exemplos em O homem que ri. Mas talvez minha intenção já tenha ficado clara a esta altura. Concorda, agora, que é possível transplantar tecidos vivos de uma parte do corpo de um animal para outra, ou de um animal para outro, alterar suas reações químicas e seus métodos de crescimento, modificar as articulações dos seus membros e na verdade modificá-lo nos pontos mais íntimos de sua estrutura?

"E na verdade este extraordinário ramo do conhecimento nunca foi investigado até o fim, e de forma sistemática, por pesquisadores modernos, até que eu o abordei. Muitas dessas descobertas foram feitas sob a premência de cirurgias emergenciais; a maior parte dos exemplos que lhe virão à mente foi descoberta, por assim dizer, por acaso: por tiranos, por criminosos, por criadores de cavalos e de cães, por todos os tipos de indivíduos desajeitados e sem treinamento científico, que trabalhavam visando apenas um fim específico. Eu fui o primeiro homem a encarar esse desafio munido dos recursos da cirurgia antisséptica, e com um conhecimento realmente científico das leis do crescimento humano.

"Ainda assim, podemos imaginar que isto pode ter sido praticado em segredo, em outras épocas. Criaturas como os Irmãos Siameses... E nos porões da Inquisição. Não há dúvida de que seu objetivo principal teria sido a arte de torturar, mas pelo menos uma parte dos inquisidores pode ter sido movida por curiosidade científica."

— Mas — disse eu — essas coisas... esses animais... eles falam!

Moreau concordou, e pôs-se a explicar que as possibilidades de vivissecção não se limitavam à mera metamorfose física. Um porco pode ser educado. A estrutura mental é ainda menos determinada do que a

estrutura física. O hipnotismo é uma ciência que vem se desenvolvendo e nos promete a possibilidade de substituir os antigos instintos por novas sugestões, enxertadas sobre as ideias fixas que herdamos, ou mesmo substituindo-as. Na verdade, uma grande parte do que chamamos "educação moral" não passa de uma modificação artificial desse tipo, uma perversão do instinto; a agressividade é induzida a virar coragem e autossacrifício, a sexualidade reprimida se transforma em emoção religiosa. E a grande diferença entre o homem e o macaco é a laringe, disse ele, a incapacidade do macaco de modular símbolos sonoros cheios de nuances para exprimir pensamentos complexos. Nessa parte eu me achei em discordância, mas, de modo brusco, Moreau passou por cima de minhas objeções. Repetiu que estava certo, e continuou o seu relato.

Perguntei-lhe por que motivo tinha escolhido a forma humana para modelo. Naquele momento me parecia (e me parece ainda agora) haver certa perversidade nessa escolha. Ele me confessou que tudo ocorrera por acaso.

— Eu bem poderia ter trabalhado para transformar carneiros em lhamas, ou lhamas em carneiros. Suponho que existe algo na forma humana que atrai nossa mentalidade artística de modo mais poderoso do que uma forma animal qualquer. Mas não me restringi a produzir humanos. Uma ou duas vezes... — Ele silenciou, por cerca de um minuto. — Aqueles anos! Como o tempo passa rápido. E hoje desperdicei um dia inteiro tentando salvar sua vida, e agora estou desperdiçando mais uma hora dando-lhe explicações.

— Mas ainda não entendo — falei. — Qual a sua justificativa para infligir tamanha dor a uma criatura? A única coisa que a meu ver pode justificar a vivissecção seria alguma aplicação prática de...

— Precisamente — disse ele. — Mas, como vê, eu sou de constituição diversa. Estamos em plataformas diferentes. Você é um materialista.

— Não sou um materialista — contestei, com veemência.

— Do meu ponto de vista; meu. É apenas a questão da dor que nos separa. No momento em que uma dor visível ou audível o incomoda, no momento em que você se deixa conduzir pela sua própria dor, no

momento em que o conceito de dor subjaz ao seu conceito de pecado, nesse momento, eu lhe afirmo, você não passa de um animal, avaliando, de maneira um pouco menos obscura, o que o animal estará sentindo. Essa dor...

Dei de ombros com impaciência diante de tais sofismas.

— Ora — disse ele —, a dor é uma coisa insignificante. Uma mente cientificamente treinada sabe disso muito bem. Pode ser que, a não ser neste pequeno planeta, neste grão de poeira cósmica, que se torna invisível muito antes de atingirmos a estrela mais próxima... pode ser, eu afirmo, que em nenhum outro lugar do universo exista isso a que chamamos dor. Existem leis, das quais nos aproximamos tateando... Ora, e mesmo aqui na Terra, mesmo entre os seres vivos, o que é a dor?

Moreau puxou do bolso um pequeno canivete, enquanto falava, abriu a lâmina e moveu a cadeira para o lado, para que eu pudesse avistar sua coxa. Então, escolhendo cuidadosamente o ponto certo, enterrou a lâmina na própria carne, e depois a puxou de volta.

— Sem dúvida já terá visto isso antes, não? Não dói mais que uma picada de alfinete. E demonstra o quê? A sensibilidade à dor não é necessária ao músculo, e não está situada nele. Também não é necessária na pele, e somente em alguns pontos da coxa existe um local capaz de sentir dor. A dor não passa de um alarme interno que nos previne e nos estimula. Nem toda carne viva sente dor; nem todo nervo, nem mesmo todo nervo do aparelho sensorial. Não existe dor, dor verdadeira, quando estimulamos o nervo óptico. Se o ferimos, percebemos apenas fulgurações luminosas, assim como uma doença no aparelho auditivo produz apenas um zumbido

em nossos ouvidos. As plantas não sentem dor; quanto aos animais inferiores, é possível que seres como a estrela-do-mar e o lagostim não a sintam. Quanto ao homem, à medida que ele se tornar mais inteligente, poderá cuidar de seu bem-estar com maior competência, e não irá mais precisar desse alarme para evitar os perigos. Nunca ouvi falar em algo desnecessário que não tenha sido eliminado da existência pela evolução, mais cedo ou mais tarde. E você, não? A dor é desnecessária.

"Além disso, sou um homem religioso, Prendick, como qualquer homem equilibrado. Penso que investiguei os desígnios do nosso Criador melhor do que você, porque mergulhei no estudo de suas leis, enquanto você, pelo que sei, colecionava borboletas. E vou lhe dizer, prazer e dor não têm nenhuma relação com o céu e o inferno. Prazer e dor... bah! O que são os êxtases dos teólogos, senão as huris prometidas por Maomé? A importância que homens e mulheres dão ao prazer e à dor, Prendick, é a marca do animal sobre eles, a marca do bicho que um dia fomos. Dor! Dor e prazer... existem para nós apenas enquanto nos espojamos no pó.

"Sabe, eu mergulhei nessa pesquisa deixando-me levar pelas minhas descobertas. É a única maneira de conduzir uma pesquisa, pelo que sei. Formulei uma pergunta, concebi um método para buscar a resposta, e cheguei a uma nova pergunta. O que é mais possível, isto... ou aquilo? Você não pode imaginar o que isto significa para um pesquisador, e a paixão intelectual que pode produzir em seu espírito. Não pode imaginar o estranho e impessoal deleite que nos proporcionam esses desejos do intelecto. Aquela coisa à nossa frente não é mais um animal, uma criatura parecida conosco, mas um problema. Sofrimento por empatia? Tudo o que sei sobre isto são lembranças de sentimentos que experimentei muitos anos atrás. Eu queria — e não queria mais nada além disto — encontrar o limite extremo da plasticidade de uma forma viva."

— Mas — disse eu — isso é uma abominação...

— Até hoje a questão ética deste meu trabalho não me preocupou, em absoluto. O estudo da natureza deixa um homem tão despido de remorsos quanto a própria natureza. Fui em frente, sem pensar em nada a não ser nos problemas com que me defrontava, e o material foi... foi se acumulando naquelas cabanas que você conheceu. Já são onze anos desde que cheguei a esta ilha, eu, Montgomery e meia dúzia de kanakas. Lembro-me, como se tivesse sido ontem, da placidez verde da ilha, do oceano vazio à nossa volta. Era um lugar que parecia ter estado à minha espera.

"Desembarcamos com nossa carga, e a casa foi construída. Os kanakas ergueram algumas cabanas perto da ravina. Comecei a trabalhar com o material que trouxera comigo. Algumas coisas desagradáveis ocorreram

de início. Comecei com um carneiro, e depois de um dia e meio de trabalho acabei matando-o com um

escorregão do bisturi; peguei outro carneiro, construí nele uma coisa feita de dor e de medo, e o deixei amarrado até que cicatrizasse. Parecia quase humano quando me dei por satisfeito, mas quando fui vê-lo depois já não me senti tão contente. Ele me reconheceu e ficou aterrorizado além de qualquer descrição, e não era mais inteligente do que um carneiro. Quanto mais eu o examinava, mais desajeitado me parecia, até que finalmente resolvi dar um fim ao seu sofrimento. Esses animais sem coragem, essas pobres coisas movidas apenas pelo medo e pela dor, sem uma faísca de bravura que as ajude a suportar um tormento... não, dessas não se pode construir um homem.

"Então utilizei um gorila que trouxera, e com ele, trabalhando com infinito cuidado, vencendo uma dificuldade atrás da outra, construí meu primeiro homem. Durante uma semana inteira, trabalhando dia e noite, consegui dar-lhe forma. Com ele, o mais difícil de moldar foi seu cérebro; foi preciso adicionar muita coisa, modificar muita coisa. Quando me dei por satisfeito, ele tinha se transformado num espécime bastante satisfatório do tipo negroide, ali à minha frente, cheio de curativos, amarrado, imóvel. Foi somente depois que me assegurei de que sobreviveria que o deixei e vim para este quarto, onde encontrei Montgomery numa situação não muito diversa da que você experimenta agora. Ele tinha ouvido gritos da criatura à medida que ela ia se tornando mais humana, gritos como aqueles que o deixaram tão perturbado. A princípio, não confiei todos os meus segredos a ele. E os kanakas, por sua vez, também desconfiavam de alguma coisa. Ficavam aterrorizados quando punham os olhos sobre mim. Consegui trazer Montgomery para meu lado, mais ou menos, mas eu e ele tivemos um trabalho enorme tentando evitar que os kanakas desertassem. Acabaram conseguindo, e foi assim que perdemos nosso iate. Depois disso, passei muitos dias educando aquele bruto. No total, entre quatro e seis meses. Ensinei-lhe os rudimentos do inglês, dei-lhe noção de como fazer contas, consegui que decorasse o alfabeto. Neste aspecto ele era muito vagaroso, embora eu tenha conhecido humanos retardados que eram mais vagarosos do que ele. No início, mentalmente, ele era como uma folha de papel em branco, não recordava nada do que fora antes. Quando seus ferimentos

cicatrizaram por completo, e ele estava apenas dolorido e um pouco entrevado, e capaz de trocar algumas palavras, eu o levei e o apresentei a alguns kanakas que não tinham fugido, dizendo que era um clandestino.

"A princípio ficaram terrivelmente amedrontados ao vê-lo, o que me deixou ofendido, pois considerava que tinha feito um excelente trabalho. Mas ele se comportava de modo tão humilde, tão servil, que depois de algum tempo acostumaram-se com ele e passaram a se encarregar de sua educação. Ele aprendia com facilidade, era muito imitativo e adaptava-se bem, e acabou construindo para si uma choça que me pareceu superior às cabanas dos kanakas. Entre eles havia um

que tinha um pouco de espírito missionário, e ele ensinou a criatura a ler, ou pelo menos a soletrar, e deu-lhe algumas noções rudimentares de moral, mas parece que os hábitos daquela fera não eram os mais recomendáveis.

"Descansei do trabalho por alguns dias, e tive a ideia de escrever um relatório de todo o meu trabalho, para despertar o interesse dos fisiologistas ingleses. Então encontrei a criatura trepada numa árvore, gritando coisas ininteligíveis para dois kanakas que a provocavam. Ameacei-a, tentei mostrar-lhe quanto aquela atitude era pouco humana, consegui deixá-la um tanto envergonhada, e tomei então a decisão de aperfeiçoar o meu trabalho antes de torná-lo conhecido em meu país. Desde então, tenho me aperfeiçoado, mas percebi que as criaturas têm uma tendência a regredir. A fera é teimosa, e dia a dia volta a crescer, dentro delas... Mas eu sei que posso fazer melhor e vencer mais esse desafio. Esta onça...

"Bem, esta é a minha história. Todos os kanakas já morreram a esta altura. Um deles caiu da lancha, outro morreu de um ferimento no calcanhar que ele mesmo se encarregou de envenenar, aplicando ervas. Três fugiram no iate, e talvez tenham se afogado no trajeto, ou pelo menos espero que isto tenha acontecido. O outro também foi morto. Bem, já substituí todos. Montgomery teve no começo uma atitude muito semelhante à sua, mas então...

— O que aconteceu com o outro? — perguntei de súbito. — O outro kanaka, que "foi morto"?

— A verdade é que depois de criar algumas criaturas humanoides eu criei uma coisa... — Moreau hesitou.

— Sim?...

— Ela o matou.

— Não entendo. Você quer dizer que...

— Essa criatura matou o kanaka, e matou outras criaturas também. Nós a caçamos durante dois dias inteiros. Ela tinha escapado por mero acidente, eu nunca tive a intenção de deixá-la à solta. Ainda não estava pronta. Era uma simples experiência. Uma coisa sem membros, com uma cara horrenda, e que se arrastava pelo chão como uma serpente. Tinha uma força física imensa, e estava sofrendo dores muito fortes. Deslocava-se de maneira muito rápida, meio que rolando, como um boto nadando. Ela se escondeu no mato durante alguns dias, atacando quem passasse por perto, até que saímos à sua caça. Fugiu para a parte norte da ilha e dividimos o nosso grupo para deixá-la encurralada. Montgomery insistiu em vir na minha companhia. O kanaka tinha um rifle consigo, e quando encontramos seu corpo o cano da arma estava retorcido em forma de S, e cheio de marcas de dentes... Montgomery matou a criatura a tiros. Depois disso, achei melhor me concentrar na busca da forma humana ideal. A não ser por algumas pequenas coisas.

Moreau calou-se. Fiquei em silêncio também, olhando para o seu rosto.

— E assim, por um total de vinte anos, contando os nove em que trabalhei na Inglaterra, tenho persistido, mas ainda assim existe algo que acaba me derrotando em todas as minhas experiências, me deixa insatisfeito, me instiga a me esforçar mais ainda. Às vezes consigo me elevar acima de minha própria capacidade, outras vezes não consigo estar à altura das ideias que tenho. A esta altura já consigo criar a forma humana com certa facilidade, dando-lhe certo talhe, certa graciosidade, ou, conforme o caso, tornando-a compacta e vigorosa. Costumo ter problemas com as mãos e as garras, são partes muito dolorosas, e que não me sinto muito à vontade para moldar em demasia. Mas meu maior problema está na quantidade de modificações e de enxertos que é preciso fazer no cérebro. O tipo de inteligência que consigo em geral é de nível

muito baixo, com inúmeros "pontos cegos", lacunas inesperadas. E o mais insatisfatório é algo que não consigo determinar com precisão, e que diz respeito às emoções. Ansiedades, instintos, desejos que afetam o caráter humano da criatura, um estranho reservatório que às vezes explode de repente e a inunda por inteiro com raiva, ódio, pavor.

"Estes meus seres lhe parecem estranhos no momento em que você os avista, mas para mim, assim que cesso o meu trabalho criativo, são seres indiscutivelmente humanos. É somente depois, com a observação continuada, que minha persuasão começa a fraquejar. Primeiro surge um traço de animalidade... depois outro... vão brotando à superfície, como se estivessem me desafiando. Mas minha vontade prevalecerá. Cada vez que eu mergulho uma criatura viva nesse banho ardente de dor, penso: desta vez, queimarei todo o animal até extingui-lo, desta vez produzirei uma criatura racional de acordo com meu desejo. Afinal de contas, o que são dez anos? O homem está sendo aperfeiçoado há cem mil."

Seu rosto assumiu uma expressão sombria.

— Penso que estou chegando perto do meu limite. Esta onça em que estou trabalhando agora... — E, depois de um silêncio: — Eles revertem. Assim que minha mão se afasta, a fera começa a ressurgir, começa a readquirir seu domínio... — Outro longo silêncio.

— E depois você leva essas criaturas para aquele refúgio das cabanas? — perguntei.

— São eles que vão. Eu os expulso quando começo a perceber a regressão, e eles saem vagando até se abrigar ali. Todos têm medo desta casa e de mim. Lá, vivem como que num arremedo de humanidade. Montgomery está mais bem-informado, porque vive interferindo na vida deles. Treinou um ou dois para trabalhar sob suas ordens. Envergonha-se disso, mas acho que ele tem certo apreço pelas criaturas. Problema dele, não meu. Tudo o que eles me despertam é uma sensação de fracasso. Não me interesso por eles. Acho que eles vivem de acordo com preceitos que o kanaka missionário lhes transmitiu, numa espécie de imitação da vida civilizada...

pobres bichos. Cultivam algo a que chamam A Lei. Cantam hinos dizendo que "tudo pertence a ele"... Constroem seus próprios refúgios, colhem frutas, preparam ervas; chegam mesmo a formar casais. Mas eu vejo através disso tudo, enxergo dentro de suas almas, e sei que ali dentro não existe nada mais a não ser suas almas de fera, feras que irão perecer... Vejo a raiva, vejo o desejo de viver e de satisfazer seus prazeres... E ainda assim acho-os esquisitos. São seres complexos, como tudo mais que há no mundo. Há certo impulso neles rumo a algo superior; em parte é vaidade, em parte é um desperdício de energia sexual, em parte uma curiosidade também desperdiçada. É algo que parece zombar de meus esforços... Tenho alguma esperança na onça: tenho trabalhado bastante na sua cabeça e no seu cérebro.

Moreau ficou de pé após mais um longo intervalo de silêncio, durante o qual ficamos ambos imersos cada qual em seus pensamentos.

— E agora — disse ele —, o que pensa disso tudo? Ainda tem medo de mim?

Olhei-o, e não vi nada além de um homem de rosto branco, cabelos brancos, com olhos calmos. A não ser pela sua serenidade, pela aura de quase beleza que resultava daquela sua calma espantosa e de sua estatura imponente, ele poderia ser apenas mais um entre uma centena de cidadãos idosos convencionais. Então senti meu corpo estremecer. Para responder sua segunda pergunta, limitei-me a estender- lhe os revólveres, um em cada mão.

— Pode ficar com eles — disse Moreau, e bocejou. Parado diante de mim, encarou-me por um instante e sorriu. — Você teve dois dias muito movimentados. Recomendo que durma bastante. Fico feliz em ver que está tudo bem. Boa noite.

Depois de me examinar por mais alguns segundos, ele retirou-se pela porta interna. Imediatamente girei a chave, trancando a que dava para o lado de fora.

Voltei a sentar e fiquei durante algum tempo num estado meio embrutecido, cansado, tanto emocional quanto física e mentalmente. Não conseguia pensar em mais nada além do ponto em que tínhamos

encerrado nossa conversa. A janela negra parecia um enorme olho me fitando. Por fim, com um último esforço, apaguei a lâmpada e me estendi no interior da rede. Logo adormeci.

XV

Sobre o Povo Animal

Era ainda cedo quando acordei. As explicações de Moreau voltaram à minha mente, muito claras e nítidas, desde o instante em que despertei. Ergui-me da rede e fui até a porta para me assegurar de que continuava trancada. Depois fui à janela e verifiquei que também continuava firme. O fato de que aquelas criaturas de aparência humana não passavam de monstros bestiais, grotescos arremedos de gente, produzia em mim uma vaga incerteza sobre o que eram capazes de fazer, algo muito pior do que um medo específico. Ouvi uma batidinha na porta, e em seguida o sotaque viscoso da voz de M'ling. Enfiei um dos revólveres no bolso e continuei a segurá-lo enquanto abria a porta.

— Bom dia, senhor — disse ele, que me trazia, além do habitual desjejum de verduras, um coelho malcozido. Montgomery vinha logo atrás dele. Seus olhos investigativos avaliaram a posição do meu braço, e ele deu um sorriso enviesado.

A onça iria ter aquele dia para repouso e cicatrização; mas Moreau, que era peculiarmente reservado em seus hábitos, não veio comer conosco. Conversei com Montgomery para ter uma ideia mais clara de como era a vida do Povo Animal. Minha maior ansiedade era saber o que evitava que aqueles monstros caíssem sobre Moreau e Montgomery, ou se destruíssem uns aos outros.

Ele me explicou que a relativa segurança em que eles dois viviam se devia à capacidade mental muito limitada dos monstros. Apesar de terem sofrido um aumento de inteligência, e da tendência à recaída em seus instintos animais, eles tinham certas ideias fixas implantadas por Moreau em suas mentes, que estabeleciam limites intransponíveis para sua imaginação. Eles tinham sido hipnotizados, tinham aprendido que certas coisas eram impossíveis, e certas outras coisas não deviam ser praticadas,

e tais proibições estavam impregnadas em suas mentes além de qualquer possibilidade de desobediência ou contestação. Ainda assim, havia algumas áreas em que o antigo instinto se chocava com as convenções impostas por Moreau, o que gerava uma situação mais instável. A série de proibições chamada A Lei — que eu os vira recitando — lutava em suas mentes contra os impulsos selvagens profundamente arraigados em sua natureza. Vim a saber que eles passavam o tempo inteiro a repetir a Lei — e a desobedecê-la. Tanto Montgomery quanto Moreau faziam o possível para evitar que eles sentissem o gosto do sangue. Temiam as sugestões inevitáveis que isso iria acarretar.

Montgomery me contou que durante a noite a Lei, especialmente entre os felinos do Povo Animal, perdia grande parte de sua força. Nesse período a animalidade recrudescia; certo espírito de aventura se apossava deles com o escurecer, e faziam coisas a que jamais se atreveriam à luz do sol. Por essa razão o Homem-Leopardo tinha me seguido, na noite da minha chegada. Mas durante os primeiros dias de minha presença ali eles violavam a Lei apenas de modo furtivo, e depois do anoitecer; durante o dia vigorava uma atmosfera de respeito pelas suas variadas

proibições.

Este talvez seja o ponto em que devo fornecer algumas informações gerais sobre a ilha e sobre o Povo Animal. A ilha, que tinha um contorno irregular e baixa altitude em relação ao nível do mar, tinha uma área total, suponho, de sete ou oito milhas quadradas.1 Era de origem vulcânica, e em três dos seus lados era limitada por bancos de coral. Na parte norte havia fendas que expeliam fumaças vulcânicas, e uma fonte de água quente; estes eram os únicos vestígios das forças naturais que tinham produzido aquele pedaço de terra. De vez em quando era possível sentir um leve abalo sísmico, e outras vezes o penacho de fumaça que dali se elevava era tumultuado por jatos de vapor aquecido, mas isto era tudo. Montgomery me informou que a população total incluía mais de sessenta criaturas produzidas pela arte de Moreau, sem contar algumas monstruosidades de pequeno porte que viviam por entre os arbustos e não tinham aparência humana. Ao todo, Moreau produzira cerca de cento e vinte seres, mas muitos já tinham morrido; e outros, como a Coisa Rastejante de que ele me falara, tiveram morte violenta. Respondendo a

uma pergunta minha, Montgomery afirmou que as criaturas eram capazes de se reproduzir, mas que suas crias, em geral, acabavam morrendo. Não havia nenhuma prova de que herdassem as características humanas que tinham adquirido. Quando os filhotes sobreviviam, Moreau os conduzia ao cercado e ali esculpia sobre eles a forma humana. Havia mais machos do que fêmeas, e estas eram sujeitas a muitas perseguições furtivas, a despeito dos preceitos monogâmicos da Lei.

Seria impossível, para mim, descrever o Povo Animal em detalhe — meus olhos não foram bem treinados para isto — e infelizmente também não tenho talento para desenhar. O mais impressionante, talvez, na sua aparência geral, era a desproporção entre as pernas dessas criaturas e o comprimento dos seus corpos; ainda assim — tão relativa é a nossa noção de graciosidade! — meus olhos se habituaram às suas formas, e depois de certo tempo passei a ter a mesma impressão referida por eles: a de que eram as minhas coxas que eram desengonçadas. Outro ponto notável era o modo como suas cabeças se projetavam para diante, e a curvatura desajeitada e inumana de sua coluna vertebral. Mesmo ao HomemMacaco faltava aquela curvatura sinuosa para dentro que torna a nossa espinha dorsal tão graciosa. A maioria deles tinha ombros grosseiramente encurvados, e antebraços muito curtos que tinham um aspecto débil ao penderem de ambos os lados. Poucos deles eram visivelmente peludos — pelo menos durante o tempo que passei na ilha.

A deformação mais óbvia que ostentavam era nos rostos, que eram todos prognatas, malformados na altura das orelhas, com narizes largos e protuberantes, cabelo muito crespo ou muito duro, e olhos que em muitos casos eram de colorido estranho, ou malposicionados. Nenhum deles era capaz de sorrir, embora o Homem- Macaco exibisse um arreganho de dentes. Além dessas características gerais, seus

crânios pouco tinham em comum; cada qual preservava os traços de sua espécie de origem; o formato humano distorcia mas não ocultava o leopardo, o boi, ou a porca, ou qualquer outro animal que tivesse sido o seu ponto de partida. As vozes, também, exibiam enorme variedade. Suas mãos eram sempre malformadas; e embora algumas delas me surpreendessem pelo seu aspecto inesperadamente humano, quase todas eram deficientes em número de dedos, toscas no acabamento das unhas, e

não demonstravam sensibilidade tátil.

Os mais formidáveis Homens-Animais eram o Homem-Leopardo e uma criatura feita a partir da hiena e do porco. Mais corpulentos do que estes eram as três criaturas bovinas que puxavam o barco. Depois vinha o Homem dos Pelos Prateados (que era também o Mestre da Lei), M'ling, e uma criatura com aparência de sátiro, misto de macaco e bode. Havia três Homens-Suínos e uma Mulher-Suína; uma criatura a que chamei Cavalo-Rinoceronte; e várias fêmeas cuja espécie de origem não fui capaz de identificar. Havia várias criaturas Lobo, um Urso-Touro, e um homem híbrido com cachorro São Bernardo. Já descrevi o Homem-Macaco, e havia também uma mulher especialmente detestável (e malcheirosa) que era um cruzamento de raposa e ursa, a quem detestei desde o princípio. Dizia-se que era uma devota apaixonada da Lei. E também uma porção de criaturas menores, como uns filhotes de pelo malhado e a pequena preguiça a que me referi.

A princípio eu estremecia de horror diante daqueles brutos, sentia com muita clareza quanto ainda eram brutos, mas aos poucos fui me habituando à ideia de sua presença, e, mais do que isto, fui me deixando afetar pela atitude de Montgomery para com eles. Ele vivia na companhia daqueles seres havia tanto tempo que já se acostumara a tratá-los como se fossem pessoas normais; seus dias londrinos já eram uma espécie de passado glorioso e irrecuperável. Uma vez por ano, se tanto, ele era encarregado de viajar até Arica para negociar com o agente de Moreau, um comerciante de animais. E naquele porto cheio de mestiços espanhóis ele mal encontrava algum indivíduo de fino trato. Os homens a bordo do navio, dizia ele, lhe pareciam de início tão estranhos quanto o Povo Animal o fora aos meus olhos — tinham pernas anormalmente longas, o rosto achatado, a testa volumosa; eram desconfiados, perigosos, frios. A verdade é que ele não gostava de seres humanos. Só tinha se tornado meu amigo, disse, por ter me salvado a vida.

Imaginei, mesmo então, que ele cultivava um afeto sorrateiro por alguns daqueles seres brutos, uma simpatia mórbida por alguns aspectos de seu comportamento, mas tinha a princípio tentado disfarçar essa tendência, quando na minha presença.

M'ling, o homem de rosto negro, seu assistente, o primeiro membro do Povo Animal que eu tinha encontrado, não vivia com os demais no outro lado da ilha, mas numa choça na parte traseira do cercado. Era de uma inteligência do nível da do Homem-Macaco, mas tinha um temperamento mais dócil, e de todo o Povo Animal

era o que tinha aparência mais próxima da humana. Montgomery o tinha treinado para preparar comida e executar trabalhos domésticos simples. Ele representava um triunfo das terríveis habilidades de Moreau, um urso com traços de cão e de boi, e uma das criaturas mais elaboradamente produzidas. Tratava Montgomery com estranha ternura e devoção. Às vezes ele notava a presença do bruto ao seu lado, davalhe tapinhas, chamava-o de nomes meio zombeteiros, meio carinhosos, e o bruto dava saltos de deleite; às vezes ele o tratava de maneira ríspida, principalmente depois que bebia, dandolhe pontapés, espancando-o, arremessando-lhe pedras ou fusées.13 Mas, independentemente de como fosse tratado, o bruto não queria outra coisa senão estar perto dele.

Disse que acabei me acostumando ao Povo Animal, e de tal modo que um sem- número de coisas que antes haviam me parecido repulsivas ou contra a natureza logo se tornaram naturais e comuns para mim. Suponho que tudo em nossa existência acaba se situando em função da média do ambiente em que estamos. Montgomery e Moreau eram excêntricos e individualistas o bastante para manter acesa a minha impressão geral sobre a espécie humana. Olhando um dos seres bovinos da equipagem da lancha a caminhar pela relva, eu me esforçava para ver alguma diferença entre ele e um campônio humano voltando para casa depois de um trabalho estafante; ou então meus olhos avistavam o rosto vulpino e elusivo da Raposa-Ursa, com sua expressão estranhamente humana e velhaca, e podia imaginar que já passara por ela num beco qualquer de uma cidade.

E, ainda assim, de vez em quando a fera surgia diante dos meus olhos, sem a menor dúvida ou contestação. Um indivíduo de enorme fealdade, corcunda, de aparência selvagem, de cócoras na entrada de uma cabana, esticava os braços e soltava um enorme bocejo — e eu entrevia, de súbito, incisivos afiados como navalhas e caninos que pareciam sabres, verdadeiras lâminas. Ou, descendo por um caminho estreito e tortuoso,

meu olhar se atrevia a cruzar casualmente com o de uma mulher de talhe flexível, envolta numa roupa branca, e eu percebia com um espasmo de repulsa que suas pupilas eram fendas verticais, ou então, descendo meu olhar ao longo de seu corpo, percebia a garra recurva com que ela mantinha as vestes presas junto ao corpo. Era também curioso, e algo que não consigo explicar totalmente, o fato de que aquelas estranhas criaturas — refiro-me às fêmeas — tinham, nos primeiros tempos de minha permanência ali, um senso instintivo de sua própria aparência repugnante, e em vista disto exibiam um comportamento recatado que acabava por ter algo de humano. 1 Esta descrição corresponde em todos os aspectos à Ilha de Noble — C.E.P.

XVI

Como o Povo Animal provou sangue

Mas a minha inexperiência como escritor está me atraiçoando, e vejo que perdi o fio da minha narrativa. Depois que tomei o desjejum com Montgomery naquele dia, ele me levou para atravessar a ilha e me mostrou as emissões de vapor e o local onde brotava a fonte de águas quentes, em cuja correnteza eu tinha quase queimado os pés no dia anterior. Ambos levávamos chicotes e revólveres carregados. No caminho através da mata cerrada ouvimos os guinchos de um coelho. Paramos para escutar, mas não ouvimos nada mais; retomamos nossa caminhada e logo tínhamos esquecido o incidente. Montgomery chamou minha atenção para alguns animaizinhos cor-de- rosa com longas pernas traseiras, que pulavam no matagal. Disse-me que eram invenções da imaginação de Moreau, criaturas feitas a partir dos filhotes do Povo Animal. Tinha pensado que eles talvez pudessem fornecer carne para alimentação, mas os bichos tinham o hábito de devorar os próprios filhotes, como ocorre com os coelhos. Eu já tinha visto algumas dessas criaturas durante a minha fuga noturna perseguido pelo Homem-Leopardo, e novamente quando estava sendo perseguido por Moreau, na véspera. Ocorreu a certa altura que um dos animaizinhos, fugindo à nossa aproximação, saltou para dentro do buraco deixado pela queda de uma árvore, cujas raízes tinham cedido à força da ventania. Antes que pudesse sair da cavidade, eu e Montgomery conseguimos

agarrá-lo. O bichinho bufava como um gato, arranhava, e desferia golpes vigorosos com as pernas traseiras, tentando morder nossas mãos, mas seus dentes eram frágeis demais para nos infligir mais do que uma picada indolor. A mim me pareceu um animal até bonito, e como Montgomery afirmou que ele não destruía o terreno cavando túneis e era de hábitos bastante limpos, ocorreu-me que poderia ser um substituto útil para os coelhos nos parques do mundo civilizado.

Ao longo do caminho, Montgomery chamou minha atenção para o tronco de uma árvore, todo descascado e exibindo cortes longos e profundos.

— "Não arrancar a casca das árvores, essa é a Lei" — citou ele. — Mas ao que parece alguns não dão muita atenção a isso!

Foi logo a seguir, acho, que encontramos no caminho o Sátiro e o Homem- Macaco. O Sátiro era uma obra de Moreau em evocação à memória clássica, com uma cara de expressão ovina, feições de tipo semita acentuado, a voz como um balido áspero, e as extremidades inferiores de aparência satânica. Vinha mastigando um fruto semelhante a uma vagem quando passou por nós. Ambos cumprimentaram Montgomery.

— Salve — disseram. — O Outro que tem o chicote!

— Há um terceiro com o chicote, agora — disse Montgomery. — É bom prestar

atenção.

— Ele foi feito? — perguntou o Homem-Macaco. — Ele disse... disse que foi feito.

O Sátiro me examinou com curiosidade.

— O Terceiro com o chicote, o que anda chorando dentro do mar, e seu rosto é branco e fino.

— Ele tem um grande chicote — disse Montgomery.

— Ontem ele sangrou e também chorou — disse o Sátiro. — Vocês não sangram nem choram. O Mestre não sangra nem chora.

— Vá andando, mendigo de Ollendorff!14 — disse Montgomery. — Vocês é que vão sangrar e chorar se não tomarem cuidado!

— Ele tem cinco dedos, é um homem-cinco, como eu — disse o Homem-Macaco. — Vamos, Prendick — disse Montgomery, pegando-me pelo braço, e eu o segui. O Sátiro e o Homem-Macaco ficaram nos observando, fazendo comentários em voz baixa.

— Ele não disse nada — falou o Sátiro. — Homens têm voz.

— Ontem ele me pediu coisas de comer — disse o Homem-Macaco. — Ele não sabia achar.

Depois disseram algo que não consegui ouvir, e ouvi o Sátiro rindo.

Em nosso caminho de volta, encontramos um coelho morto. O corpo do pobre animal estava feito em pedaços, com as costelas à mostra, e havia sinais inconfundíveis de dentes na sua espinha dorsal.

Ao ver isso, Montgomery se deteve.

— Meu Deus! — disse ele, agachando-se e erguendo algumas das vértebras esmagadas para examiná-las melhor. — Meu Deus! O que significa isto?

— Algum dos seus carnívoros andou recordando antigos hábitos — comentei, depois de uma pausa. — Esta espinha foi toda mastigada.

Ele ficou examinando a carcaça, com o rosto pálido e uma contração esquisita nos lábios.

— Não gosto disto — disse, devagar.

— Vi algo parecido — comentei — no primeiro dia em que passei por aqui.

— Que diabos! O que era?

— Um coelho com a cabeça arrancada.

— No dia em que você chegou?

— No dia em que cheguei. Estava por entre as moitas, na parte traseira do cercado de pedra, quando saí para caminhar no fim da tarde. A cabeça estava completamente separada do corpo.

Ele deu um assobio baixinho.

— E tem mais, acho que tenho uma ideia de qual dos brutos de vocês fez aquilo.

É apenas uma suspeita, claro. Antes de encontrar o coelho vi um dos seus monstros bebendo no córrego.

— Bebendo direto com a língua?

— Sim.

— "Não beber com a língua, essa é a Lei." É assim que esses brutos respeitam a Lei, quando Moreau não está por perto?!

— Era o mesmo que me perseguiu.

— Claro — disse Montgomery. — É assim que os carnívoros procedem. Depois de caçar, eles bebem. O gosto do sangue, entende? — Depois de uma pausa, perguntou: — Qual foi o que o perseguiu? Pode reconhecê-lo, se o avistar?

Ele ergueu-se e olhou em volta, com um pé de cada lado do corpo dilacerado do coelho, seus olhos percorrendo as sombras e as cortinas espessas da ramagem, os esconderijos e emboscadas espalhados pela floresta que nos cercava por todos os lados.

— O gosto do sangue — repetiu ele.

Puxou o revólver, examinou os cartuchos e o guardou de novo. Então começou com seu gesto de repuxar o lábio inferior.

— Acho que posso reconhecer o bruto — falei. — Eu o deixei tonto. Ele deve estar com um belo hematoma na testa.

— Mas aí temos de provar que ele matou o coelho — disse Montgomery. — Ah, como eu queria nunca ter trazido essas coisas para cá.

Por mim teríamos ido embora, mas ele continuou ali, pensando e contemplando os restos do coelho, com um ar profundamente intrigado. Saí andando até chegar a uma distância em que não via mais a carcaça.

— Vamos! — chamei.

Finalmente Montgomery pôs-se em movimento.

— Sabe — disse ele, quase num sussurro —, supõe-se que todos eles tenham uma espécie de ideia fixa a respeito da proibição de comer qualquer criatura que caminhe sobre a terra. Se algum desses brutos tiver por acaso provado sangue... — Fomos caminhando em silêncio, e ele prosseguiu, meio que falando para si mesmo: — Fico imaginando o que terá acontecido. Sabe, no outro dia eu... fiz uma bobagem. Aquele meu criado... eu o ensinei a esfolar e cozinhar um coelho. É estranho... Eu o vi lambendo os dedos... Que coisa, nunca me ocorreu que... — E depois de mais uma pausa: — Temos que evitar isso. Preciso falar com Moreau.

E vi que o assunto não lhe saiu da mente durante o resto da caminhada.

Moreau recebeu a notícia com mais gravidade do que o próprio Montgomery, e nem preciso dizer que logo fui contagiado pela consternação que vi em ambos.

— Precisamos fazer algo para servir de exemplo — disse Moreau. — Por mim não tenho dúvidas de que o nosso pecador é o Homem-Leopardo. Mas como

podemos provar? Seria bom, Montgomery, que você tivesse controlado melhor seu apetite carnívoro e pudesse passar sem novidades no cardápio. Isto pode nos meter numa boa de uma encrenca.

— Foi muito idiota de minha parte — disse Montgomery. — Mas o que está feito, está feito. E, aliás, você autorizou.

— Temos que cuidar disso, e agora mesmo — disse Moreau. — Suponho que, caso aconteça alguma coisa, M'ling possa cuidar de si mesmo, certo?

— Não tenho certeza quanto a ele — disse Montgomery. — Acho que devia conhecê-lo melhor.

Depois do meio-dia, Moreau, Montgomery, eu e M'ling começamos a cruzar a ilha indo na direção da ravina. Todos os três estávamos armados, e M'ling levava consigo a machadinha que usava para rachar lenha, além de alguns rolos de arame. Moreau levava também um enorme "berrante", feito de chifre, a tiracolo.

— Você vai ver agora uma reunião do Povo Animal — disse Montgomery. — Um belo espetáculo.

Moreau não disse uma só palavra durante todo o trajeto, mas seu rosto pesadão, emoldurado pela barba e pelos cabelos brancos, estava sombrio.

Cruzamos a ravina, cheia da névoa produzida pelas águas quentes do córrego, e seguimos o caminho tortuoso pelo meio dos caniços, até atingirmos um espaço aberto, coberto por uma camada espessa de um pó amarelado que imaginei ser enxofre. Por sobre a linha de um barranco coberto de relva, vimos a linha do oceano cintilando a distância. Chegamos a uma espécie de anfiteatro natural, bastante raso, e ali fizemos uma parada. Moreau soprou o seu berrante, cujo som quebrou a calma sonolenta daquela tarde tropical. Ele parecia ter pulmões bem fortes. Aquela nota penetrante elevou-se mais e mais por entre os próprios ecos, com uma intensidade de incomodar os tímpanos. Por fim ele soltou o instrumento com uma exclamação, deixando-o pender do lado.

Logo se ouviu um estardalhaço no meio dos caniços, e um som de vozes vindo da floresta verde e cerrada, na direção do brejo que tínhamos percorrido durante a perseguição da véspera. Então, em três ou quatro pontos no limite da área sulfurosa apareceram as formas grotescas do Povo Animal, convergindo em nossa direção. Não contive um estremecimento de horror ao perceber primeiro um, depois outro e mais outro, emergindo das árvores ou dos caniços, e caminhando, trôpegos, por sobre o terreno queimado pelo sol. Mas Moreau e Montgomery estavam calmos, e não tive saída senão manter-me firme ao lado deles. O primeiro a chegar foi o Sátiro, que me pareceu estranhamente irreal, mesmo projetando uma sombra visível e levantando o pó do chão com seus cascos; depois dele o ser abrutalhado em que se misturavam cavalo e rinoceronte, mastigando uma palha enquanto se aproximava; em seguida

vieram a Mulher Suína e duas Mulheres Lobas; depois a bruxa, a Raposa-

Ursa, com aqueles olhos vermelhos brilhando no rosto avermelhado e pontudo, e depois vieram outros — todos caminhando o mais depressa que podiam. Quando chegavam perto, agachavam-se diante de Moreau e cantavam, sem prestar muita atenção uns aos outros, fragmentos do final da litania da Lei: "É dele a mão que fere, é dele a mão que cura."

Quando chegaram a uma distância de uns trinta metros eles se detiveram, e, agachandose sobre os joelhos e cotovelos, começaram a jogar areia sobre a cabeça. Não sei se alguém conseguirá visualizar uma cena como aquela. Nós três, homens, vestidos em roupa azul, junto ao nosso ajudante com seu corpo deformado, parados no meio daquela areia amarelada sob um céu de um azul brilhante, cercados por aquele círculo de monstros agachados, gesticulando, alguns deles quase humanos, salvo por algum gesto ou uma sutileza de expressão, outros parecendo aleijados, outros deformados a tal ponto que não evocavam coisa alguma a não ser uma visão de pesadelo. E para além deles avistavam-se as linhas verticais da mata de caniços, numa direção, e o denso palmeiral na outra, separando-nos da ravina onde ficavam suas choças; e ao norte avistava-se o horizonte difuso do oceano Pacífico.

— Sessenta e dois, sessenta e três — ia contando Moreau. — Há mais quatro.

— Não estou vendo o Homem-Leopardo — falei.

Por fim Moreau fez soar de novo o berrante, e ao escutar o som todo o Povo Animal prostrou-se ainda mais, e espojou-se no chão. Nesse instante o Homem- Leopardo surgiu, esgueirando-se para fora da mata de caniços, agachando-se até ficar quase rente ao solo, e aproximando-se do círculo de feras, pelo lado a que Moreau dava as costas. Observei que havia uma marca na sua testa. O último a chegar foi o pequeno Homem-Macaco. Os que tinham vindo primeiro, já cansados e arquejantes, lhe dirigiram olhares ressentidos.

— Parem — disse Moreau, com voz alta e firme, e todos pararam de se agitar, sentando no chão da melhor maneira que podiam.

— Onde está o Mestre da Lei? — perguntou Moreau, e o monstro de pelos grisalhos curvou-se até tocar o chão com o rosto.

— Digam as palavras — disse Moreau, e toda a assembleia, de joelhos, começou a oscilar de um lado para outro e levantar poeira de enxofre ao bater com as mãos no chão: primeiro a mão direita, erguendo uma nuvem de pó; depois a esquerda, marcando o ritmo de recitação da estranha litania.

Quando chegaram ao trecho "Não comer carne nem peixe: esta é a Lei", Moreau ergueu a mão:

— Parem! — gritou, e um silêncio absoluto reinou no local.

Acho que todos eles sabiam, e temiam, o que ia acontecer. Olhei em redor, para cada um daqueles rostos estranhos. Vendo o modo como se encolhiam, e o terror furtivo em seus olhos brilhantes, admirei-me de ter considerado em algum momento

que fossem homens.

— A Lei foi desobedecida — disse Moreau.

— Ninguém escapa — disse a criatura de pelo grisalho.

— Ninguém escapa — repetiu o círculo de Homens-Animais.

— Quem foi? — gritou Moreau, e olhou em volta, rosto por rosto, estalando o chicote no chão. Achei que a Hiena-Suína parecia mais abatida que os outros, assim como o HomemLeopardo. Moreau se deteve diante dele, encarando-o, enquanto ele se encolhia como que assaltado pela lembrança e pelo tormento de torturas indizíveis. — Quem foi?!

— É mau aquele que desobedece à Lei — recitou o Mestre.

Moreau olhou bem nos olhos do Homem-Leopardo, e parecia arrancar dolorosamente a própria alma de dentro da criatura.

— Quem desobedece à Lei... — disse Moreau, afastando os olhos da sua vítima e encarando todos nós; parecia haver uma exultação em sua voz.

— ...volta para a Casa da Dor! — gritaram todos. — Volta para a Casa da Dor, Mestre!

— Volta para a Casa da Dor, volta para a Casa da Dor — ficou repetindo o HomemMacaco, como se aquela ideia lhe fosse prazerosa.

— Estão ouvindo? — insistiu Moreau, virando-se de novo para encarar o transgressor. — Você, amigo... Epa!

Porque o Homem-Leopardo, livre do peso do olhar de Moreau, tinha ficado de pé com um salto e, com os olhos chamejantes e as presas felinas emergindo brilhantes por entre os lábios arreganhados, saltou sobre o seu torturador. Tenho certeza de que somente a loucura provocada por um pavor insuportável poderia ter motivado aquele ataque. O círculo de monstros pareceu erguer-se contra nós. Puxei o revólver. Os dois se chocaram com violência, e vi Moreau recuando aos tropeções ao impacto do Homem-Leopardo. Um alarido de uivos e gritos bestiais se elevou à nossa volta. Criaturas corriam por todos os lados, e por um instante achei que era uma rebelião generalizada.

Tive um vislumbre da cara furiosa do Homem-Leopardo passando diante dos meus olhos, e ele fugiu, com M'ling no seu encalço. Os olhos amarelados da Hiena- Suína brilharam de excitação quando seu corpo se arqueou como se fosse desferir um ataque contra mim. O Sátiro também me encarou por cima dos seus ombros encurvados. Ouvi o estampido da pistola de Moreau, e vi o clarão vermelho do disparo. Toda a multidão de feras pareceu mover-se na direção em que ele disparara, e eu também fui arrastado por aquele movimento geral. Um instante depois eu corria, no meio de uma turba que ululava de fúria, no encalço do Homem-Leopardo.

Isto é tudo o que posso lembrar com clareza. Vi o Homem-Leopardo atacar Moreau, e então tudo pareceu rodar à minha volta, e me vi correndo em disparada.

M'ling tomou a dianteira, perseguindo de perto o fugitivo. Atrás dele, com a língua de fora, corria a Mulher-Loba em largas passadas. Os Suínos iam logo atrás, guinchando de excitação, e os dois Homens-Touros com suas vestimentas brancas. Depois vinha Moreau no meio de um grupo enfurecido: com a pistola erguida, seu chapéu de abas

largas tinha sido arrebatado pelo vento, e a longa cabeleira branca ondeava enquanto ele corria. A Hiena-Suína corria ao meu lado, acompanhando meu ritmo, e me lançando de vez em quando um olhar furtivo com seus olhos felinos, enquanto os outros corriam logo atrás de nós, num tropel confuso de gritos e empurrões.

O Homem-Leopardo rompeu com violência através do matagal de caniços, empurrandoos na passagem e fazendo-os chocar-se de volta com o rosto de M'ling, que seguia em seus calcanhares. Nosso grupo que vinha logo atrás teve apenas de seguir a trilha de destruição que os dois iam abrindo no matagal. Essa caçada se prolongou por cerca de quinhentos metros, até que enveredamos num mato fechado que reteve nossa passagem de modo exasperante — galhos chicoteavam nosso rosto, cipós nos detinham pelo pescoço ou se enredavam em nossos tornozelos, plantas espinhosas fisgavam e rasgavam tanto a roupa quanto a pele.

— Ele já está correndo em quatro pés — arquejou Moreau, que agora estava logo adiante de mim.

— Ninguém escapa! — disse o Lobo-Urso, dando um riso largo, tomado pela exultação da caçada.

Emergimos da mata para um trecho rochoso, e avistamos nossa presa um pouco adiante, correndo ligeira sobre as quatro patas, e rosnando em nossa direção por cima do ombro. Os membros do Povo Lobo uivaram de deleite. O fugitivo ainda mantinha algumas roupas, e visto a distância seu rosto parecia humano, mas o modo de correr de quatro era completamente felino, e os ombros curvados de modo furtivo revelavam um animal em fuga. Ele saltou por sobre uma moita coberta de flores amarelas, e sumiu quando M'ling estava quase a alcançá-lo.

A essa altura a maioria de nós tinha perdido o ímpeto inicial da corrida, e agora mantínhamos um ritmo mais compassado e constante. Quando atravessamos um trecho de espaço aberto, vi que nosso grupo de perseguidores tinha se espalhado e, em vez de uma fila indiana, era agora um arco de círculo que avançava todo junto. A Hiena-Suína ainda corria ao meu lado, sempre me olhando de esguelha e franzindo o focinho com um riso gutural.

Ao se aproximar das rochas o Homem-Leopardo percebeu que estava indo na direção daquele mesmo promontório para onde tinha me acuado na noite da minha chegada, e virou bruscamente de direção, sumindo entre os arbustos. Mas Montgomery percebeu a manobra e o acompanhou.

E assim, ofegando, tropeçando nas pedras, sendo rasgado pelos espinheiros,

emaranhando o corpo em samambaias e caniços, ajudei na perseguição ao Homem- Leopardo que tinha desobedecido à Lei, e a Hiena-Suína corria veloz ao meu lado, com um riso selvagem. Segui aos tropeções, com a cabeça rodando e o coração martelando as costelas, mortalmente exausto, mas sem me atrever a abandonar a caçada, por medo de ficar para trás na companhia daquela criatura maligna. Fui em frente, apesar do infinito cansaço e do calor insuportável daquela tarde tropical.

E por fim o ritmo da perseguição foi se reduzindo. Tínhamos encurralado a fera num recanto da ilha. Moreau, de chicote em punho, nos orientou a formar uma linha irregular, e fomos avançando lentamente, gritando uns para os outros à medida que ganhávamos terreno, fechando o cerco sobre nossa vítima. A essa altura ele nos espreitava, silencioso e invisível, nos mesmos arbustos por onde eu fugira dele durante aquela perseguição noturna.

— Avancem firme! — gritou Moreau. — Firme!

E as extremidades da linha foram se fechando em torno dos arbustos, fechando o bruto dentro do círculo.

— Cuidado para que ele não corra de repente — alertou a voz de Montgomery do lado oposto.

Eu estava num barranco que se erguia sobre o matagal. Montgomery e Moreau se aproximavam pelo lado da praia lá embaixo. Fomos cerrando fileiras em torno daquele emaranhado espesso de galhos e de folhas, mas nossa caça permanecia em silêncio.

— De volta para a Casa da Dor, a Casa da Dor, a Casa da Dor! — soou a voz do HomemMacaco, uns vinte metros à minha direita.

Ouvindo aquilo perdoei ao pobre bruto todo o medo que me causara.

Ouvi gravetos estalando perto de mim, e os ramos foram afastados para o lado, e percebi que era o Cavalo-Rinoceronte se aproximando. Então, de repente, através de um polígono de ramos verdes, na penumbra por baixo das árvores copadas, avistei a criatura que perseguíamos, e parei. Ele estava agachado, tentando tornar-se o menor possível, e quando olhou por sobre o ombro seus olhos verdes e luminosos cruzaram com os meus.

Pode parecer uma estranha contradição em mim — não tenho como explicar este fato —, mas agora, vendo a criatura ali numa postura perfeitamente animal, com os olhos brilhantes, e sua imperfeita cara humana distorcida pelo terror, voltei a considerá-la um ser humano. Dali a um segundo ele iria ser avistado pelos outros perseguidores; seria subjugado e preso, e voltaria a experimentar as pavorosas torturas que sofrera no cercado. Saquei rapidamente o revólver, fiz mira entre seus olhos aterrorizados e puxei o gatilho.

No instante em que disparei, a Hiena-Suína viu a criatura, e saltou sobre ela com um grito de fúria, cravando dentes sequiosos em seu pescoço. As ramagens, os

galhos e os arbustos ao meu redor agitaram-se com ruído à medida que o Povo Animal convergia correndo para o ponto onde estávamos. Rostos começaram a surgir.

— Não o mate, Prendick — gritou Moreau. — Não o mate!

E vi quando ele se agachou no chão logo depois de ultrapassar uma barreira formada por samambaias.

Um instante depois ele tinha afastado a Hiena-Suína com um golpe do cabo do chicote, e ele e Montgomery lutavam para afastar aquela população de carnívoros excitados, especialmente M'ling, do corpo, que ainda era percorrido por estremecimentos. A Criatura de Pelos Grisalhos passou por baixo do meu braço e foi farejar o cadáver. Os outros animais, com seu ardor bestial, esbarravam às minhas costas, empurrando-me para ver melhor.

— Maldito seja, Prendick — disse Moreau. — Eu precisava dele.

— Sinto muito — disse eu, embora não fosse o caso. — Foi um impulso.

Eu me sentia zonzo de cansaço e agitação. Virando-me, fui abrindo caminho por entre a multidão formada pelo Povo Animal e subi sozinho a encosta que levava à parte mais alta do promontório. Ouvi gritos de Moreau dando instruções, e três Homens-Bois, vestidos de branco, arrastando o corpo na direção do mar.

Agora era mais fácil para mim ficar a sós. O Povo Animal demonstrava uma curiosidade bastante humana pelo cadáver, e seguiu atrás, num grupo compacto, farejando e grunhindo, enquanto os Homens-Bois o levavam até a praia. Fui na direção do promontório, e olhei os Homens-Bois, seus vultos negros de encontro ao céu da tarde, enquanto eles carregavam o corpo morto; e, como uma onda que de súbito invadisse minha mente, tive a percepção da indizível falta de sentido de tudo naquela ilha. Na praia, por entre as rochas bem abaixo de onde eu me encontrava, estavam o Homem-Macaco, a Hiena-Suína e vários outros do Povo Animal, espalhados em torno de Montgomery e Moreau. Estavam tomados por uma intensa excitação, e todos exprimiam de forma abundante e barulhenta a sua obediência à Lei. No entanto, eu tinha certeza absoluta, na minha mente, de que a Hiena-Suína estava envolvida na morte dos coelhos. Veio-me a estranha convicção de que, a não ser pela grosseria das linhas e o caráter grotesco das formas, o que eu tinha ali diante de mim era uma miniatura de todo o complexo equilíbrio da vida humana, o jogo inteiro entre o instinto, a razão e o destino, em sua forma mais simples. O Homem-Leopardo tinha fracassado. Esta era toda a diferença.

Pobres brutos! Comecei a perceber os aspectos mais sórdidos da crueldade de Moreau. Eu não tinha parado para pensar, até então, no sofrimento e nos problemas daquelas pobres vítimas, depois que eram liberadas das mãos de Moreau. Sentira apenas um calafrio ao pensar nos seus dias de tormento no interior do cercado. Agora, isso me parecia o menor dos males. Antes eles eram simples animais, com

instintos plenamente adaptados ao ambiente em que viviam, e felizes à maneira de qualquer ser vivo. Agora, cambaleavam presos aos grilhões da humanidade, viviam prisioneiros de um terror incessante, desgastados

por uma Lei que eram incapazes de compreender; sua existência pseudo-humana começava em tortura, transcorria numa luta interminável com eles mesmos, sempre sob a ameaça de Moreau — e para quê? Era a natureza caprichosa de todo o processo que me revoltava.

Se Moreau tivesse em mente algum objetivo inteligível eu poderia pelo menos sentir um pouco de simpatia por ele. Não sou assim tão preconceituoso em relação à dor. Mesmo que sua motivação fosse o ódio, eu poderia tê-lo perdoado, pelo menos em parte. Mas o fato é que ele era muito irresponsável, muito descuidado. Sua curiosidade, suas investigações loucas e sem objetivo definido o faziam ir sempre além, e as pobres criaturas eram entregues a si próprias para viver um ano ou pouco mais, para lutar, frustrar-se e sofrer; e ter uma morte dolorosa. Viviam infelizes; o antigo ódio animal fazia com que perturbassem umas às outras; a Lei as continha durante algum tempo, evitando que se engalfinhassem e resolvessem de modo brusco as suas animosidades naturais.

Naqueles dias, meu medo do Povo Animal igualou-se ao medo pessoal que eu tinha de Moreau. Mergulhei nesse estado mórbido, profundo, duradouro, que não era propriamente medo, que deixou marcas permanentes na minha memória. Devo confessar que perdi minha fé na sanidade do mundo, quando vi o sofrimento desordenado que reinava naquela ilha. Um destino cego, um vasto mecanismo impiedoso, parecia talhar e coser o tecido da existência, e eu, Moreau e sua paixão pelo estudo, Montgomery e sua paixão pela bebida, o Povo Animal, com seus instintos e suas limitações mentais, todos estávamos sendo dilacerados, esmagados implacavelmente, inevitavelmente, por entre a complexidade infinita de engrenagens impiedosas. Mas essa percepção não me ocorreu toda de uma vez só... Aliás, acho que estou me antecipando em falar sobre isto antes do momento apropriado.

XVII

Uma catástrofe Não se passaram mais do que seis semanas até que eu me sentisse completamente tomado por antipatia e repugnância pelos infames experimentos de Moreau. Minha

ideia fixa era fugir para o mais longe possível daquelas horríveis caricaturas da imagem do Criador, e regressar para o convívio acolhedor e sadio da humanidade. Meus semelhantes, dos quais eu me encontrava assim apartado, passaram a assumir virtudes idílicas na minha memória. A amizade que eu mantivera com Montgomery logo no início não prosperou. O seu longo tempo de afastamento da humanidade, seu alcoolismo às escondidas, sua evidente simpatia pelo Povo Animal eram como uma nódoa que me causava repulsa. Muitas vezes eu o deixei ir sozinho para o meio deles. Evitava encontrá-los sempre que me era possível. Comecei a passar períodos de tempo cada vez mais longos na praia, fitando o horizonte à procura de uma vela que nunca aparecia, até que um dia um tremendo desastre se abateu sobre nós, e provocou uma mudança radical naquele ambiente estranho.

Foi cerca de sete ou oito semanas depois de minha chegada à ilha — talvez um pouco mais, acho, embora eu não tivesse me dado o trabalho de manter um registro da passagem dos dias — que aconteceu a catástrofe. Foi logo ao amanhecer, creio que por volta das seis horas. Nesse dia eu tinha acordado cedo e já tomara o meu desjejum; tinha sido despertado pelo barulho de três Homens-Animais carregando lenha para dentro do cercado.

Depois de comer, fui para o portão do cercado, que estava aberto, e fiquei por ali, fumando um cigarro e desfrutando do ar fresco da manhã. A certa altura Moreau dobrou a esquina do cercado, viu-me e se aproximou, cumprimentando-me. Ele passou por mim, e eu o ouvi destrancando a porta do laboratório e entrando. Eu já estava tão insensível às abominações daquele lugar que ouvi, sem a menor emoção, o início de mais um dia de tortura da onça. Ela saudava o seu algoz com um grito estridente que parecia o de uma virago furiosa.

Então, alguma coisa aconteceu. Até hoje não sei exatamente o que foi. Ouvi um grito agudo às minhas costas, um baque, e, virando-me, vi um rosto horrendo que se precipitava sobre mim, e que não era humano, não era animal, mas uma coisa castanha, demoníaca, coberta de cicatrizes rubras que se ramificavam cheias de gotas vermelhas, e olhos sem pálpebras que pareciam fulgurar. Ergui o braço para me defender de um golpe que me jogou longe, com o antebraço partido, e o enorme monstro,

trajando uma roupa de algodão e com bandagens ensanguentadas pendendo pelo corpo inteiro, saltou sobre mim e fugiu. Saí rolando e rolando até chegar à praia, tentei sentar mas desabei sem forças por cima de meu braço quebrado. Então Moreau apareceu, com seu enorme rosto branco parecendo ainda mais terrível pelo sangue que lhe escorria da testa. Tinha o revólver na mão. Mal olhou para mim, mas saiu em corrida desabalada, perseguindo a onça.

Tentei me apoiar no outro braço e finalmente sentei no chão. Vi a figura coberta de ataduras fugindo pela praia afora em enormes pulos, seguida por Moreau. A criatura virou a cabeça e o viu, e então, mudando bruscamente de rumo, partiu na

direção das moitas. A cada salto que dava ganhava mais distância. Vi quando mergulhou no mato, e Moreau, correndo em diagonal para interceptá-la, atirou, mas errou o tiro e o animal desapareceu. Depois ele, também, sumiu no meio do mato.

Fiquei olhando naquela direção, mas a essa altura a dor no meu braço crescia insuportavelmente, e com um gemido consegui ficar de pé. Montgomery apareceu no portão, vestido, e de revólver em punho.

— Meu Deus, Prendick! — exclamou, ao ver que eu estava ferido. — A fera escapou! Arrancou a corrente que a prendia à parede. Você viu para onde foram? — E depois, vendome agarrar o braço ferido: — O que houve com você?

— Eu estava no portão — falei.

Ele aproximou-se e examinou meu braço.

— Há sangue na manga — disse, e arregaçou o tecido. Guardando o revólver no bolso, apalpou o braço, que me doía muito, e me conduziu para o cercado. — Seu braço está quebrado — disse. E depois: — Conte-me exatamente o que aconteceu, e como.

Disse-lhe o que conseguira ver, falando em frases truncadas, entrecortadas por gemidos de dor, enquanto ele, com grande destreza e rapidez, providenciava uma tala para firmar o antebraço. Improvisou uma tipoia para deixá-lo pendurado, recuou e olhou para mim.

— Assim está melhor — disse. — Mas... e agora?

Ficou pensativo, depois foi lá fora e trancou os portões do cercado. Demorou-se algum tempo ali.

Minha maior preocupação era meu braço. O incidente me parecia apenas mais uma entre as muitas coisas horríveis que aconteciam ali. Sentei-me na cadeira e devo admitir que amaldiçoei vigorosamente aquela ilha. A sensação inicial de dormência no braço tinha se transformado numa dor ardente quando Montgomery voltou.

Tinha o rosto muito pálido, e ao falar exibia uma porção maior do que o habitual das gengivas inferiores.

— Não consegui ver nem ouvir nenhum sinal dele — disse. — Estou preocupado, talvez ele precise de ajuda. — Olhou-me com olhos inexpressivos. — Era extremamente forte, aquela criatura. Pois não é que arrancou mesmo a corrente que estava chumbada à parede?!

Ele foi até a janela, depois até a porta, e voltou para perto de mim.

— Vou procurá-lo — disse. — Aqui está outro revólver. Posso deixá-lo com você. Talvez precise.

Pôs a arma ao meu alcance sobre a mesa e saiu, deixando atrás de si uma inquietação contagiosa. Não fiquei sentado por muito tempo depois que ele foi embora. Empunhei a arma e fui até a porta.

A manhã estava mortalmente parada. Não se ouvia nem sequer o sussurro do vento. O mar parecia uma lâmina de vidro polido, o céu estava limpo, a praia deserta. A imobilidade das coisas me oprimia.

Tentei assobiar, e a melodia se esvaiu. Voltei a praguejar com força, pela segunda vez naquela manhã. Depois fui até a esquina do cercado e olhei para o interior da ilha, na direção do mato onde tinham desaparecido Moreau e Montgomery. Quando voltariam? E em que situação?

Então avistei a grande distância, na praia, um pequeno Homem Animal de pelo cinza que desceu correndo a encosta até a praia, entrou na água e começou a espadanar. Caminhei de volta até o portão, depois retornei à

esquina do cercado, e fiquei assim, caminhando de lá para cá, como uma sentinela dando seu plantão. Num dado momento fui sobressaltado pela voz distante de Montgomery gritando: "Eei... Mo-re-auu..." A dor do meu braço estava diminuindo, mas ele estava mais quente do que o normal. Senti-me febril e com bastante sede. Minha sombra no chão estava cada vez menor. Olhei a criatura se banhando na praia até que ela foi embora. Então Moreau e Montgomery não voltariam, nunca mais? Três pássaros aquáticos estavam brigando em disputa de um tesouro qualquer.

Então ouvi um tiro distante, por trás do cercado. Um longo silêncio, depois outro tiro. E então um grito prolongado, um pouco mais próximo, seguido por outro silêncio longo, exasperante. Minha imaginação trabalhava sem parar, atormentada. E então outro tiro soou, bem próximo.

Fui até a esquina do cercado, assustado, e então avistei Montgomery, rosto vermelho, cabelo em desordem, com os joelhos das calças dilacerados. Seu rosto mostrava profunda consternação. Atrás dele arrastava-se M'ling, e no seu queixo vi umas manchas avermelhadas que me deram um mau presságio.

— Ele voltou? — perguntou Montgomery.

— Moreau? Não.

— Meu Deus! — O homem estava arquejante, quase sem conseguir respirar. — Entre, entre aí — disse, pegando-me pelo braço. — Eles estão enlouquecidos. Todos correndo feito loucos. O que pode ter havido? Não sei. Vou contar tudo quando puder respirar. Me dê conhaque.

Ele adiantou-se a mim, mancando, entrou no quarto e se jogou na cadeira. M'ling deixouse cair sentado do lado de fora, junto à porta, e ficou ofegando como um cão. Servi um pouco de conhaque com água para Montgomery. Ele bebeu olhando para a frente, com expressão vazia, até recobrar o fôlego. Depois de alguns minutos me contou o que acontecera.

Ele havia seguido o rastro de Moreau e da onça até certa altura. De início o rastro era visível, devido aos galhos quebrados e moitas esmagadas, pedaços arrancados às ataduras da onça, e aqui e ali manchas de sangue nas folhas dos arbustos. Mais

adiante, no entanto, ele o perdeu de vista, no trecho pedregoso além do córrego onde eu vira o Homem Animal bebendo. Ficou andando numa direção e noutra, chamando por Moreau. Então M'ling aparecera, empunhando uma machadinha. Ele não presenciara nada, tinha saído apenas para cortar um pouco de lenha, e ouvira os gritos de Montgomery. Os dois continuaram a procurar e a chamar. Dois Homens- Animais apareceram dentro do mato, agachados, observando-os, fazendo gestos furtivos, uma atitude estranha que deixou Montgomery alarmado. Quando os chamou, os dois fugiram às pressas. Depois disso ele parou de gritar, e depois de andar sem direção por algum tempo decidiu visitar a ravina.

Encontrou todas as cabanas desertas.

Cada vez mais alarmado, ele voltou sobre os próprios passos. Foi então que encontrou os dois Homens-Suínos que eu vira dançando na noite da minha chegada. Ambos tinham a boca ensanguentada, e estavam muito agitados. Surgiram rompendo por entre a ramagem, e ao avistar Montgomery se detiveram, numa atitude de desafio. Ele estalou o chicote, perturbado, e os dois se lançaram sobre ele. Nunca um Homem-Animal se atrevera a tanto. Montgomery derrubou o primeiro com um tiro na cabeça, M'ling atracou-se com o outro, e rolaram engalfinhados. M'ling conseguiu ficar por cima do adversário e cravou-lhe os dentes na garganta; Montgomery o abateu também com um tiro, enquanto ele ainda se debatia. E depois teve certa dificuldade para obrigar M'ling a segui-lo.

Após isso, apressaram-se a voltar para o cercado. No trajeto, M'ling a certa altura saltou para dentro de uma moita e afugentou de lá um Homem-Ocelote, ensanguentado e mancando de um pé ferido. O bruto tentou correr; depois, sentindo- se encurralado, atacou. Montgomery (um pouco caprichosamente, a meu ver) também o abateu com um tiro.

— O que quer dizer tudo isto? — perguntei.

Ele balançou a cabeça em silêncio, e serviu-se de mais conhaque.

XVIII

Moreau é encontrado Quando vi Montgomery virar de um só trago a sua terceira dose de conhaque, senti- me na obrigação de intervir. Ele já estava meio tonto. Disse-lhe que alguma coisa séria devia ter ocorrido a Moreau àquela altura, ou ele já teria voltado, e que cabia a nós descobrir que catástrofe teria sido essa. Montgomery levantou algumas objeções, sem muito vigor, e pusemo-nos os três a caminho.

Talvez isso se deva à tensão que minha mente experimentava àquela altura, mas,

ainda agora, o início daquela nossa caminhada, sob a imobilidade escaldante da tarde tropical, me causa uma vívida impressão. M'ling ia na frente, ombros curvados, sua estranha cabeça negra movendo-se com rapidez para um lado e para outro, examinando os arredores. Estava desarmado; tinha perdido a machadinha durante o enfrentamento com os Homens-Suínos. Os dentes seriam sua verdadeira arma, se fosse necessário lutar. Montgomery o seguia com passos incertos, mãos nos bolsos, a cabeça baixa; estava carrancudo e aborrecido comigo por causa do conhaque. Meu braço esquerdo repousava numa tipoia — por sorte era o esquerdo — e na mão direita eu levava o revólver.

Pegamos um caminho estreito através da folhagem luxuriante, indo na direção noroeste. Em dado momento, M'ling deteve-se e ficou imobilizado, com todos os sentidos alertas. Montgomery quase esbarrou nas suas costas, e também parou. Apurando o ouvido, pudemos escutar, aproximando-se por entre as árvores, o som de vozes e passos cada vez mais perto.

— Ele está morto — dizia uma voz de timbre profundo.

— Não está morto, não está morto — balbuciou outra voz.

— Nós vimos, nós vimos — disseram várias vozes.

— Oláá́á! — gritou Montgomery. — Olá, quem está aí?!...

— Malditos! — exclamei, erguendo a arma.

Houve um silêncio, e depois um barulho confuso de galhos partidos por entre a vegetação, primeiro aqui, depois ali, e logo uma meia dúzia de

caras apareceu, caras estranhas, iluminadas por uma estranha luz. M'ling produziu um som gutural no fundo da garganta. Reconheci o Homem-Macaco — na verdade, eu já identificara sua voz — e dois dos seres escuros, vestidos de branco, que eu vira no barco de Montgomery. Estavam acompanhados por duas criaturas malhadas, e pelo monstro horrível e grisalho que recitava a Lei, com pelos acinzentados escorrendo pelo rosto, tufos de sobrancelhas cinzentas, e cabelos cinzentos que se dividiam a partir do meio da testa, caindo para os lados; uma criatura pesadona, informe, com estranhos olhos vermelhos que nos examinavam por entre a folhagem verde.

Por alguns instantes ninguém disse nada. Depois Montgomery pigarreou, perguntando:

— Quem... quem disse que ele está morto?

O Homem-Macaco olhou para o Monstro Grisalho com ar de culpa. A criatura falou:

— Ele está morto. Eles viram.

Em todo caso, não havia nada de ameaçador na atitude meio distanciada deles. Pareciam estar perplexos, sem entender o que ocorria.

— Onde está ele? — disse Montgomery.

— Lá — apontou o Monstro Grisalho.

— Existe Lei agora? — perguntou o Homem-Macaco. — É para ser deste e daquele jeito?

Ele está mesmo morto?

— Existe Lei? — repetiu um dos seres de roupa branca.

— Existe Lei, Outro do chicote? — ecoou o Grisalho, dirigindo-se a Montgomery. — Ele está morto.

Todos nos fitavam, esperando uma resposta. Montgomery virou-se para mim, com olhos opacos.

— Prendick, é evidente que ele está morto.

Eu tinha ficado um pouco atrás dele durante o diálogo, e começava a perceber como funcionavam as coisas ali. Avancei de repente e ergui a voz:

— Filhos da Lei, ele não está morto.

M'ling virou-se, com olhos brilhantes fixos sobre mim. Continuei:

— Ele mudou de forma. Ele mudou de corpo. Por algum tempo vocês não vão poder vêlo. Ele está... lá. — Apontei para o alto. — Está lá em cima, de onde pode ver vocês. Vocês não podem vê-lo, mas ele vê todos. Obedeçam à Lei.

Encarei-os, e eles abaixaram os olhos.

— Ele é grande, ele é bom — disse o Homem-Macaco, espreitando por entre as ramagens, amedrontado, na direção do céu.

— Onde está a outra Coisa? — perguntei.

— A Coisa que sangra e corre gritando e que soluça, ela também está morta — disse o Monstro Grisalho, encarando-me.

— Ainda bem — grunhiu Montgomery.

— O Outro, com o chicote... — começou a dizer o Grisalho.

— Sim? O quê?

— Disse que ele estava morto.

Mas Montgomery ainda estava sóbrio o bastante para entender a minha manobra de negar a morte de Moreau. Falou com voz pausada:

— Ele não está morto. De jeito nenhum. Não está mais morto do que eu estou.

— Alguns desobedeceram à Lei — falei. — Eles morrerão. Alguns já morreram. Mostre-nos o lugar onde o corpo antigo dele está. É um corpo que ele jogou fora porque não precisava mais dele.

— Está ali, Homem que Andava no Mar — disse o Grisalho.

E com aquelas seis criaturas nos servindo de guias, cruzamos aquele emaranhado de samambaias, trepadeiras e cipós indo na direção noroeste. Então ouvimos gritos, um estardalhaço no meio da mata, e então um homúnculo cor-de-rosa surgiu guinchando à nossa frente. Logo atrás dele vinha um monstro de aparência feroz, em plena perseguição, o focinho ensanguentado, e estava praticamente sobre nós antes que pudéssemos interceptá-lo. O Monstro Grisalho saltou para o lado; M'ling, com

um rosnado, pulou sobre ele, mas foi jogado para um lado; Montgomery atirou mas errou o disparo, abaixou a cabeça, jogou a arma para longe e fugiu. Eu atirei, mas a coisa continuou vindo para nós; atirei novamente, à queimaroupa, bem no meio de sua cara horrível. Vi suas feições se desfazerem, afundando-se. Ainda assim, ele passou por mim, agarrou Montgomery, e, abraçado a ele, tombou no chão, puxando-o sobre si, mas já nos estertores da agonia.

Olhei em volta e vi-me sozinho com M'ling, a fera abatida e Montgomery, que se levantou devagar e contemplou, com um olhar ainda meio bêbado, o Homem Animal caído ao seu lado. Isso ajudou a torná-lo um pouco mais sóbrio. Ele ficou de pé com dificuldade. Então percebi que o Monstro Grisalho retornava, e nos espiava cautelosamente por entre os troncos das árvores.

— Veja — falei, apontando para a fera morta no chão. — Então a Lei não está viva? Isto aconteceu porque ele desobedeceu à Lei.

O Monstro espreitou o cadáver.

— Ele manda o Fogo que mata — disse com sua voz profunda, repetindo parte do ritual.

Os outros se aproximaram e se agruparam em torno do corpo, contemplando-o.

Partimos na direção da extremidade oeste da ilha. Encontramos adiante o corpo mordido e mutilado da onça, com a clavícula estilhaçada por um tiro, e cerca de vinte metros depois achamos o que buscávamos. Ele estava caído de bruços num trecho devastado do matagal de caniços. Uma

de suas mãos estava quase decepada à altura do pulso, e seu cabelo prateado estava encharcado de sangue. Sua cabeça tinha sido partida por pancadas dadas com a corrente presa à onça. Os caniços em volta estavam cobertos de sangue. Não encontramos seu revólver. Montgomery virou o corpo com o rosto para cima.

Depois de descansar algum tempo, e com a ajuda de sete dos Homens-Animais — porque ele era um homem pesado —, levamos o corpo de volta para o cercado. A noite começava a cair. Por duas vezes ouvimos criaturas invisíveis uivando e guinchando à passagem do nosso grupo, e em certo momento a pequena preguiça cor-de-rosa apareceu e nos fitou, para logo sumir novamente. Mas não fomos atacados outra vez. Chegando ao portão do cercado, nossos ajudantes foram embora, e M'ling partiu com eles. Trancamo-nos lá dentro, levamos o corpo mutilado de Moreau para o pátio e o depositamos sobre uma pilha de ramos e gravetos.

Em seguida fomos para o laboratório e executamos todas as criaturas vivas que havia lá dentro.

XIX

O feriado de Montgomery Quando terminamos nossa tarefa, tomamos banho e fizemos uma refeição. Sentamos os dois no meu quarto e então eu e Montgomery discutimos nossa situação, a sério, pela primeira vez. Já era perto da meia-noite. Ele estava quase sóbrio, mas com as ideias muito perturbadas. Tinha sofrido uma influência muito estranha da forte personalidade de Moreau. Não acho que jamais lhe tivesse passado pela cabeça a ideia de que Moreau pudesse morrer um dia. Aquele desastre era o desmoronamento súbito de hábitos que tinham se tornado parte de sua natureza durante os dez anos monótonos que ele passara naquela ilha. Falava vagamente, respondia minhas questões de maneira tortuosa e se perdia em reflexões abstratas.

— Que mundo absurdo — disse ele. — Que coisa mais sem sentido! Não pude até hoje viver a minha vida. Fico pensando quando ela vai finalmente começar. Dezesseis anos sofrendo maus-tratos de enfermeiras e professores de colégio que faziam o que bem entendiam, depois mais

cinco anos de sacrifícios para estudar medicina... Comida ruim, alojamentos vagabundos, roupas vagabundas, vícios vagabundos... Um fracasso... Nunca pude achar algo melhor... E depois sou arrastado para esta ilha bestial. Dez anos aqui! E para quê, Prendick? Somos o quê, bolhas de sabão sopradas por uma criança?

Não era fácil suportar essas lamentações.

— O que temos de fazer agora — falei — é descobrir uma maneira de sair desta ilha.

— E vou ganhar o quê, indo embora? Sou um pária. Onde vou poder me instalar? Para você está tudo muito bem, Prendick. Pobre velho Moreau! Não posso deixá-lo aqui para que esses brutos roam seus ossos. Do jeito que está... Além disso, o que vai ser dos HomensAnimais que são pacatos?

— Bem — respondi —, podemos pensar nisto amanhã. Pensei em juntarmos mais galhos e gravetos e queimar o corpo dele numa pira. E mais algumas coisas. E depois, o que será do Povo Animal?

— Eu é que não sei. Suponho que os que foram criados a partir de predadores irão fazer bobagem mais cedo ou mais tarde. Não podemos massacrar todos eles, não é verdade? Estou imaginando que é isso que o seu senso de humanidade vai sugerir. Mas eles vão mudar. Vão ter de mudar.

Ele continuou falando de forma desconexa até que perdi minha paciência.

— Ora, dane-se! — gritou Montgomery, ao ouvir mais uma de minhas

provocações. — Não percebe que estou num buraco fundo, bem mais do que você?! — Levantou-se e serviuse de mais um copo do conhaque. — Vá beber. Seu pseudológico, ateísta metido a santo, vá beber!

— Eu não — respondi, e fiquei olhando-o, sob o clarão amarelado da lâmpada de parafina, enquanto ele se enchia de bebida e se lamentava cada vez mais. A lembrança que tenho daqueles momentos é de um tédio infinito. Ele desandou a fazer uma defesa piegas de M'ling e do Povo Animal. M'ling, disse ele, era a única criatura que de fato se importava

com ele. E de repente teve uma ideia.

— Que diabos! — exclamou, e ficou de pé, cambaleando, agarrando a garrafa de conhaque. Por um relâmpago de intuição adivinhei exatamente o que ele pretendia.

— Você não vai dar bebida àquele bruto, Montgomery — falei, ficando de pé e enfrentando-o.

— Bruto! — disse ele. — Você que é um bruto. Ele bebe bem, como um cristão. Saia da minha frente, Prendick.

— Pelo amor de Deus — falei.

— Saia... da minha... frente! — rugiu ele, e então puxou o revólver.

— Muito bem — falei, e dei um passo para o lado, meio que planejando jogar-me sobre ele quando estendesse a mão para o trinco, mas contive-me ao pensar no meu braço esquerdo inutilizado. — Vire você mesmo um animal, se é isso que quer. Vá se juntar aos outros.

Ele escancarou a porta e ficou de pé no umbral, meio que me encarando, sob a luz amarelada da lâmpada e o brilho pálido da lua. Suas órbitas apareciam como manchas negras por baixo das sobrancelhas cerradas.

— Você é um hipócrita metido a sério, Prendick, um perfeito idiota. Está sempre com medo, sempre imaginando coisas. Nós estamos chegando a um limite. É bem possível que eu corte minha própria garganta pela manhã. Estou pensando em decretar um grande feriado nacional esta noite.

Ele virou-se e saiu para a noite banhada pela lua.

— M'ling! — gritou. — M'ling, amigo velho!

Três vultos indistintos aproximaram-se pela orla da praia, sob a luz prateada do luar, um deles uma criatura vestida de branco, e os outros dois meras silhuetas escuras que o seguiam. Pararam e ficaram observando. Então vi os ombros recurvos de M'ling quando ele rodeou a esquina do cercado.

— Beba! — disse Montgomery. — Bebam, seus brutos! Bebam, para virarem homens! Que diabos, sou mais esperto do que ele. Moreau se esqueceu disto. É o último toque. Bebam, estou mandando!

Agitando a garrafa, ele partiu num trote acelerado rumo oeste, e M'ling o seguiu, interpondo-se entre ele e os três vultos, que os acompanharam.

Fui até a soleira da porta. Eles já estavam quase invisíveis por entre a névoa e o

luar quando percebi que Montgomery tinha parado. Vi-o dar uma dose de conhaque para M'ling, e depois vi os cinco vultos se misturarem num só borrão indistinto. Ouvi a voz de Montgomery:

— Cantem! Cantem juntos: Vá pro inferno, Prendick... Isso, muito bom! De novo: Vá pro inferno, Prendick...

O grupo voltou a se dividir em cinco vultos e saíram todos caminhando pela praia banhada pelo luar. Cada um gritava ou uivava à vontade, insultando-me, ou simplesmente botando para fora qualquer coisa que a inspiração e a bebida lhe sugerissem.

Depois ouvi Montgomery gritando "Direita, volver!", e eles viraram na direção das árvores, sempre aos gritos. Devagar, muito devagar, tudo voltou a ficar silencioso.

O pacífico esplendor da noite foi restaurado. A lua já ultrapassara o meridiano e descia rumo a oeste. Estava totalmente cheia, e muito brilhante, num céu completamente limpo. Aos meus pés se estendia a sombra da muralha, com largura de um metro, e negra como tinta. Ao leste, o mar era uma massa cinzenta e sem formas, escura e misteriosa, e entre o mar e a sombra as areias rasas da praia (uma areia cinza, feita de pó vulcânico e cristais) brilhavam como se o chão estivesse coberto de diamantes. Às minhas costas, crepitava a quente lâmpada de parafina.

Fechei a porta, tranquei-a por dentro, e passei para o interior do cercado onde Moreau estava estendido junto a suas vítimas mais recentes — os cães, a lhama e outros bichos infelizes. Seu rosto enorme, calmo mesmo após uma morte tão terrível, e ainda de olhos abertos, parecia estar olhando aquela lua de um branco mortal. Sentei-me na borda de um

tanque e, com os olhos postos naquela imagem contrastante de sombras e de luz prateada, comecei a traçar meus planos.

Ao amanhecer eu começaria a transferir todas as provisões possíveis para o bote, e, depois de atear fogo à pira que eu contemplava agora, me faria ao mar mais uma vez. Senti que para Montgomery não havia possibilidade de ajuda; àquela altura ele tinha se tornado como que um meio-irmão daquelas criaturas, e não se adaptaria à vida civilizada. Não sei durante quanto tempo fiquei ali, tomando decisões. Talvez uma hora ou mais. Então meus pensamentos foram interrompidos pela volta de Montgomery. Ouvi uma gritaria de muitas vozes, um tumulto de gritos exultantes, passando ao largo na direção da praia, berrando e soltando uivos e guinchos excitados, num alarido que pareceu se deter junto à orla do mar. A gritaria amainava e depois voltava a recrudescer; ouvi pancadas fortes e o ruído de madeira sendo partida, mas isso não me perturbou. Depois ouvi erguer-se um cântico de vozes desentoadas.

Voltei a pensar no meu plano de fuga. Ergui-me, peguei a lâmpada e fui até um depósito para examinar alguns pequenos barris que eu sabia estarem guardados ali.

Depois, vi algumas latas de biscoitos, e abri uma delas. Nisso, vi algo com o rabo do olho, algo como um clarão avermelhado, e me virei rapidamente.

Às minhas costas alargava-se o pátio, em vívido contraste de luz e sombra sob o luar; a pilha de lenha onde jaziam os corpos de Moreau e de suas vítimas, empilhados uns sobre os outros. Pareciam estar engalfinhados numa derradeira luta vingativa. Os ferimentos dele eram manchas escuras, e o resto de sangue que tinha escorrido formava poças negras na terra. Então vi, sem compreender bem do que se tratava, a causa do que tinha me sobressaltado, um clarão avermelhado que bruxuleava sobre o muro na extremidade oposta do pátio. Julguei que fosse o reflexo da lâmpada que eu conduzia, e voltei a examinar os mantimentos estocados no depósito. Remexi neles da melhor maneira possível a um homem que só dispunha de um braço, separando os itens que me pareciam mais convenientes, deixando tudo pronto a um canto para ser levado no dia seguinte. Meus movimentos eram vagarosos, e o

tempo passou depressa. Logo a luz do amanhecer começou a se infiltrar ao meu redor.

O canto lá fora tinha diminuído, dando lugar a um clamor; depois retornou, e por fim tudo virou um tumulto generalizado. Ouvi gritos de "Mais! Mais!", um som de discussão acalorada, e depois um grito agudo. O tom das vozes sofreu uma mudança tão grande que aquilo acabou despertando minha atenção. Saí para o pátio e fiquei à escuta. Então, cortando o ruído da confusão como uma faca afiada, veio um tiro de revólver.

Corri para o meu quarto e o atravessei rumo à porta externa; enquanto o fiz, ouvi algumas caixas de mantimentos desmoronarem umas sobre as outras no depósito, com um ruído de vidro estilhaçado, mas não dei atenção a isso. Escancarei a porta e olhei para fora.

Na praia, perto do abrigo que guardava os barcos, uma fogueira ardia, jogando faíscas para o alto, à luz imprecisa do amanhecer. Em volta dela via-se uma briga generalizada entre vultos negros. Ouvi a voz de Montgomery chamar meu nome. Comecei a correr na direção do fogo, de revólver em punho. Vi o clarão vermelho da pistola de Montgomery disparando, rente ao chão. Ele estava caído. Gritei com toda a força e dei um tiro para o alto.

Uma voz gritou: "O Mestre!" Aquele bolo indistinto se partiu em vários vultos; as chamas erguiam-se e baixavam. A multidão de Homens-Animais fugiu em pânico à minha chegada, espalhando-se pela praia. Na minha excitação, disparei na direção deles enquanto se metiam mato adentro. Depois voltei para examinar os vultos escuros tombados no chão.

Montgomery jazia de rosto para cima, com o Monstro Grisalho tombado sobre seu corpo. O bruto estava morto, mas suas garras recurvas ainda estavam cravadas na garganta da vítima. A certa distância M'ling estava caído de bruços, imóvel, o

pescoço dilacerado, ainda segurando na mão o gargalo da garrafa partida. Dois outros corpos estavam caídos junto à fogueira, um deles imóvel, o outro gemendo intermitentemente, de vez em quando erguendo um pouco

a cabeça, depois deixando- a cair de novo.

Agarrei o Monstro Grisalho e consegui arrastá-lo de cima do corpo de Montgomery; as garras prenderam-se ao casaco dele, rasgando-o, quando o puxei para longe.

Montgomery estava com o rosto arroxeado e mal respirava. Joguei água do mar nele, depois tirei meu casaco, dobrei-o e coloquei-o como travesseiro. M'ling estava morto. A criatura caída junto ao fogo — era um Homem-Lobo com a cara coberta de pelos — estava, descobri depois, tombada sobre brasas ainda ardentes. O pobre diabo estava tão maltratado que por piedade estourei seus miolos ali mesmo. O outro era um Homem-Touro vestido de branco, e já estava morto.

O resto do Povo Animal tinha fugido praia afora. Voltei para junto de Montgomery e ajoelhei-me ao seu lado, maldizendo minha completa ignorância sobre cuidados médicos.

A fogueira próxima já estava se apagando, e apenas alguns troncos em brasa ainda ardiam na sua parte central, misturados a uma porção de ramos já quase reduzidos a cinzas. Imaginei, distraído, onde Montgomery teria obtido aquela lenha. Então percebi que o sol estava prestes a nascer. O céu estava claro, e a lua poente cada vez mais pálida e opaca de encontro ao azul luminoso do dia. No leste, o horizonte já estava tingido de vermelho.

Nesse instante ouvi um barulho surdo de desmoronamento e um chiado às minhas costas, e, olhando para trás, dei um salto e fiquei de pé com um grito de horror. De encontro à claridade do céu, massas tumultuosas de fumaça negra se erguiam de dentro do cercado, e através das volutas negras viam-se as línguas vermelhas das chamas. Nesse momento vi o teto inflamar-se com as chamas ascendentes que deslizavam ao longo da parte inferior das palhas. Outro jorro de chamas já brotava da janela do meu quarto.

Percebi de imediato o que acontecera. Lembrei o barulho que tinha ouvido. Quando saí correndo do depósito para socorrer Montgomery, eu tinha derrubado a lâmpada.

Tive logo a certeza de que não havia a menor esperança de salvar fosse o que fosse do material que estava guardado ali dentro. Voltei a considerar os planos de fuga que tinha elaborado, e me virei para examinar o local onde os barcos estavam presos na praia. Não estavam lá! Dois machados estavam jogados na areia, perto de mim, e havia lascas e estilhaços de madeira espalhados por toda parte. Olhei para as cinzas da fogueira que começavam a enegrecer, ainda fumegantes, à luz da aurora. Ele tinha queimado os barcos por vingança, para me impedir de voltar ao mundo

civilizado.

Uma súbita convulsão de fúria me percorreu. Quase espanquei aquela cabeça estúpida daquele corpo deitado ali aos meus pés. Então ele ergueu a mão, num movimento tão débil, tão digno de pena, que minha raiva se dissipou. Ele gemeu e abriu os olhos por um instante.

Ajoelhei-me ao seu lado e ergui sua cabeça. Ele abriu os olhos novamente, ficou olhando o céu já claro e depois olhou para mim. As pálpebras se baixaram.

— Sinto muito — disse, com esforço. Parecia tentar coordenar as ideias. Murmurou: — É o fim... o fim desse universo idiota. Que confusão...

Fiquei escutando. Sua cabeça virou-se, sem forças, e ficou de lado. Achei que um pouco de água poderia reanimá-lo, mas não havia nada que se pudesse beber, nem vasilha para trazê-lo. A cabeça dele pareceu ficar mais pesada, e senti um frio no coração.

Curvei-me para olhar seu rosto de perto, e enfiei a mão por dentro de sua camisa. Estava morto; e naquele instante exato em que morreu uma linha de fogo, branca e ardente, a primeira borda do sol, rompeu no horizonte além da baía, espalhando sua radiância pelo céu e transformando o oceano escuro num tumulto de reflexos luminosos. A luz pousou com esplendor sobre aquele rosto emaciado pela morte.

Pousei sua cabeça com cuidado sobre o travesseiro que improvisara, e fiquei de pé. À minha frente estava o mar, desolado e rebrilhante, aquele deserto terrível onde eu já sofrera tanto; às minhas costas a ilha, agora silenciosa ao raiar do dia, com seu Povo Animal invisível e mudo. O

cercado de pedra, com suas provisões e munições, continuava a arder ruidosamente, e de vez em quando súbitas rajadas de chamas se elevavam, seguidas por um estralejar mais intenso e depois um ruído de algo desabando. A fumaça densa era levada pelo vento na direção oposta à que eu me encontrava, e se desenrolava por sobre as copas das árvores, indo se perder ao longe, onde ficavam as cabanas e a ravina. À minha volta, apenas os restos incinerados dos barcos, e cinco corpos imóveis.

E então de dentro dos arbustos surgiu o Povo Animal, com suas costas encurvadas, seus crânios protuberantes, suas mãos grotescas desajeitadamente estendidas, e seus olhos inquisitivos e hostis, avançando na minha direção, com gestos hesitantes.

XX

Sozinho com o Povo Animal

Encarei as criaturas e encarei o meu destino junto a elas, entregue a mim mesmo, armado apenas com minhas mãos — posso dizer mesmo "com a minha mão", porque tinha um braço quebrado. No bolso eu ainda trazia um revólver com dois cartuchos disparados. Entre os pedaços de madeira espalhados na praia estavam os dois machados que tinham sido usados para destroçar os barcos. A maré estava subindo, aproximando-se cada vez mais às minhas costas.

Eu não precisava de nada mais senão de coragem. Olhei com firmeza para o rosto daqueles monstros que avançavam para mim. Eles evitavam meus olhos, e suas narinas frementes investigavam aqueles corpos caídos na areia. Dei meia dúzia de passos, apanhei o chicote ensanguentado que estava jogado perto do corpo do Homem-Lobo, e o estalei com força.

Eles pararam imediatamente e me olharam.

— Cumprimentem! — falei. — Abaixem-se!

Eles hesitaram até que um se ajoelhou. Repeti minha ordem, com o coração quase na boca, e dei alguns passos na direção deles. Mais um dobrou os joelhos, e em seguida mais dois.

Virei-me e fui na direção dos cadáveres, mantendo os olhos virados na direção dos três brutos ajoelhados, mais ou menos como faz um ator para não perder de vista a plateia.

— Eles desobedeceram à Lei — falei, pousando meu pé sobre o corpo do Mestre da Lei. — E por isso morreram. Até mesmo o Mestre da Lei. Até mesmo o Outro com o chicote. Grande é a Lei! Venham e vejam.

— Ninguém escapa — disse um deles, aproximando-se para espiar de perto.

— Ninguém escapa — repeti. — Agora escutem, e façam o que eu mandar.

Eles se ergueram, entreolhando-se cheios de dúvidas.

— Parados, ali — falei.

Apanhei os machados e os pendurei pelas lâminas na tipoia do meu braço esquerdo. Virei o corpo de Montgomery, recolhi seu revólver, que ainda tinha dois cartuchos intactos, e, inclinando-me para procurar melhor, acabei localizando meia dúzia de outros cartuchos que ele trazia no bolso.

— Levem-no — ordenei, ficando de pé e apontando com o chicote. — Levem e joguem no mar.

Eles se aproximaram, evidentemente ainda com medo de Montgomery porém mais receosos ainda do chicote rubro que eu continuava a estalar. Depois de algumas tentativas desajeitadas e de muita hesitação, com mais alguns gritos e estalos de chicote, eles ergueram o corpo e o levaram até a água, onde entraram espadanando.

— Mais, mais longe — gritei, estalando o chicote.

Eles avançaram até estar com água pelas axilas, e olharam para mim.

— Podem soltá-lo — falei. O corpo de Montgomery afundou, jogando salpicos de água em volta. — Muito bem! — gritei, com a voz quase me falhando, enquanto alguma coisa me dava um aperto profundo dentro do peito.

Eles voltaram às pressas, amedrontados, deixando na água prateada longas trilhas sombrias. Na beira da água se detiveram, olhando para trás, como se receassem ver Montgomery erguer-se do oceano para se vingar.

— Agora estes — falei, apontando os outros corpos.

Eles tiveram o cuidado de não se aproximar do ponto onde tinham jogado o corpo de Montgomery, e preferiram levar os corpos dos quatro Homens-Animais num trajeto diagonal ao longo da praia, por cerca de cem metros, até abandoná-los às ondas.

Quando eu os observava conduzir para a água o corpo de M'ling, ouvi passos às minhas costas, e virando-me depressa vi a Hiena-Suína a uns dez metros. Sua cabeça estava abaixada, e os olhos brilhantes fixos sobre mim; seus braços atarracados estavam com punhos cerrados, e bem juntos ao corpo. Quando me virei ela se imobilizou na sua posição agachada, e desviou os olhos para um lado.

Por um momento nos encaramos. Soltei o chicote e tirei o revólver do bolso. Tinha a intenção de matar aquela criatura, a mais formidável de quantas haviam ficado vivas em toda a ilha, assim que ela me desse o menor pretexto. Pode parecer uma atitude traiçoeira, mas era minha resolução. Eu tinha mais medo dela do que de quaisquer dois dos outros, juntos. Enquanto estivesse viva, seria uma ameaça à minha sobrevivência.

Fiquei uns doze segundos mobilizando minhas forças. Então gritei:

— Cumprimente! Abaixe-se!

Seus dentes reluziram quando ela rosnou:

— Quem é você, que eu deva...

Talvez de um modo um pouco desajeitado eu ergui o revólver, apontei e disparei. Vi-a gritar, correr de lado, virar-se, percebi que tinha errado e puxei o cão com o polegar para desfechar outro tiro. Mas ela já estava fugindo, fazendo mudanças bruscas de direção, e eu não quis correr o risco de perder outra bala. De vez em quando ela olhava por sobre o ombro. Correu num trajeto oblíquo ao longo da praia, até sumir por entre

as densas massas de fumaça que ainda brotavam do cercado. Por algum tempo fiquei ali, à procura de outros sinais de sua presença. Depois me virei para os meus três brutos obedientes, e fiz-lhes sinal para que jogassem ali mesmo o cadáver que estavam segurando. Então voltei para junto da fogueira, onde os corpos tinham caído, e varri a areia com o pé até que todas as manchas de sangue ficaram cobertas.

Dispensei meus três ajudantes com um gesto, e subi a praia até chegar perto dos arbustos. Tinha a arma na mão, e o chicote, junto com os machados, pendurado na tipoia. Estava ansioso para ficar sozinho, para poder reavaliar em paz a minha situação.

A coisa mais terrível, que somente agora eu estava começando a perceber, é que não existia mais em toda a ilha um lugar seguro onde eu pudesse ficar sozinho, onde pudesse descansar e dormir. Eu tinha recuperado muito do meu vigor físico desde que chegara à ilha, mas ainda tinha uma tendência ao nervosismo e a me deixar alquebrar sob qualquer tensão maior que o normal. Achei que devia atravessar a ilha e me instalar no meio do Povo Animal, conquistando sua confiança e assim me colocando em posição segura. O ânimo começou a me faltar. Voltei até a praia e, virando na direção do leste após as ruínas fumegantes do cercado, caminhei até um ponto em que um banco raso de coral conduzia até um recife saliente. Ali pude me sentar e pensar, com as costas para o oceano e de frente para qualquer surpresa. Fiquei sentado, encolhendo as pernas até meus joelhos tocarem o queixo, o sol ardendo sobre minha cabeça e um medo crescente no espírito, enquanto imaginava como conseguiria sobreviver até o dia em que alguém pudesse me resgatar dali (se isso acontecesse algum dia). Tentei avaliar toda a minha situação da maneira mais calma possível, mas era impossível me livrar de toda a carga de emoções que sentia.

Comecei a repassar na memória as razões para o desespero de Montgomery. "Eles vão mudar", dissera ele, "com certeza que vão mudar..."

E Moreau? O que dissera Moreau? "O instinto animal é obstinado e a cada dia está crescendo novamente..." Então voltei a pensar na Hiena-Suína. Tive a certeza de que, se não matasse aquele monstro, seria

morto por ele... O Mestre da Lei tinha morrido... Que falta de sorte! E agora eles sabiam que nós, os do chicote, podíamos ser mortos também, tanto quanto qualquer um deles...

Será que naquele momento já estavam me espionando através das samambaias e das palmeiras que eu via a distância — vigiando-me à espera do momento em que eu estivesse ao seu alcance? Estariam tramando contra mim? O que será que a Hiena-Suína estaria lhes dizendo naquele mesmo momento? Minha imaginação fugia ao meu controle, perdendo-se num pântano de medos pouco substanciais.

Meus pensamentos foram interrompidos pelos gritos de aves marinhas, que desciam alvoroçadas sobre um objeto escuro trazido pelas ondas de volta à praia, nas proximidades do cercado. Eu sabia que objeto era aquele, mas faltaram-me forças para ir até lá e espantar as aves. Comecei a andar paralelo à praia na direção oposta, pensando em me aproximar aos poucos do lado leste da ilha, na direção da ravina onde ficavam as choças, sem ter de atravessar os matagais onde seria fácil sofrer uma emboscada.

Cerca de meia milha adiante percebi um dos meus três Homens-Animais que

emergia das moitas e vinha na minha direção. Eu estava tão nervoso devido aos meus temores que imediatamente saquei o revólver. Mesmo os gestos apaziguadores da criatura não bastaram para me tranquilizar.

Ela estava hesitante ao se aproximar. Gritei para que fosse embora. Havia algo na atitude servil da criatura que lembrava um cachorro. Ela recuou um pouco, como um cão que é enxotado, parou, e ficou me olhando com olhos castanhos de expressão canina.

— Vá embora — insisti. — Não chegue perto.

— Não posso ficar perto? — perguntou ele.

— Não. Vá embora — insisti, e dei um estalo com o chicote. Segurando o chicote nos dentes, abaixei-me para apanhar uma pedra, e com isso o bruto se afastou.

Assim, sozinho, consegui me aproximar da ravina onde vivia o Povo Animal, e, escondido por entre as ramagens e os caniços que a separavam do oceano, fiquei observando-os a distância, tentando avaliar pelos seus gestos e atitudes como as mortes de Moreau e de Montgomery e a destruição da Casa da Dor os tinham afetado. Entendo agora quanto foi tola a minha covardia. Se eu tivesse mantido a coragem que demonstrara ao amanhecer, se não tivesse permitido que ela se esvaísse durante aquelas horas de meditação solitária, talvez tivesse podido empunhar o cetro abandonado por Moreau, e governar o Povo Animal. Do modo como as coisas ocorreram, perdi essa oportunidade, e tive de me contentar com a posição de mero líder no meio dos meus iguais.

Por volta do meio-dia alguns deles saíram e ficaram de cócoras na areia, aquecendo-se ao sol. A força imperiosa da fome e da sede acabou prevalecendo sobre os meus receios. Saí do abrigo das moitas e, de arma em punho, desci na direção de onde as criaturas estavam sentadas. Uma delas, uma Mulher-Lobo, virou- se e me avistou, e então os outros também me viram. Nenhum fez menção de se erguer ou de me cumprimentar. Eu me sentia fraco demais, exausto demais, para ficar fazendo tais exigências a todos eles, e deixei o momento passar.

— Quero comida — falei, num tom quase de quem pede desculpas, e fui me aproximando.

— Há comida nas cabanas — disse um Homem-Boi, sonolento, sem olhar para mim.

Passei por eles e desci rumo à sombra e aos odores da ravina, que estava quase deserta. Numa cabana vazia devorei com voracidade algumas frutas quase estragadas, cobertas de manchas, e, depois de empilhar galhos e varas bloqueando a abertura da cabana, e me deitar de frente para ela, segurando o revólver, a exaustão das últimas trinta horas finalmente prevaleceu, e deixei-me cochilar de leve, confiando que aquela precária barricada que eu improvisara fizesse barulho suficiente, ao ser removida, para evitar que eu fosse apanhado de surpresa.

XXI

A regressão do Povo Animal E foi assim que eu me tornei um membro do Povo Animal na ilha do dr. Moreau. Quando acordei, tudo estava escuro à minha volta. Meu braço doía dentro das talas. Sentei-me, a princípio sem entender onde estava. Ouvi vozes roucas conversando do lado de fora. Percebi então que minha barricada desaparecera, e a abertura da cabana estava desimpedida. Meu revólver continuava na minha mão.

Ouvi alguma coisa respirando e percebi a presença de algo agachado ao meu lado. Prendi a respiração, e tentei discernir o que era. Aquilo começou a se mexer de forma lenta, interminável. Então algo quente, suave e úmido passou sobre as costas da minha mão.

Todos os meus músculos se contraíram. Puxei a mão depressa. Um grito de alarme começou a se formar na minha garganta mas logo foi sufocado. Então percebi o que tinha acontecido, o bastante para erguer o revólver.

— Quem está aí? — perguntei, num sussurro rouco, apontando a arma.

— Eu, Mestre.

— Quem é você?

— Eles dizem que não existe mais um Mestre. Mas eu sei, eu sei. Eu levei os corpos para o mar, ó Aquele que Caminha No Mar, os corpos que o Mestre matou. Eu sou seu escravo, Mestre.

— Você é o que vinha me seguindo na praia?

— O mesmo, Mestre.

O bruto sem dúvida me era bastante fiel, pois nada o teria impedido de saltar sobre mim enquanto eu estava adormecido.

— Está bem — disse eu, e estendi a mão para que ele a lambesse de novo. Comecei a perceber o que significava a presença dele ali, e minha coragem foi voltando aos poucos. — Onde estão os outros?

— Estão loucos. São tolos — disse o Homem-Cão. — Estão agora lá fora, falando. Eles dizem: O Mestre está morto, o Outro com o Chicote também está morto. O Outro que Caminha no Mar é igual a nós. Não temos mais Mestre, nem Chicote, nem Casa da Dor. Acabou tudo. Nós

amamos a Lei, e vamos manter a Lei,

mas não existem mais dor, nem Mestre, nem chicote, nunca mais. É isso que eles dizem. Mas eu sei, Mestre, eu sei.

Estendi a mão no escuro e dei-lhe uns tapinhas de leve na cabeça.

— Está tudo bem — falei.

— Depois o Mestre vai matar todos — disse ele.

— Depois vou matar todos — falei —, mas só depois que passarem alguns dias e acontecerem algumas coisas. Cada um deles, menos aqueles que você indicar, mas cada um deles irá morrer.

— Quem o Mestre quer matar o Mestre mata — disse o Homem-Cão com certa satisfação na voz.

— E deixe que eles aumentem os seus pecados — disse eu —, deixe que eles vivam no erro até que chegue a sua hora. Não deixe que eles saibam que eu sou o Mestre.

— A vontade do Mestre é boa — disse o Homem-Cão com a diplomacia inata do seu sangue canino.

— Mas existe um que pecou — falei. — E esse eu vou matar, quando o encontrar. Quando eu lhe disser É este aqui, caia sobre ele. E agora eu vou me dirigir aos homens e mulheres que estão reunidos lá fora.

Por um instante a abertura foi escurecida pela passagem do Homem-Cão. Então eu me levantei e o segui, ficando quase no ponto exato em que tinha estado quando ouvira Moreau e seus mastins chegando à minha procura. Mas agora era noite alta, e toda a ravina, com seus miasmas, estava envolta em treva; lá adiante, em vez da encosta banhada de sol, eu avistava apenas uma fogueira rubra em volta da qual figuras encurvadas se moviam para um lado e para outro. Mais ao longe eu avistava o arvoredo espesso, uma faixa horizontal negra encimada pela renda negra das copas das árvores. A lua estava começando a surgir sobre a borda da ravina, e, como uma barra negra toldando sua face, elevava-se uma coluna do vapor que brotava sem parar das entranhas da ilha.

— Venha comigo — falei, reunindo toda a minha coragem, e lado a lado avançamos ao longo daquela passagem estreita, sem dar muita atenção aos vultos agachados que nos espiavam de dentro das choças.

Nenhum dos que estavam ao redor do fogo se deu o trabalho de me saudar. A maioria deles ignorou ostensivamente a minha presença. Olhei em volta à procura da Hiena-Suína, mas ela não estava lá. Havia naquele grupo, ao todo, cerca de vinte Homens-Animais, agachados, olhando para o fogo ou conversando.

— Ele está morto, o Mestre está morto — disse a voz do Homem-Macaco, à minha direita. — A Casa da Dor... não existe mais Casa da Dor.

— Ele não está morto — falei, elevando a voz. — Agora mesmo ele está nos olhando.

Isto os sobressaltou. Vinte pares de olhos se voltaram para mim.

— A Casa da Dor acabou-se — falei. — Mas ela vai voltar. Vocês não podem ver o Mestre. Mas neste mesmo instante ele está nos escutando lá do alto.

— É verdade, é verdade! — disse o Homem-Cão.

Eles vacilaram diante da minha convicção. Um animal pode ser feroz e pode ser sagaz, mas para dizer uma mentira é necessário ser um homem de verdade.

— O Homem do Braço Ferido disse uma coisa estranha — disse um deles.

— O que falei é verdade — disse eu. — O Mestre e a Casa da Dor voltarão. Ai daquele que desobedecer à Lei!

Eles se entreolharam, curiosos. Afetando indiferença, comecei a golpear o chão diante de mim com a machadinha. Percebi que eles fitavam as fendas profundas que a lâmina fazia no chão.

Então o Sátiro levantou uma dúvida, eu respondi, uma das criaturas malhadas fez uma objeção, e logo uma animada discussão começou a se

desenrolar em volta da fogueira. A cada instante eu me sentia mais convencido de que estava em segurança ali. Já me exprimia sem a falta de ar que me acometera no começo devido ao meu intenso nervosismo. Bastou-me uma hora para convencer vários dentre os Homens- Animais da verdade do que afirmava, e deixar a maioria dos outros numa posição de dúvida. Fiquei sempre alerta para perceber a chegada de minha inimiga, a Hiena- Suína, mas ela não apareceu. De vez em quando um movimento suspeito me sobressaltava, mas minha confiança foi crescendo com o passar do tempo. Então, quando a lua já se aproximava do zênite, de um em um os meus ouvintes começaram a bocejar (exibindo os mais estranhos tipos de dentes, à luz do fogo agonizante), e todos eles, um após outro, foram se retirando para os covis que habitavam no interior da ravina. E eu, temeroso do silêncio e da escuridão, me retirei com eles, sabendo que estava mais seguro no meio de um grupo do que acompanhado de apenas um.

Deste modo teve início a parte mais longa da minha estada na ilha do dr. Moreau. Mas desde aquela noite até o fim de tudo aconteceu apenas um fato que merece ser relatado, e afora ele apenas uma série de inúmeros detalhes desagradáveis, além do desgaste provocado pela minha incerteza permanente. Desse modo eu prefiro não redigir aqui uma crônica desse período, e narrar apenas um incidente crucial dos dez meses que passei convivendo com aqueles brutos semi-humanos. Há muita coisa guardada na minha memória que eu poderia pôr por escrito, coisas que eu alegremente sacrificaria minha mão direita pela chance de esquecer. Mas elas em nada contribuiriam para a narração da minha história. Em retrospecto, é estranho lembrar a facilidade com que eu me adaptei ao convívio daqueles monstros e reconquistei minha autoconfiança. Tivemos nossas desavenças, é claro, e posso mostrar algumas marcas de dentes que me ficaram delas, mas eles logo adquiriram

algum respeito pela minha pontaria no arremesso de pedras e pelo gume da minha machadinha. E a fidelidade do meu Homem-Cão, meu leal são-bernardo, me foi imensamente útil. Descobri que a escala de valores básicos entre eles se fundamentava na capacidade de infligir ferimentos dolorosos. E posso mesmo afirmar — sem vaidade, espero — que isto me conferiu certa preeminência naquele meio. Um ou dois a quem, no calor de uma disputa, machuquei com mais gravidade guardaram

ressentimento; mas esse ressentimento se dissipou, em sua maior parte, às minhas costas, em carantonhas, a uma distância segura das minhas pedras.

A Hiena-Suína me evitava, e eu estava em alerta permanente contra ela. Meu inseparável Homem-Cão também a temia e odiava com intensidade. Acho mesmo que esse sentimento era a raiz do seu apego para comigo. Logo ficou bem claro que aquele monstro também tinha experimentado sangue e tomado o mesmo rumo do Homem-Leopardo. Estabelecera um covil para si mesma em alguma parte da floresta, e se isolara do grupo. Uma vez induzi o Povo Animal a caçá-la, mas me faltava a autoridade necessária para obrigá-los a trabalhar em conjunto visando um objetivo. Vezes sem conta tentei me aproximar do esconderijo e pegá-la de surpresa, mas ela sempre conseguia me ouvir ou me farejar e escapava. Por sua causa, cada trilha da floresta era um perigo constante para mim e para meus aliados, pois podia ser um local de emboscada. O Homem-Cão nunca saía do meu lado.

Passado mais ou menos um mês, o Povo Animal, comparado à sua condição final, parecia ter uma aparência ainda humana, e cheguei a desenvolver uma tolerância amistosa por mais um ou dois além do meu fiel amigo canino. A pequena preguiça cor-de-rosa demonstrava uma esquisita afeição por mim, e me seguia por toda parte. O Homem-Macaco, contudo, me aborrecia. Ele presumia, baseado nos cinco dedos que tinha, que éramos iguais, e me seguia por toda parte, tagarelando as coisas mais absurdas. Uma coisa nele me divertia: tinha uma fantástica capacidade para inventar palavras novas. Acho que havia em sua mente a noção de que dizer palavras sem significado era usar corretamente a linguagem. Ele chamava a isso "o grande pensar", para distingui-lo do "pequeno pensar" — os pequenos interesses comuns da vida diária. Sempre que eu fazia alguma observação que ele não compreendia, ele a elogiava bastante, pedia-me para repetir, decorava-a, e saía repetindo-a por toda parte, errando uma palavra aqui e ali, para os Homens-Animais mais pacíficos. Não dava muita importância ao que era direto e compreensível. Acabei inventando alguns "grandes pensares" bem curiosos para seu uso pessoal. Penso hoje que ele era a criatura mais estúpida que já conheci; tinha desenvolvido, do modo mais espantoso, a estupidez própria de um ser humano sem por isto perder a estupidez

natural do macaco.

Tudo isto ocorreu nas primeiras semanas de minha vivência solitária no meio do Povo Animal. Durante esse tempo, eles obedeceram aos costumes ditados pela Lei,

e se comportaram de maneira decente. Certa vez encontrei outro coelho despedaçado — pela Hiena-Suína, tive certeza —, mas isto foi tudo. Foi por volta do mês de maio que comecei a perceber uma mudança cada vez maior na voz e na atitude corporal deles, uma dificuldade de articulação vocal, um crescente desinteresse em verbalizar. A tagarelice do Homem-Macaco aumentou de volume, mas tornou-se cada vez menos inteligível, cada vez mais simiesca. Alguns dos outros pareciam estar perdendo por completo a habilidade de falar, embora ainda compreendessem, naquele momento, o que eu lhes dizia. Vocês são capazes de imaginar a linguagem, que era nítida e exata, sofrendo um enfraquecimento, desmanchando-se, perdendo forma e sentido, voltando a ser uma mera sucessão de sons? E eles tinham cada vez mais dificuldade para caminharem eretos. Embora ficassem visivelmente constrangidos com isto, de vez em quando eu os surpreendia correndo de quatro, e com dificuldade para retomar a postura vertical. Seguravam agora as coisas de modo desajeitado; bebiam sugando a água com a língua, comiam arrancando pedaços com os dentes, ficavam mais rústicos com o passar de cada dia. Percebi com mais clareza do que nunca o que Moreau quisera dizer ao se referir à "animalidade obstinada". Estavam regredindo, e regredindo bem depressa.

Alguns — os primeiros, notei com certa surpresa, eram fêmeas — começaram a negligenciar as normas de decência, e a fazê-lo de propósito. Outros tentaram infringir publicamente o estatuto da monogamia. A tradição da Lei estava perdendo o seu poder a cada dia que passava. Não quero me alongar num assunto tão desagradável. Meu Homem-Cão foi devagar se metamorfoseando em cão novamente: a cada dia tornava-se menos inteligente, mais peludo, quadrúpede. Mal percebi a transição entre o companheiro que andava ao meu lado direito e o cachorro que trotava me acompanhando. Como o descuido e a desorganização se ampliavam a cada dia, aquela fileira de cabanas, que nunca havia sido o lugar mais saudável, tornou-se tão insalubre que a

abandonei de vez, e indo para o outro lado da ilha construí para mim uma choça de varas, entre as ruínas do cercado de pedra de Moreau. Alguma lembrança da dor, pensei, fazia deste lugar um dos mais seguros contra o Povo Animal.

Seria impossível para mim detalhar cada etapa dessa lenta regressão sofrida pelos monstros; dizer como, dia a dia, a aparência humana os abandonava; como foram se desfazendo do que ainda tinham de ataduras e bandagens, e até das derradeiras peças de roupa; como o pelo recomeçou a crescer em seus membros; como suas testas começaram a recuar e suas mandíbulas a se projetar para diante; como a intimidade quase humana que eu me permitira manter com alguns deles no primeiro mês de minha solidão tornou-se horrível demais para ser lembrada.

A mudança foi lenta e inevitável. Tanto para eles quanto para mim ela veio sem produzir nenhum impacto imediato. Eu continuava a me movimentar em segurança

por entre eles, porque nenhum solavanco em seu lento deslizar declive abaixo fizera deflagrar a carga de animalidade explosiva que a cada dia os afastava da humanidade. Mas comecei a temer que a qualquer momento isto pudesse ocorrer. Meu são-bernardo me seguia até o cercado, e sua vigilância me possibilitava dormir de vez em quando o que eu podia considerar uma noite tranquila. A preguiça cor-de- rosa foi se tornando arredia e por fim me abandonou, retornando a sua vida natural por entre os galhos das árvores. Vivíamos naquele estado de equilíbrio de animais amestrados vivendo juntos na mesma jaula, caso o domador os abandonasse ali e fosse embora.

Claro que aquelas criaturas não se transformaram no tipo de animal que o leitor já terá visto em jardins zoológicos — ursos comuns, lobos, tigres, touros, porcos e macacos. Em todos eles perdurava algo de estranho; em cada um Moreau tinha produzido uma mistura de animais diferentes; um deles era acima de tudo um urso, outro era principalmente felino, outro principalmente bovino, mas cada um era mesclado com outras criaturas — havia como que um animalismo generalizado por baixo dos traços específicos de cada um. E os aspectos fugidios de sua humanidade em extinção ainda me sobressaltavam de vez em quando, como um

recrudescimento momentâneo da fala, uma destreza inesperada no uso dos membros superiores, ou uma melancólica tentativa de caminhar ereto.

Eu também devo ter sofrido estranhas mudanças. Minhas roupas tinham se transformado em trapos amarelados, e através dos rasgões minha pele estava queimada pelo sol. Meu cabelo cresceu, ficando longo e emaranhado. Dizem-me que até hoje os meus olhos têm um brilho estranho, e se movimentam com a rapidez de quem está sempre alerta.

A princípio eu costumava passar as horas do dia na praia do lado sul, esperando ver passar um navio, ansiando e rezando por um navio. Contava com o retorno do Ipecacuanha quando se passasse um ano, mas ele nunca apareceu. Por cinco vezes avistei velas, e por três vezes vi fumaça, mas nunca alguém se aproximou da ilha. Eu tinha sempre uma fogueira pronta, que era acesa nessas ocasiões, mas sem dúvida a reputação vulcânica da ilha serviria como explicação para quem avistasse a coluna de fumo.

Foi somente por volta de setembro ou outubro que comecei a pensar na fabricação de uma jangada. Meu braço já tinha sarado, e eu podia usar ambas as mãos. A princípio, fiquei desanimado pela minha falta de jeito. Eu nunca tinha executado em minha vida qualquer serviço de carpintaria ou algo semelhante, e passei dias e mais dias aprendendo a cortar e amarrar toras de madeira. Não dispunha de cordas, e não encontrava nada com que pudesse vir a fabricá-las; nenhum daqueles abundantes cipós era forte ou flexível o bastante para ter alguma serventia; e toda a cultura teórica de que eu dispunha não me servia de nada para

resolver tais problemas. Passei mais de duas semanas remexendo as ruínas carbonizadas do cercado e da praia onde ficava o abrigo dos barcos, à procura de pregos ou de outras peças de metal que me pudessem ser úteis. De vez em quando alguma das criaturas se aproximava para me observar, e fugia aos saltos quando eu a chamava. Veio então um período de fortes tempestades e de chuvas pesadas que retardaram em muito os meus esforços, mas por fim a jangada ficou pronta. Fiquei orgulhoso dela. Mas, com a falta de senso prático que sempre foi o meu maior problema, eu a construíra a mais de uma milha de distância do oceano, e

quando terminei de arrastá-la até a praia ela já se desconjuntara por completo. Talvez tenha sido melhor do que se eu tivesse conseguido me fazer ao mar com ela, mas naquele momento o desespero pelo meu fracasso foi devastador. Por alguns dias fiquei apenas jogado na areia da praia, olhando para a água e pensando em morrer.

Mas eu não tinha intenção de morrer, e logo ocorreu um incidente que me deu um aviso inequívoco sobre a imprudência de deixar que o tempo passasse assim — porque a cada dia eu tinha mais provas de que ficava mais perigosa minha convivência com os monstros. Eu estava deitado à sombra do muro de pedra do cercado, contemplando o mar, quando fui sobressaltado por alguma coisa fria tocando a pele do meu calcanhar, e ao me virar dei de cara com a pequena preguiça cor-de-rosa, piscando os olhos e me olhando no rosto. Havia muito tempo que ela perdera o uso da fala e certa destreza de movimentos, seu pelo tornavase mais espesso a cada dia, e suas garras estavam maiores e recurvas. Ela soltou um gemido lamentoso quando viu que tinha atraído minha atenção, caminhou de volta até os arbustos e parou, olhando de novo para mim.

A princípio não compreendi, mas logo me ocorreu que ela esperava que eu a acompanhasse, o que fiz, devagar — porque era um dia muito quente. Ao alcançar as árvores, ela trepou galho acima, porque se locomovia melhor ali no alto do que sobre o chão firme.

Segui-a, e ao chegar de repente a um espaço aberto deparei com uma cena tenebrosa. Meu fiel são-bernardo estava no chão, morto, e sobre ele estava agachada a Hiena-Suína, cravando as garras sobre sua carne ainda cheia de tremores, mordendo, arrancando pedaços, rosnando de deleite. Quando surgi, o monstro ergueu seus olhos chamejantes para me encarar, e arreganhou os dentes tintos de sangue, rosnando de um jeito ameaçador. Não senti medo nem escrúpulos; os seus últimos vestígios de humanidade já haviam desaparecido. Dei mais um passo para a frente, parei e puxei o revólver. Finalmente eu encontrava o monstro cara a cara.

Ele não fez menção de fugir, mas suas orelhas se contraíram, o pelo arrepiou-se, e seu corpo assumiu uma posição agachada. Apontei entre os olhos e apertei o gatilho. No instante em que o fiz, o animal saltou sobre mim, derrubando-me como se eu fosse um pino de boliche. Agarrou-me

com sua pata machucada, e golpeou-me o

rosto. O impulso do salto a derrubou sobre mim, deixando-me por baixo da parte traseira do seu corpo, mas felizmente eu tinha acertado o tiro, e o animal morrera durante o salto. Arrastei-me de baixo daquela coisa imunda e fiquei de pé, ainda trêmulo, olhando para seu corpo, que sofria os derradeiros espasmos. Pelo menos aquele perigo não existia mais. Mas era apenas, eu sabia, a primeira de uma série de recaídas que estavam para acontecer.

Fiz uma pira de galhos de mato e queimei os dois corpos. Agora estava claro para mim que, a menos que conseguisse abandonar a ilha, a minha morte era apenas uma questão de tempo. Àquela altura todos os animais, com uma ou duas exceções, tinham abandonado a ravina e criado covis para si de acordo com suas preferências, em diferentes pontos da ilha. Alguns vagavam por ali durante o dia; mas à noite o ar ficava cheio dos seus gritos e uivos. Eu tinha esboçado planos de matar todos — preparando armadilhas, ou enfrentando-os com a minha faca. Se eu tivesse cartuchos em número suficiente, não teria hesitado em começar um massacre. Haveria a essa altura não mais do que vinte dos carnívoros mais perigosos; os mais ferozes já tinham morrido. Após a morte do cachorro, meu último amigo, adotei a prática de dormir apenas durante o dia, para poder ficar de guarda à noite. Reconstruí minha cabana dentro dos muros do cercado dotando-a de uma entrada tão estreita que qualquer invasor só poderia esgueirar-se ali para dentro fazendo considerável barulho. Os monstros tinham esquecido os meios de produzir fogo, e tinham voltado a temê-lo. Voltei a me dedicar, com energia redobrada, à tarefa de emendar troncos e galhos numa jangada rústica para minha fuga.

Tive mil dificuldades. Sou um homem sem a menor destreza manual — minha vida escolar já tinha se encerrado quando os colégios começaram a incluir aulas de marcenaria no currículo —, mas consegui reproduzir de maneira desajeitada a maior parte dos processos de construção de uma jangada, e dessa vez tive o cuidado de fazê-la mais forte. O meu único obstáculo insuperável era o fato de não ter algum recipiente para conduzir a água de que iria necessitar para cruzar esse mar tão pouco navegado. Eu teria tentado até produzir alguma vasilha de cerâmica, mas não havia

argila na ilha. Eu costumava vagar preguiçosamente, tentando descobrir um modo de resolver esse derradeiro problema. Às vezes explodia em acessos de fúria, e despedaçava com o machado alguma árvore indefesa, no meu desespero. Mas nenhuma ideia me ocorria.

E então chegou um dia, um dia maravilhoso, que passei em êxtase. Avistei uma vela a sudoeste, uma pequena vela como a de uma escuna. De imediato acendi uma enorme pilha de gravetos. Fiquei ao lado dela, sentindo o calor do fogo junto ao calor do sol de meio-dia, e observando. Durante o dia inteiro acompanhei com a vista aquela vela, sem comer nem beber, a tal ponto que minha cabeça ficou rodando; e os monstros vinham para me olhar, parecendo espantados, e logo iam

embora. O barco ainda estava distante quando a noite veio e a treva o envolveu, e durante a noite inteira trabalhei para manter minha fogueira acesa e forte, e os olhos dos animais faiscavam assombrados na escuridão. Quando amanheceu vi que ele estava mais próximo, e que era um barco pequeno, de vela suja. Meus olhos estavam cansados de tanto vigiar, e eu forçava a vista, sem poder acreditar no que enxergava. Havia dois homens no barco, ambos sentados, um deles na proa, o outro no leme. Mas o barco navegava de uma maneira estranha. Não se mantinha aprumado com o vento; ficava dando guinadas e desviando-se da rota.

O dia clareou mais, e comecei a agitar na direção deles o que restava do meu casaco; mas não me avistaram, e continuaram sentados, um de frente para o outro. Fui para o ponto extremo do promontório, gesticulei, gritei. Não houve resposta, e o barco continuou seu curso aparentemente à deriva, mas aproximando-se, muito aos poucos, da baía. De repente um enorme pássaro branco alçou voo de dentro do próprio barco, e nenhum dos homens esboçou um gesto. O pássaro circulou no alto e depois deu um voo rasante, com suas enormes asas estendidas.

Depois disso parei de gritar, sentei no chão, com o queixo apoiado nos joelhos e fiquei acompanhando com o olhar. Lentamente, muito lentamente, o barco foi passando diante de mim, rumo ao oeste. Eu poderia ter nadado até ele, mas alguma coisa, uma espécie de vago receio, me manteve ali. Quando chegou a tarde a maré o trouxe mais para perto, e o deixou uns cem metros a oeste do cercado.

Os dois homens estavam mortos. Tinham morrido havia tanto tempo que seus corpos se desfizeram quando inclinei o barco para um lado e os arrastei para fora. Um deles tinha uma cabeleira arruivada como a do capitão do Ipecacuanha, e havia um boné branco, muito sujo, largado no fundo do barco. Quando eu estava ali parado, três animais aproximaram-se sorrateiramente, farejando. Tive um dos meus espasmos de repulsa. Empurrei o barco de volta para as ondas e saltei para dentro dele. Dois dos brutos eram Homens-Lobos, e vinham se aproximando com olhos brilhantes e narinas frementes; o terceiro era aquele horrível híbrido de urso e touro.

Quando eles se aproximaram das carcaças, começaram a rosnar uns para os outros, e vi o brilho de suas presas. Um horror frenético tomou o lugar da repulsa. Dei-lhes as costas, aprumei a vela e comecei a remar para longe da praia. Não tive coragem de me virar para ver o que acontecia na areia.

Naquela noite, encostei o barco ao recife de coral, e na manhã seguinte desci e fui até o córrego para encher o barril vazio que encontrei a bordo. Então, com toda a paciência que me foi possível, colhi uma boa quantidade de frutas, e matei dois coelhos com os três cartuchos que me restavam. Enquanto fazia isto, deixei o barco preso a uma ponta do banco de coral, com receio dos monstros.

XXII

O homem só Parti ao entardecer e rumei para o mar aproveitando uma brisa agradável de sudoeste, avançando devagar, mas com firmeza; a ilha foi ficando cada vez menor, e a fina coluna de vapor foi se tornando uma linha cada vez mais delgada de encontro ao pôr do sol. O oceano se elevava ao meu redor, escondendo dos meus olhos aquela faixa escura de terra. A trajetória radiosa do sol foi se deslocando pela abóbada celeste, passando sobre mim como uma gloriosa cortina de luz, e por fim avistei ao longe aquele golfo de imensidão azul que o dia oculta, e percebi as primeiras constelações faiscando na treva. O mar estava silencioso, o céu estava silencioso; e eu estava ali sozinho, no meio da noite e do silêncio.

E assim vaguei à deriva por três dias, comendo e bebendo com parcimônia, meditando sobre tudo quanto me acontecera, e, na verdade, sem um desejo muito intenso de voltar a me defrontar com seres humanos. Vestia apenas um pano sujo que me cobria o corpo, e meu cabelo estava desgrenhado e endurecido. Não é de admirar que os meus descobridores julgassem que se tratava de um louco. É estranho, mas eu não sentia desejo de voltar para o seio da humanidade. A única coisa que me alegrava era estar livre daquele ambiente doentio entre o Povo Animal. No meu terceiro dia no mar, fui recolhido por um brigue que ia de Apia15 para San Francisco. Nem o capitão nem o imediato quiseram acreditar na minha história, e julgaram que a solidão e o perigo tinham-me feito perder a razão. Temendo que essa opinião deles fosse compartilhada pelas demais pessoas, evitei fazer mais comentários sobre as minhas aventuras, e passei a afirmar que tinha perdido a memória de tudo quanto me acontecera entre a perda do Lady Vain e o momento em que fui achado — cerca de um ano.

Tive de agir da maneira mais contida possível para afastar de mim as suspeitas de que estaria insano. Minha lembrança da Lei, dos dois marinheiros mortos, das emboscadas na escuridão, do corpo no matagal de caniços, tudo isto me assombrava. E, por menos natural que isto pareça, com a minha volta ao convívio humano veio, em vez da confiança e da familiaridade que eu esperava encontrar, uma estranha intensificação da incerteza e do pavor que eu tinha experimentado durante a minha permanência na ilha. Ninguém acreditava em mim; eu parecia tão estranho aos humanos como tinha parecido ao Povo Animal. Devo ter assimilado algo da

selvageria natural dos meus companheiros.

Dizem que o terror é uma doença, e em todo caso posso testemunhar que, já há vários anos, um terror incessante habita minha mente, uma espécie de medo que um filhote de leão semidomesticado deve experimentar. Meu problema tomou uma forma das mais estranhas. Não consigo persuadir a mim mesmo de que os humanos a quem encontro não são também parte de outro Povo Animal, ainda passavelmente humanos, mas em todo caso animais incompletamente forjados à semelhança de almas humanas; e que a qualquer instante eles também podem começar a

regredir, a exibir primeiro este traço de bestialidade, depois outro e mais outro. Mas acabei contando minha história a um homem estranhamente capaz, um homem que conheceu Moreau e que pareceu acreditar em mim pelo menos em parte, um especialista na mente — e ele me foi de grande ajuda.

Embora eu não acredite que os terrores daquela ilha venham um dia a me abandonar por completo, na maior parte do tempo eles se afastam para um canto remoto da minha mente, e se tornam uma espécie de nuvem vista a distância, uma lembrança, uma leve descrença; mas há outros momentos em que essa pequena nuvem se expande até escurecer todo o céu. Nesses momentos, olho em torno e examino meus semelhantes. E o medo se apossa de mim. Vejo rostos que são perspicazes e cheios de energia; outros que são apáticos e ameaçadores; outros desequilibrados, insinceros; nenhum deles exibe a calma autoridade de uma alma impregnada de razão. Sinto como se o animal estivesse querendo brotar dentro deles; e que a qualquer momento a regressão que testemunhei nos ilhéus se reproduzirá aqui, numa escala muitíssimo maior. Sei que isto é uma ilusão, que essas pessoas à minha volta, com aparência de homens e mulheres, são precisamente isto, homens e mulheres, e serão homens e mulheres para sempre, criaturas perfeitamente razoáveis, cheias dos desejos humanos e de afetuosa solicitude, emancipadas do instinto e livres de escravidão a qualquer Lei fantástica — criaturas em tudo diferentes do Povo Animal. E no entanto eu me encolho quando se aproximam de mim, diante de seus olhares curiosos, suas perguntas, sua ajuda, e anseio pelo momento em que estarei longe deles e novamente a sós.

Por este motivo vivo hoje no campo, nas vastas terras baixas, onde me refugio sempre que essa sombra encobre o meu espírito; e é tão pacífico este descampado, aberto aos céus varridos pelo vento. Quando eu ainda morava em Londres, o horror me era quase insuportável. Não podia escapar às pessoas; suas vozes entravam pelas janelas, e as portas, mesmo trancadas, eram uma proteção muito frágil. Eu saía à rua, tentando combater essa minha ilusão, e as mulheres à espreita soltavam miados à minha passagem; homens esfaimados e furtivos me lançavam olhares de inveja, operários pálidos passavam por mim tossindo, com os olhos cansados e passos forçados como cervos feridos gotejando sangue;

velhos, encurvados e surdos,

passavam murmurando consigo mesmos, levando atrás de si um grupo de moleques que os insultavam. Eu procurava refúgio no interior de uma capela, e mesmo ali, tal era minha perturbação que aos meus olhos o pregador parecia estar papagueando um "grande pensar" tal qual o Homem-Macaco; ou eu entrava numa biblioteca e ali os rostos concentrados sobre as páginas me lembravam predadores pacientes aguardando sua caça. Especialmente repugnantes eram os rostos vazios e inexpressivos das pessoas nos trens e nos ônibus; não pareciam ser meus semelhantes, não mais que um cadáver o seria, a tal ponto que eu não me atrevia mais a pegar um transporte a menos que tivesse a certeza de estar sozinho ali. E às vezes me parecia que nem eu mesmo era uma criatura racional, mas apenas um animal a mais, atormentado por alguma estranha desordem no cérebro que o impelia a vaguear sozinho, como uma ovelha doente.

Mas este é um estado de espírito que hoje em dia — graças a Deus — só me acomete raramente. Afastei-me do tumulto das cidades e das multidões, e passo os meus dias cercado por livros, que são como janelas luminosas nesta vida, iluminadas pelas almas de homens sábios. Vejo poucos estranhos, e tenho um pequeno número de criados. Dedico meus dias à leitura e a experimentos de química, e passo as noites em claro a estudar astronomia. Existe, embora eu não saiba como existe ou por que existe, uma sensação de infinita paz e segurança na contemplação dos céus estrelados. Deve existir, penso eu, nas vastas e eternas leis da matéria, e não nos problemas cotidianos e nos pecados e sofrimentos dos homens, aquele algo em que a parte de nós que é mais do que um mero animal encontra seu alívio e sua esperança. Tenho esperança, porque sem ela não conseguiria viver. E assim, entre a esperança e a solidão, dou por encerrada a minha história.

EDWARD PRENDICK

Notas 1. Porto do Peru.

2. Porto ao norte do Chile 3. A Medusa era uma fragata francesa que naufragou em 1816; mais de cem passageiros escaparam numa jangada,

mas só quinze sobreviveram. O episódio foi tema de um quadro famoso do pintor Géricault.

4. A ipecacuanha é uma raiz cuja infusão induz o vômito. Montgomery está se referindo ao enjoo produzido pelo mar.

LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

www.literamundo.com.br